

CRÔNICAS DE
Lucy Teixeira

CENAS DO COTIDIANO DE SÃO LUÍS - 1947



EDIÇÕES AML

CERES COSTA FERNANDES
(Organizadora)

OBRA DIGITADA POR: APROVA MENTORIA

ARQUIVO DIGITADO PARA FINS DE ESTUDO.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS AO AUTOR ORIGINAL.

Apresentação

DA BAGAGEM CULTURAL E LITERÁRIA ADQUIRIDA POR LUCY TEIXEIRA ANTES DE SEU RETORNO A SÃO LUÍS EM 1946.

A cultura e a arte de Lucy Teixeira apresentam múltiplas faces. Enquanto esteve no eixo Minas Gerais/ Rio de Janeiro, de 1942 a 1946, estudando Direito em Belo Horizonte ou realizando breves viagens à Capital Federal, Lucy não apenas integrava grupos de escritores de tendências pós-modernas, como também frequentava círculos de artistas plásticos, fazia suas incursões na pintura e escrevia crítica de arte, mantendo contatos constantes com artistas da área.

O amor pelas artes plásticas fez Lucy aproximar-se de pintores e escultores em todos os lugares onde viveu. Nos primeiros anos de Sudeste, tornou-se amiga de muitos deles, em especial de Mário Pedrosa, seu mentor, crítico de arte, pintor, porta-voz de grupos de vanguarda, político de tendências esquerdistas, crítico do Concretismo, espécie de guru das artes plásticas. Entre tantos trabalhos e sucessos pelo mundo, ele trabalhou no Museu de Arte de New York, dirigiu o Museu de Arte de São Paulo (MAM) e colaborou na criação do Museu de Arte do Rio de Janeiro (MAR). Foi mentor e porta-voz do movimento de vanguarda carioca do Neoconcretismo.

Em Belo Horizonte, Lucy Teixeira conviveu com a nata da intelectualidade jovem de Minas Gerais, Otto Lara Resende, Fernando Sabino, Murilo Rubião, Paulo Mendes Campos, seus amigos que, mais tarde, comporiam o famoso grupo mineiro, pertencente à chamada terceira geração modernista ou pós-moderna. Além do grupo mineiro, ela interagiu com vários expoentes da literatura nacional, tais como, Manuel Bandeira, Oswald de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Rubem Braga e Ciro dos Anjos, enquanto escrevia em jornais e revistas do Sudeste.

Portando essa alentada bagagem cultural, quando retornou a São Luís, no final de 1946, Lucy depara-se com o mundo literário

local inspirando suas produções no Parnasianismo e no Romantismo. Um grupo de jovens intelectuais da terra, composto por escritores e artistas plásticos lutava pela renovação das artes e contra a estagnação da literatura e da cultura maranhense. Entre eles, os pintores Floriano Teixeira, Cadmo, Pedro Paiva; os escritores Bandeira Tribuzi, José Sarney, Lago Burnett, Luís Carlos Bello Parga e, mais tarde, Ferreira Gullar. Lucy une-se aos componentes deste e de outros grupos.. Segundo José Sarney, torna-se, juntamente com Tribuzi, mentora intelectual dessa renovação. O interesse de Lucy abrangia não apenas a literatura, mercê de sua forte ligação com as artes plásticas, envolveu-se também com interessados nessa área.

DE COMO ERAM AS CRÔNICAS DE LUCY, SEU HISTÓRICO E DESENVOLVIMENTO.

Lucy trouxe na sua bagagem a experiência de colaborar com crônicas, contos e reportagens nos periódicos e revistas literárias mineiras e cariocas, onde sempre conquistava prêmios literários. José Sarney, no seu discurso de recepção a Lucy na Academia Maranhense de Letras, em 1979, menciona 13 prêmios literários, ganhos durante essa temporada no Sudeste, mesmo sem ela ter nenhum livro publicado. Não tarda, começa a colaborar no maior jornal de São Luís, O Imparcial, pertencente aos Diários Associados de propriedade de Assis Chateaubriand. Sob o pseudônimo de Maria Karla e, às vezes, assinando o próprio nome, ela passa a escrever crônicas diárias no jornal e, depois, recebe a incumbência de coordenar uma página literária, aos domingos, onde os poemas de Bandeira Tribuzi são divulgados na imprensa maranhense pela primeira vez.

Lucy escreveu, de 1947 a 1949, artigos diários no jornal O Imparcial, no pequeno espaço que lhe era reservado em meio a anúncios comerciais e destaques da vida em sociedade, como era costume na diagramação dos jornais da época. Muitas vezes, o artigo começava em uma página e terminava em outra. Entre os pequenos escritos há crônicas metafísicas, crônicas informativas, crônicas de pura prosa poética, minicontos e crítica literária e artística.

A IMPORTÂNCIA E A INFLUÊNCIA DAS CRÔNICAS DE LUCY TEIXEIRA PUBLICADAS NO JORNAL O IMPARCIAL NO COTIDIANO DA CIDADE DE SÃO LUÍS.

Em 1947, apesar da concorrência do rádio na preferência do público, o jornal permanecia um importante instrumento de comunicação. Composto a tríade, o cinema americano pós 2ª Guerra florescia, em pouco tempo ele seria dominante no mundo do entretenimento. Nada disso, porém, alterava o prestígio, o lugar reservado ao jornal impresso, lido por todos, intelectuais, políticos ou donas de casa. Os jornais eram esperados com ansiedade cada manhã, e seus cronistas e comentaristas eram figuras lidas, acatadas e admiradas. Leitores escreviam a Lucy, sugerindo e debatendo os assuntos das crônicas e, curiosamente, pedindo conselhos para a sua vida doméstica e amorosa.

Os assuntos dos pequenos textos variavam tanto quanto os tipos de crônica: o preço dos ovos, a serventia de um abrigo para passageiros dos bondes, recém-construído na João Lisboa (cabe ressaltar aqui a importância dos bondes, único meio de transporte público da época, utilizado por todas as classes sociais) e os pequenos acontecimentos decorrentes desse fato; a inauguração de um Salão de Artes sob a ótica de sua crítica abalizada; a chegada de artistas de outras regiões do país a movimentar a vida cultural da província ou, simplesmente, a exposição de sentimentos miúdos, nada grandiloquentes (as melhores), pequenas perdas, dúvidas banais, frustrações do dia-a-dia, flashes da cidade, um dia de trabalho na Praia Grande, os anti-heróis do cotidiano, tipos populares, deliciosos minicontos, digressões sobre nada. Tudo é matéria de literatura para Lucy Teixeira. Seus escritos constituem importantes peças que formam um grande mosaico da vida cotidiana da cidade de São Luís à época...

O leitor, ao se deparar com estas crônicas, vai embrenhar-se nesse pitoresco mundo de São Luís do Maranhão do pós-guerra, no ano de 1947, levado pelo olhar perscrutador e diferenciado de Lucy e embalado por sua deliciosa prosa poética. É forçoso reconhecer que, mesmo nos primórdios de sua produção literária, a grande escritora já estava presente...

Ceres Costa Fernandes

Professora e escritora

Prefácio

Cá com meus botões, estou aqui pensando o quanto me honra apresentar um livro editado pela congreira Ceres Costa Fernandes e – ainda mais - de crônicas escritas por Lucy Teixeira, esta escritora maranhense de cujas imagens guardo, entre memória e imaginação.

Lucy Teixeira frequentou nossa casa, conversando com minha mãe, Sonia Almeida, com quem trocava histórias cheias de humor e curiosidades, numa amizade breve, porém cheia de admiração. Outras vezes, os encontros eram no antigo Hotel Quatro Rodas, onde a escritora de Elegia Fundamental morou por anos. Na pauta, em alguns momentos, a campanha vitoriosa de mamãe para a Academia Maranhense de Letras, da qual Lucy foi entusiasta, ao lado de Jomar Moraes.

Baixinha, Lucy tinha olhos brilhantes. Sempre a via bem arrumada, com os cabelos jamais por fazer. Seu carisma era inversamente proposicional a sua estatura física. Teixeira foi imensa tanto na literatura, quanto nas artes plásticas. Sim, ela também pintava. Uma mulher multicultural e cosmopolita, era do mundo. Logo bem cedo, foi estudar Direito em Minas Gerais, onde passou a exercer atividades literárias e a privar com escritores como Fernando Sabino, Murilo Rubião e Otto Lara Resende. Morou também no Rio de Janeiro e na Itália, o que não lhe fez deixar de escrever para os jornais de sua terra natal. Além da família, mantinha no Maranhão elos fraternos com Bandeira Tribuzi, Ferreira Gullar, Belo Parga e José Sarney.

Ao ler as crônicas selecionadas por Ceres Costa Fernandes, faço essa espécie de exercício de relacionar o que leio com o perfil que de Lucy Teixeira produzi, em meio às lembranças que trago daquele tempo, em torno de 2006, há quase vinte anos.

Por tomar a atitude de fazer as crônicas de Lucy ascenderem aos degraus do tempo, a querida escritora - e maior biógrafa de Lucy Teixeira - Ceres Costa Fernandes enaltece, sob os preceitos acadêmicos, o valor imortal da cronista para que sempre seja lembrada. Ou melhor, para que jamais seja esquecida.

Ceres, nesta coletânea, expõe a literatura como vitrine cultural das cenas de um cotidiano que se deu, todavia permanece nas letras de Lucy Teixeira. As crônicas particularmente tiram a poeira debaixo dos tapetes. Abrem clareiras, a fim de soprar luzes dentro de densas paisagens. Trazem para a discussão o valor das coisas mais aleatórias que nos parecem existir desde sempre ou que, se também não existissem, nem fariam falta, mas que, no bem pensado da crônica, fazem toda a diferença.

Sendo de Lucy Teixeira, as crônicas abrem a curiosidade do leitor porque a escritora, essa franzina grande mulher, explorou muitos espaços que a ela conferiram riqueza de observações que colecionava para suas escritas, fosse "uma árvore que se viu numa rua deserta, folhas verdes à passagem da brisa dando sombras no chão como rendas inquietas. Não se sabe mesmo em que época, em que distância no tempo colocá-la".

Aplausos de pé à congreira Ceres Costa Fernandes por nos oferecer este "je ne sais quoi".

Daniel Blume

Membro das Academias Ludovicense
e Maranhense de Letras

O CANTO DA CHUVA

03/01/1947

Quando chove assim leve, macio, sem ruído do, as vidraças ficam orvalhadas e, dentro de casa, as vozes tendem a acompanhar o ritmo sempre igual da chuva. Se a mão escreve, traça na folha palavras finas, cujo colorido atinge a consciência com hesitações de bruma, de neblina que não se adensa, de véus que esgarçam aos poucos, em refinamentos amortecidos.

Paisagens antigas aproximam-se incompletas, hiatos sentimentais no trabalho cotidiano. Às vezes, é uma árvore que se viu numa rua deserta, folhas verdes à passagem da brisa dando sombras no chão como rendas inquietas. Não se sabe mesmo em que época, em que distância no tempo colocá-la. Sua existência é qualquer coisa solta na lembrança assim talvez como uma asa de pássaro que, súbito, se inclina e risca o espaço para negar-se ao longo no horizonte. Além da árvore, certas mãos anotando a brancura maior do mesmo espaço numa tarde remota. Tiveram gestos, mas repousaram no colo finalizando o silêncio iniciado nos lábios, entre um sorriso e uma palavra azul, onde situá-las, porém? Todas as tardes são remotas, todas as noites são perdidas. A chuva parece fecundar o lado cinzento da memória, violoncelos murmuram sons encobertos e misteriosos.

Rosa, conversa, lareira já não definem a amiga. Numa grade, via-se o bordado e os dedos ágeis continuavam o milagre dos lírios, das rosáceas para a capela. Chovia talvez como hoje, mas as janelas abertas deixavam o odor da terra molhada subir para o quarto e ali ficar numa ronda invisível.

Quando cessar de todo o ritmo, o mundo parecerá novo e brilhante e a cúpula do céu se erguerá fornecendo a ilusão dum tempo livre. Agora não. O canto persiste ainda sem variações perceptíveis. E chegam, aos lábios, o aceno de versos macios como seda:

Pour un coeur que s'ennuie

Ô le chant doux de la pluie...

Il pleure dans mon coeur (Verlaine)

CIÊNCIAS BANCÁRIAS

04/01/1947

A história segue assim: um oficial canadense, Mr. Malieri, animado com os progressos de sua empresa, permite à sua filha, Miss Lillian, um estágio nos Estados Unidos, a fim de que a moça, ao adquirir melhores conhecimentos venha ajudá-lo com mais eficiência. Aprovada a resolução pelo conselho familiar, Miss Lillian segue para os Estados Unidos, onde, naturalmente vai procurar dirigir suas atividades no sentido de aprender as ciências bancárias.

À volta de números e solenes mestres andou a moça cerca de um ano. Neste período não faltaram *dates*, nem *adventures* com o colega do curso de contabilidade ou de História do Comércio. Mr. Malieri, porém, começou a achar que o tempo era suficiente para o aperfeiçoamento das referidas ciências e fez entender à moça o desejo de um próximo recâmbio.

Miss Lillian que já estava achando aquele negócio de ciências bancárias meio contramão, persistiu em ficar nos Estados Unidos, movida aliás pela vontade súbita de... ser estrela de cinema. Afinal, pelo que se deduz, seus dotes artísticos não são para ser desmerecidos. De Hollywood contrataram-na para tomar parte num filme histórico no qual representará o papel da Infanta Catarina de Portugal.

Foi grande a mudança de pendores vocacionais, deixem-nos comentar. Do comércio à arte há grandes distâncias, e só mesmo a força misteriosa de uma vocação pode justificar resoluções tão estranhas como a que apresenta caso tão recente.

E Mr. Malieri não deve ter ficado lá muito satisfeito com a solução imprevista: a arte frustrara-lhe os planos e levara-lhe a filha para a cidade do cinema. Nem mesmo Miss Lillian, por sua vez, não está levando a melhor que se a nova carreira traz glória e dinheiros escraviza também de um certo modo chegando a intervir no plano de vida íntima de cada artista cinematográfico. Não há dúvida que com Mr. Malieri a segurança era maior.

Somente os fãs têm a lucrar com o episódio doméstico
entrevisto com concisão de um telegrama. É que teremos mais uma
estrela a admirar, por desvio, aliás, de vocação...

UM POETA E UM CRONISTA

14/01/1947

Dois maranhenses, um poeta e um cronista, publicaram ano passado, no Rio, respectivamente um livro de poesias e outro de crônicas. Chamam-se os moços Oswaldino Marques e Franklin de Oliveira.

Os críticos já se manifestaram a respeito dos livros dos nossos conterrâneos. "Sete Dias" e "Poemas Quase Dissolutos", ora citados como trabalhos de real valor. No entanto, a nossa cidade que é a cidade de Franklin e de Oswaldino (estamos falando em família) pareceu não sentir o esperado e merecido júbilo pela vitória dos moços, já que nenhuma voz se ergueu para levar aos maranhenses ausentes a palavra de estímulo e os parabéns sempre maiores e mais cheios de significação espiritual por procederem da terra estremecida. Nem as livrarias colocaram em suas montras os livros dos nossos amigos e companheiros pela identificação mesma de ideais.

O fato é para pasmar. Pois imaginem que em se folheando, ao acaso, seções de livros de revista do sul estamos a encontrar pedidos de "Sete Dias", oriundos de recantos os mais longínquos do Brasil como Ponta Porã, Jataí (Goiás), Rio Pardo (?), Curitiba, etc.

E se com prazer revelo conhecer o livro de Oswaldino Marques (gentileza cativante do autor), tenho infelizmente a confessar o desconhecimento do livro de Franklin de Oliveira.

Mas o caso, como veem, é especialmente um caso de coração. Que não se trata aqui de deixar ao esquecimento propositado acontecimentos que não merecem ser anotados: lá fora recebem os moços aplausos denunciadores de vitória. Será que a nossa São Luís permanece, para me valer de uma imagem do novo poeta maranhense, como a "Cidade de Altos Muros"? Se assim é perguntamos nós que lhe sentimos, tão próximos, os movimentos da velha e grande alma:

"Quem silenciou os teus carrilhões de ouro, ó cidade de altos muros?"

GAIVOTAS BRANCAS

15/01/1947

Na manhã clara, céu de azul tranquilo, o N mar deve ser visto do alto das janelas que, abertas, deixam recortados os rostos finos, olhos magoados pelo cansaço, mãos abandonadas no intervalo breve do repouso. A linha do horizonte é sempre a mesma, o plano da paisagem roça o olhar sem feri-lo, mas o mar e as gaivotas se encarregam do deslumbramento novo e vário. Já viu, realmente, o movimento das ondas? Marulhos às vezes parecem harpejos leves em rápidos intervalos. Há também ressonâncias graves quando o vento passa em inflexões lentas e descuidadas. A cor varia sendo que em manhãs tão límpidas é o verde que se alastra em tons intensos e móbeis. É o ar, de tão leve, parece realçar os objetos mínimos. Assim se destacam no espaço puro duas asas brancas cuja trajetória o olhar prefere. Uma gaivota voa sobre o mar: de repente alça-se, um impulso súbito para mergulhar, ágil, nas águas verdes e subir depois tecendo contra o azul, desenhos rápidos em curvas invisíveis. Eis o símbolo maior da liberdade praticável somente pelos pássaros dentro da vida e no sonho vegetal nas noites densas. Compreendeu-o muito bem aquele que, talvez numa contemplação igual, numa janela em manhã de domingo assim escreveu, lírico e impulsivo:

"Livre, bem livre, sem prisão nem teto,

Eu corto os ares, passarinho inquieto.

Livre, bem livre, sem prisão nem teto".

Gaivotas brancas tornam-se agora manchas mínimas entre as cores fortes. Em seguida serão pontos e se anularão na distância percorrida. No entanto, a sombra dos grandes voos não persistirá. Os pássaros que alto veem não trazem para o mar ou para a terra a ausência da luz meridiana. E o fato tão simples é rico de significados na sugestão emocional: aqueles que permitem ao

espírito a felicidade dos grandes voos, não deixam, de modo algum, sombra ou penumbra porque no caminho percorrido ainda é a luz da lembrança da viagem realizada.

"Livre, bem livre, sem prisão nem teto..."

CANDEIA

16/01/1947

Foi devido a gentileza de Cleômenes Campos, esse grande poeta, que recebi, com dedicatória, o livro de José Lannes: "Candeia". E como o encontro com a poesia faz necessariamente o desejo de apresentá-la não me pude calar, preferindo assim, em vez da nossa conversa habitual dizer aos cultores e apreciadores da poesia, ambos poetas, seguindo a declaração de Anatole France, "O poeta não é só aquele que engasta num verso um belo pensamento, mas também aquele que sabe intensamente compreender e sentir aquilo que o poeta escreveu" - preferiria falar dizia eu da presença de um lírico, de um artista cuja qualidade maior é a interioridade sugestiva e rica manifestada através de rara delicadeza. Alia-se, ainda, a este traço caracterizante de sua arte, uma técnica apurada reveladora da virtude assaz da paciência no momento em que o dom da improvisação formal passou a ser também virtuosidade poética.

José Lannes, já devem ter compreendido, não é um modernista justamente porque a sua arte se afirmando de maneira decisiva e consciente dispensou a necessidade de experiências em geral mais aleatórias e enganosas do que úteis ou lucrativas para uma alma simples, serena e complacente como é a do poeta sulista. Se nos deslumbramos diante de sua poesia o motivo não vem de arroubos de expressão, de transbordamentos excessivos. O que há, o que encanta, antes de tudo, é essa estranha harmonia, a ternura, a elegância de poemas banhados de luz suavíssima como "Anseio", canção quase inútil para um amor que ama tão pouco... Por sua vez, "Confissão", "Numa Estranha Alameda" e "Vana" (que nome original!) são sonetos que desde já se impõem à admiração da crítica de nosso país. Não fosse o pequeno espaço da seção transcreveria aqui alguns poemas mais lindos de "Candeia", Entretanto, essa pequena obra prima que se intitula "Mudança", não vai ficar desconhecida para o leitor: abro espaço para copiá-la.

"... Minha vida é tão vazia

que não vivo nem um dia",

Isto o coração pensava...

E o que por ele dizia

a língua, como soía, por sua conta dobrava...

Mas os olhos o desgosto...

de curar sempre curando

se pasciam... senão quando

quedaram no nosso rosto...

E males que não havia,

Desde então foram provados.

E a vida que era vazia,

Ficou cheia de cuidados...

Sei que a acharam lindíssima e certamente concordarão comigo na sugestão despretensiosa: eis uma poesia a pedir notas e claves que é evidente a urgência de contá-la.

OCEANUS NON DISSOCIAT

18/01/1947

Até agora nada foi divulgado a respeito da nova propulsão; tudo continua ignorado uma vez que esta outra modalidade de força propulsiva traz consequências milagrosas exigindo o completo sigilo de seu inventor, Carlos Alberto Florentino. Acontecimento de alcance tão extraordinário não deve mesmo ser explicado a qualquer pessoa, não nos referindo aqui à garantia do invento pelo seu registro no departamento competente, mas aos perigos que o mau uso da nova locomoção aquático - pedestre trará àqueles menos dotados de senso comum, de sentimentos pátrios e de desejos excessivos de conquistas.

Caminhar sobre as águas deve ser realmente uma coisa maravilhosa. A expressão de crescente liberdade dar-nos-á outra expressão transfigurando-se interiormente o nosso eu, dotando-nos de uma plasticidade psicológica maior do que a que já nos assegura a própria base étnica. Além disso, algo de divino se refletirá com mais decisão no homem pelo menos em efeitos exteriores. A travessia do Mar Vermelho não se realizará a pés enxutos, claro, mas em compensação o poder divino não precisará intervir na locomoção das referidas águas.

Passearemos em grandes grupos ou solitariamente, conforme a nossa índole, sem pressa, descansando aqui e acolá, em pousos marítimos, pássaros a esvoaçarem sobre as nossas cabeças, cada vez mais acostumadas à inofensividade da nossa presença. Marcaremos assim encontros os mais diversos, no Atlântico, no Pacífico ou no Golfo de Aden, sendo apenas necessário comuniquemos ao nosso amigo (a) o ponto de encontro, como por exemplo, referências desta natureza: cerca de três milhas ao norte da Ponta de São Francisco...Não, não estamos delirando. Reconhecida a realidade do invento, posta à venda o mágico vestuário o que nos impedirá de fazer do mesmo o uso que nos convier? Somente ao poder público caberá a delimitação do emprego do invento e essa ação delimitadora atingir-nos-á, creio,

apenas no plano de policiamento das águas. Tão pouco o mar agitado constituirá motivos para receios. Sob o novo uniforme caminharemos horas a fio e resistiremos às chuvas e temporais.

Dessa vez, se o invento do brasileiro rio-grandense for adiante a expressão latina "Oceanus non dissociat" poderá ser tomada ao pé da letra e não exclusivamente num sentido espiritual ou ideal.

"Oceanus non dissociat..." E haverá mais caminhos no mar do que na terra.

IV SALÃO ARTUR MARINHO

19/01/1947

De um modo geral a impressão que se tem ao contemplar os quadros expostos no hall da Faculdade de Direito é a de revelação artística de jovens maranhenses. Assim, não podemos concluir que os expositores conterrâneos (com exceção dos veteranos, é claro) estejam a afirmar agora suas personalidades estéticas de modo decisivo onde possamos avaliar com segurança e clareza qualidades e defeitos de uma posição ou de um caráter pessoal no plano artístico. Por outro lado, declaramos sem hesitação o talento dos moços maranhenses adiantando, aliás, que o seu problema se resume apenas numa orientação mais continuada à qual se alie o amparo dos poderes públicos. Telésforo Rego, artista que reúne os expositores do presente salão, tem sido para os moços de nossa terra um mestre vontadoso e desinteressado de qualquer glória pessoal. Entretanto ocupações outras não permitem ao pintor maranhense convivência maior com seus companheiros de ideal e já é mesmo com sacrifício de sua própria arte que ele consegue manter esse ambiente de aproximação entre os moços. Contemplando os seus quadros podemos observar a mesma paciência caracterizadora dos seus trabalhos anteriores. Sua arte não se improvisa, é sincera e consciente, apenas se ressentindo talvez de horizontes mais altos em que o leve sopro da inspiração pudesse revelar a luz interior do seu espírito. Isto, porém, não é somente uma conquista do ser, é necessário que se propicie ao artista um ambiente de despreocupação das coisas da vida banal. Só assim, poderão eles, os sacerdotes da Arte criar a beleza na objetivação de seus trabalhos. E como Telésforo Rego já é um nome conhecido em nosso meio dispensando outras impressões que não essa de há pouco, voltaremos a falar dos moços, despreziosamente, com o desejo de animá-los a prosseguir no caminho que escolheram.

Salientemos, pois, Torres Filho e Ambrósio. O primeiro é um urbanista. Seus quadros melhores são os apanhados em Alcântara, neles se pode observar com intensidade a riqueza de um talento

que envolve (?) certas telas reproduzindo aspectos de nossa capital apresentam qualquer minudência excessiva prejudicando, em parte, a harmonia do trabalho em relação ao colorido. Ambrósio, em contraste com Torres Filho, apresenta um jogo de cores mais vivas e surpreendentes; é inata sua tendência modernista mas não convém abandonar a "velha escola" enquanto não conseguir independência do desenho uma vez que, ao contrário do que se pensa, o artista modernista consciente estuda desenho como qualquer outro ou talvez mais dada à complexidade e o caráter fechado para muitos obscuro, do modernismo. É preciso que os instrumentos sejam mais livremente dominados e mais aptos para "manipular", por exemplo, objetos quotidianos em sua valorização em humanização. Que se arrisquem os moços em experiências mais ousadas, todavia sem precipitação afim de que não se percam no labirinto das suas próprias cogitações, desperdiçando energia e valor.

(Continua)

IV SALÃO ARTUR MARINHO

21/01/1947

(Continuação)

Galeria Cônego Osmar - Pintura de caráter mais decisivo verificando-se a serenidade de um espírito observador. "O retrato de moça", porém revela outras qualidades que nos fazem acreditar em novas possibilidades do artista; não o restringimos assim exclusivamente à paisagem, achamos até que a mesma poderá limitá-lo, sufocando-lhe os pendores para um expressionismo humano rico de atrações.

Benedita é uma artista vontadosa. Sua pintura se prova através de uma delicadeza em que o temperamento feminino é mais forte. Com dedicação e perseverança, poderá perfeitamente definir-se apresentando qualidades dignas de louvor. Aliás, o seu quadro "Araçagi" já deixa antever um talento brilhante.

Relativamente à arte aplicada, pouco podemos dizer pelo desconhecimento das qualidades da referida arte. Também, não nos achamos com o direito de manifestarmo-nos positivamente a esse respeito. A Srta. Rosa e demais expositores que apresentaram trabalhos dessa natureza têm decerto o seu mérito pois não há montra de caráter "gratuito" no salão verificando-se em todos os colaboradores dessa exposição a presença da tendência artística que a firmará dependendo decerto de paciência e de direção mais inteligente.

R. Santos é outro promissor na relação. Ele é antes de tudo um paisagista. Seus quadros refletem a paixão pela natureza, o embevecimento maior numa interpretação às vezes demasiadamente romântica. Mas todo o trabalho do artista caxiense deve ser admirado tendo-se em conta a seguinte observação: R. Santos não tem escola nem qualquer (ininteligível).

Os desenhos apresentados pela Escola Técnica, bem como o do sr. Inácio Goulart são muito bem realizados, notando-se equilíbrio e segurança na composição dos mesmos.

Enfim, todos os artistas estão de parabéns não só pela prova de trabalho e dedicação que nos ofereceram como ainda pela cooperação, boa vontade e espírito de solidariedade, contribuindo assim para maior brilhantismo do salão. Aqui, pois, cumprimos o prof. Telésforo Rego pela grandeza da iniciativa e com ele nos congratulamos sinceramente.

O CIRCO

23/01/1947

A presença do adulto no circo é uma tentativa de encontro com a infância. Mas durante todo o espetáculo o que nos vai chegando à alma é a realidade da criança perdida e é com inconsciente e trágico desespero que descobrimos a nossa incapacidade de rir com eles. Nunca mais teremos aquela estrepitosa e louca alegria do menino moreno no alto da arquibancada. Estamos sentados em responsáveis cadeiras numeradas, somos míopes, usamos brincos e leques, e o homem que o destino faz sentar ao nosso lado é longo e fúnebre, passa continuamente no rosto um grande lenço azul. Poreja-lhe o suor na fronte, enquanto tenta o riso impossível.

Oh, que palhaço mais sem graça - reflete, acendendo um cigarro. No meu tempo não era assim. Mas, a criançada em desmentido, grita e bate palmas lá em cima e o palhaço já se desmancha em medidas para nós ridículas. Ridículas... Que facilidade a do adulto para sentir o ridículo, que contínuo envergonhar-se do coração como se ele fosse apenas o atestado de uma insuficiência a priori condenável e não contivesse o ensinamento maior da palavra que nós conspurcamos.

O moço equilibrista é louro e forte. Move-se no trapézio como se fosse a cada momento despencar-se. De repente, a orquestra que o acompanhava suspende o breve ritmo. E o moço se desprende e volta e vai... Rompem as palmas, ouve-se a velha marcha em estribilho, o palhaço dança na arena. Longo e fúnebre o homem contrai os lábios, não se assustou. Murmura-me ao ouvido: "Descobri o truque" E dito isto sofre.

Que fazemos nós dentro daquela coisa grande e marrom? Certamente não pertencemos à plateia, nem, ao menos tomamos parte no espetáculo. A cara pintada de branco e vermelho não traz as exclamações de um tempo agora imóvel e impenetrável.

(Hoje tem espetáculo? - Tem sim senhor - As oito horas da noite? - Tem sim senhor...)

À saída, porém, uma menina alegre viva e súbita pergunta a alguém que lhe segura a mão: - Papai você me traz de novo? O palhaço é tão engraçado... Você viu a cara dele? Parece uma estrela...

SIS RAVNANGER

26/01/1947

Moços noruegueses jogaram futebol com os motenses. O escore de 10x0 a favor do moto foi alcançado sem grande esforço, o jogo constituiu mais um trabalho para os nossos do que propriamente uma séria peleja.

Os esportistas noruegueses, cremos nós, só se surpreenderam de início, com a superioridade dos invictos campeões do norte não se deixaram abater de ânimo, isso porque o que lhes moveu a entrar no campo foi o espírito de cordialidade, o desejo de sentir a terra tão distante para quem vive no mar e para o mar. Receberam assim os náuticos do S/S Ravnanger uma derrota que absolutamente não os desvanece tendo-se em vista o meio, ambiente e costumes tão diversos dos nossos. Um campo. Um campo de futebol não lhes é familiar, está se vendo.

Nós que assistimos à peleja já no fim, estávamos a desejar que Moto permitisse ao menos um gol... e, isso, sem sentir qualquer diminuição da nossa simpatia pelos craques maranhenses.

Entretanto pouco adiantou a torcida de última hora. Perderam a zero os louros rapazes do país distante. Uma das causas principais que concorreu para tal decisão foi, ao nosso ver, a falta de destreza nos movimentos. Dir-se-iam os noruegueses mais pesados, vagarosos, mais ausentes da pelota malgrado a aparente superioridade física. E é nisso justamente que os brasileiros levam a melhor.

A agilidade de espírito está a se refletir na realização de movimentos combinados... Temos assim a resposta pronta, o gosto exato, o silêncio oportuno. Essa plasticidade psicológica já observada algures veio à prova e à nossa lembrança naquela tarde no campo de esporte. Por isso é que ainda acreditamos em maiores vitórias para o selecionado maranhense num futuro talvez não mui distante.

Que os jogadores noruegueses, por outro lado, levem de nossa terra a certeza de que foi um prazer verdadeiro, abstraindo-nos de nossa vitória, a curta, mas agradável convivência que os brasileiros puderam ter com eles. Desejamos assim feliz travessia ao S/S Ravnanger e viagem bonançosa aos moços de terra ausente e tão longínqua...

THERE ARE MORE THINGS...

28/01/1947

As misteriosas palavras de Hamlet e Horácio no primeiro ato shakespeariano vieram-nos à mente depois da visita que fizemos ao prof, Isnard Lima, presentemente em nossa capital.

O professor Isnard é ainda jovem, embora certo ar de prematuro cansaço empane-lhe vez em quando as feições. Todavia não é uma pessoa de atitudes dúbias ou de gestos encenadores. Simples e comunicativo, dispensa de início qualquer protocolo de modo que logo ficamos à vontade assim podendo realizar algumas perguntas, se caracteristicamente jornalísticas, nem por isso menos afirmadoras de nossa curiosidade...

A primeira coisa que nos surpreendeu neste rápido encontro com o professor dado às cogitações da alma (que me relevem a franqueza de expressão) foi a sua polimorfa cultura. Nos temas de palestra à queima roupa improvisados recebemos respostas imediatas e argumentos lógicos e interessantes. História, medicina, psicologia e um vasto conhecimento de psicanálise dão a essa personalidade onde o grau de indução é verdadeiramente assombroso, relevo e distinção maior. Mas o que é ainda necessário destacar neste breve quadro de impressões é a maneira pela qual o professor antevê o homem no seu condicionamento à vida. Contra tudo que esperávamos, o estudioso das coisas metafísicas aceita o livre arbítrio, não de uma maneira absoluta como afirmam os propugnadores da idéia, mas baseado no poder de vontade de que cada um de nós é dotado. Assim, podemos perfeitamente orientar o nosso destino e coordená-lo dentro de certas linhas já traçadas embora não nos possamos furtar à realidade de certos acontecimentos de vulto maior e como que determinados pela afirmação de nosso ser dentro da vida.

Encarando o homem por este ângulo o prof. Isnard não tem, infelizmente visão otimista do mundo atual. Foi o que nos pareceu, bem entendido. A proporção do mal sempre foi maior e, mesmo dentro do próprio bem, há aspectos tão mínimos de bondade em

relação à variedade de planos em que nos situamos que já não podemos falar do bem com tamanha liberdade...

E por último, caros leitores, precisamos dizer o seguinte, não somos supersticiosos, mas diante de revelações que nos chocam e nos surpreendem, diante de revelações que não podemos encarar como simples coincidências, a dúvida, o espírito hamletiano cresce e em nós flutua como onda. Vem a frase cheia de ressonâncias misteriosas insistindo-nos no cérebro, incisiva e cortante, *There are more things in the heaven and Earth, Horatio, than are dreamt in your philosophy.* (Há mais coisas no céu e na terra do que as sonha a tua filosofia, Horácio...)

DEPOIS DAS ELEIÇÕES

29/01/1947

É interessante observar como submetemos a nossa vida, mesmo em seus aspectos desimportantes ao ritmo dos acontecimentos políticos e sociais. Vejamos a verdade dessa observação na ansiedade com que o povo esperava o resultado das eleições, ansiedade que o privava não só de resolver problemas sem qualquer conexão com o movimento eleitoral, como também de pensar com liberdade em assuntos de costumeira preferência.

A venda da casa podia ficar perfeitamente para depois das eleições, o casamento da Clarice só seria resolvido depois da revelação decisiva das urnas, a viagem do Manuel só se realizaria depois da eleição do governador que ele não sairia ignorando o resultado e até mesmo brigas de namorados, pedidos de férias, conselhos pedidos, pedidos de empregos só seriam iniciados depois... das eleições. Isso não é suposição não senhor, o caso do namoro para não falar dos outros me foi até contado (O moço pertence a um dos partidos locais e, de há muito, não vê a namorada porque esta pertence à corrente contrária à sua: já tiveram sérias discussões sobre o valor dos candidatos locais, etc. etc.)

Não há dúvida que isso é lamentável e acontece porque não têm as pessoas delimitada a zona de interesses definidores do modo de ser. A invasão do espírito nacional no espírito amoroso é uma prova da desordem psicológica. Assim o que de justiça se deve esperar é um perfeito entendimento em todos os setores de atividade humana. Não percamos o nosso amigo, não deixemos de cumprimentar fulano por não ele de nossos pontos de vista políticos. Laços outros nos unem às pessoas e com elas nos identificam com mais segurança. Se somos um povo amante da democracia, devemos, antes de tudo, compreender essa coisa tão simples quão essencial: não é política que escolhe os nossos

amigos ou aqueles que privarão do nosso convívio maior. É o coração, silenciosamente, que chama, escuta e escolhe...

OS OBJETOS FRÁGEIS

30/01/1947

A passiva obediência dos objetos humildes e A anônimos. A pobreza, a insuficiência das coisas que nada significam adormecendo na visão em proporções tranquilas. A invariabilidade de planos garantida na mesma feição do velho ambiente, desde o compasso binário do claro e escuro no espaço contendo a mesa, a lâmpada, pés que marcharam cedo no mundo, sucessão de quedas nunca definidas. O riso pálido que desabrocha no sono como uma flor de luz e da qual não sabemos o perfume. Não adivinhamos o alçar dos lábios. Recortes de jornais, molduras antigas amarelecendo, num falso outono, um vago gesto quotidiano no cumprimento comum, o cigarro caído, a contemplação abstrata da paisagem com memórias especiais.

À noite, o copo que leva à boca enterrando figuras secretas na memória. Um homem de avental deseja gorjetas, avança com cardápios vermelhos nas autoras (?) descoradas. Depois o mecanismo simples de andar, interjeições como braços ou pontos ligando sons desorientados e clássicos na madrugada perdida. A sombra, mais tarde, líquidos escorrendo como talos finos nas calçadas, tudo menos a solidão que é pecado absurdo.

Conviver com a nuvem, o rio, a interrogação de amanhã que além do coração está o amor. Onde o jugo do quotidiano? Que queria dizer Berdiaeff? O que é preciso é querer a vida acima de tudo. Falso o artista que pretendia exclamar: "Livrai-nos do quotidiano!". Aí estão os pequenos grandes segredos. Aí é lançado o grito da existência. Por que outra superação de vida? Nenhuma escravidão exerce o dia-a-dia. Há sempre uma coisa, o segredo, a dizer, pérolas que geladas flutuarão depois.

Os objetos frágeis nunca estarão esgotados para nós. Às vezes, um vago rumor de passos, uma cabeça que aponta na janela como uma coisa loura, o vento da tarde, o pedido que veio e voltou numa submersão por demais profunda para retornar. É a fragilidade que perdura. A força da fragilidade, paradoxalmente, é: verdadeira.

Não resistiremos ao adeus, à lagrima, à nudez das calçadas, à presença silenciosa das flores. A nossa própria conformação não resistiremos porque somos, antes de tudo, objetos frágeis.

MUITO AFLITA, NOTÍCIAS...

31/01/1947

Estendia-se a fila na repartição dos Correios e Telégrafos. E as pessoas cultivavam a rara virtude de saber esperar. Dessa vez, porém, estava de sorte. Conseguira, eu, o terceiro lugar, talvez por ter chegado ainda cedo para a próxima fila indiana. E certo porque, mal passaram alguns minutos, já se desenrolava certo grupo ameaçado sem dúvida de estender-se pela calçada afora.

Foi neste momento, no instante em que recebia minha promoção para o segundo lugar, que uma moça ali chegou, com ar impaciente, quase inquieta, procurando talvez um rosto conhecido, alguém que pudesse levar, de contrabando, o telegrama por taxar. Debalde fitou com o olhar crescido de desaponto as faces estranhas e preocupadas. Não conhecia ninguém. Voltou, dessa vez, à nova investigação, agora de outro feitio. Aquele que lhe parecesse mais acessível... quem sabe?

Oh, eu a observava do meu segundo lugar. Quando nos fitamos a ansiedade do seu rosto sério e meio triste fez-me sorrir sem motivo. Tomou-o como sinal, eu fora escolhida. E chegou-se afetando indiferença, dizia-me palavras, fazia-me pedidos...

- Sim, compreendo, disse-lhe novamente a sorrir. Dê-me o seu telegrama. Entregou-mo desdobrado e juro que não me moveu a menor indiscrição. Ela esperava de um lado, já apaziguada consigo mesma. Se... o li a culpa cabe, bem, juntei-o ao meu e, no ato de entregá-lo passou-me tão perto da visão, a letra era tão frágil, tão reta e fina... "Muito aflita, notícias." A assinatura simples desenhava-se quase trêmula. Calem-se lábios, não o direi, - (sim) acrescentando, todavia ser um nome claro, com irisações repentinas de luz.

À saída, aproximou-se agradecida.

- Prestou-me um grande favor. Tinha muito interesse que este telegrama...

Oh, foi prazer.

Muito obrigada. Pagou-me e saiu a correr perdendo-se dos meus olhos.

"Muito aflita, notícias."

Um coração aflito aos vinte anos. Alguém sabe por quê? Não o direi eu.

CRÔNICA Nº 16

02/02/1947

Devo ao Sr. Raimundo Lisboa, gerente da "Panair", a oportunidade de ter lido "As Bailarinas", bela crônica do Sr. Ledo Ivo, estampada recentemente no suplemento literário do "Correio da Manhã". Como sabem, jornais do Rio já chegam aqui retardados e só os aviões conseguem este milagre de, vencendo a muralha chinesa da distância, trazer-nos ainda palpitantes e comentáveis notícias e acontecimentos de maior importância.

Bem que notícias havia, anúncios e versos também inclusive estâncias luminosas do Sr. Carlos Drummond de Andrade. Mas o poeta Ledo Ivo, a quem infaustamente não conheço, sabe as bailarinas tão alto que os meus olhos até visionaram as leves rosas brancas em mágicos e silenciosos *developées*.

O Sr. Ledo Ivo confessa só ter conhecido uma bailarina e eu, posso subscrever tal confissão, pois, infelizmente, jamais tive a alegria de ser apresentada a qualquer "juventude romântica de corpo ágil". Entretanto a crônica do jovem poeta (pelo menos assim me afirma o nome) é tão bailarínvel que a impressão me veio de contemplá-las todas e revê-las como pássaros, anjos, sorrisos desse tempo de lágrimas. Isso são as bailarinas, plumas e não mulheres, pois não gritam e nem falam. Assim disse Led Ivo e nisso eu creio. (Ter por norma jamais duvidar de um poeta que ele é instrumento tangível de beleza).

Nas "As Bailarinas" o poeta jovem (será sempre jovem quem por Ivo se assinar) pede que sufraguemos nas urnas o nome daquele capaz de lutar em prol das moças que dançam. É incrível revelar, mas as bailarinas de há muito não são pagas. Contra tal situação ergueu-se a voz de hábil cronista e com tamanha força de convencimento que me fez contemplá-las, senti-las, aplaudi-las leves e percíveis rosas brancas...

Assim vi melhor o que dantes não vira, assim acompanhei voos de névoa e luz, assim aplaudi a primavera e o sonho, a fragilidade e a ternura em movimentos raros conjugados, assim contemplei

nuvens que dançam, de repente pássaros, porque vi e juro a
bailarina de um jovem deslumbrante poeta.

LEOPOLDO

04/02/1947

Outro pediria esmolas, outro ficaria à porta de uma igreja a implorar a caridade pública. Decerto não lhe negariam níqueis. Teria, assim, o menino aleijado resolvido facilmente o problema pessoal de sobrevivência. Outro, disse eu, mas não Leopoldo, o pequeno jornaleiro que, às tardes, leva notícias para toda São Luís.

É provável que você o conheça; geralmente, às cinco horas, ele já se encontra no Largo do Carmo, sobrecarregado de jornais, indo e vindo não sei como, ligeiro, vivo, atento, passando trocos rapidamente, na ânsia de vender tudo e despachar-se logo. Se é aquele menino aleijadinho? É ele mesmo, é ele que concorre desigualmente com os seus companheiros, que os contempla de vez em quando silencioso, quando admira, disfarçando, o modo deles tomarem o bonde, correrem atrás dum ônibus, atravessarem a rua, rápidos, para atenderem a um freguês impaciente. Leopoldo vende nas calçadas, não pode fazer essas coisas, mas isso não é motivo para desânimo. O que não quer é pedir esmolas, explorar-se desse jeito, viver da própria fraqueza.

Sábado último, quando a "concorrência" estava forte ali em frente à Igreja do Carmo, vimos Leopoldo procurando vender. Era triste... senão desolador. Dois meninos nos ofereceram jornais, mas nós preferimos Leopoldo que não pode correr e que, milagrosamente, meu Deus! Sabe rir como qualquer pessoa normal.

Foi devido a este fato que nos lembramos de sugerir o seguinte a quem de direito: um "ponto" para Leopoldo. Queremos dizer: um lugar ao sol (que deve ser à sombra) onde ele somente venda os seus jornais, um lugar ao sol com banqueta ou mesmo sem, contanto que os seus limites territoriais sejam respeitados pelos seus colegas de profissão. Nada mais justo para quem nos oferece raro exemplo de dignidade, coragem e de respeito a si próprio. Protejamos Leopoldo e teremos agradecido, de modo ainda

pálido, o exemplo maior que nos deu: o da crença heróica no elemento humano.

MULHERES LITERATAS

06/02/1947

Num bar conversavam dois homens, entre cigarros e aperitivos. Eram homens econômicos de gestos e discretos no conversar. Rara vez, erguiam a voz, aparentemente não inflamados com o tema da palestra. Mas, disfarçando-nos em torno de um sorvete e de um jornal percebemos muito bem que eles falavam com ardor das mulheres literatas. E bem entendido, falavam mal...

Não repetirei o diálogo a que assisti, quase na íntegra. Resumindo-lhe as idéias e argumentos apresentaremos, com a devida vênia, o nosso fraco modo de pensar a respeito do assunto, não nos dando, bem veem, por suspeitos de vez que, mesmo com a maior boa vontade, só podemos nos considerar humildes cultivadores de arte tão elevada quanto sublime.

Diziam os referidos senhores que mulher literata é coisa mais antipática desse mundo, por assim perder o decantado sexo aquelas qualidades feminis encerradoras de eterna atração. E quais sejam: inocência (pelo menos a aparente), fragilidade, insegurança e uma boa dose de natural ignorância, base mesma de tão apreciável inconsciência...

Ora, meus amigos e meus leitores, nada mais falseado. Atentai em nossas ponderações, um momento que seja, e vereis como a razão está conosco.

Em primeiro lugar: admitir em nossa época uma mulher inteiramente refratada da realidade, vivendo num mundo azul e acetinado, é simplesmente, com perdão da palavra, enjoativo e... nauseante. De início, podemos nos admirar de tão raro espécime; porém, depois, logo nos cansamos ao pressentir que não podemos manter com a "criaturinha" a conversa desejada, pois ela fala inteiramente outra língua.

Temos a impressão de que aqueles senhores referidos pretendiam combater, na palestra de bar, a sofisticação, o

exibicionismo que levam ao ridículo tantos seres perfeitamente "aproveitáveis." Suportaríeis, vós, por exemplo, uma mulher que a mais ou menos assim: "Aliás, cada momento replicasse algo Dostoievski, Shakespeare, Wordsworth e Rui Barbosa..."

Um homem inteligente admira, antes de tudo, a cultura e a experiência da companheira. E quem por sua vez não é tolo e bem consciente é de sua personalidade, adquire, involuntariamente, a simplicidade dos grandes corações e das grandes almas. Cultura não desgasta feminilidade, saber não masculiniza Eva, mas orienta e alarga as bases sociais e psicológicas do ser, dotando-o de maiores encantos e daquela atração que o tempo não destrói, pois não reside ela na impecabilidade do nariz de Cleópatra e sim na eterna afirmação do espírito.

A SEGUNDA NATUREZA

07/02/1947

Estava velho demais para trabalhar. As leis eram claras e positivas. Não podia tampouco negar a idade. Sua aparência acusava velhice, desde os gestos tardos aos sulcos na face, aos cabelos totalmente embranquecidos. As leis foram criadas para serem postas em prática. O funcionário, ao atingir certa idade, é aposentado compulsoriamente.

Foi bom nos primeiros dias. Visitou amigos e conhecidos; passeou em avenidas, frequentou bares, deu vários telefonemas. Aquela mudança trazia-lhe a liberdade tão sonhada, mas, como um pássaro longo tempo em gaiola desaprende os voos altos, ele, ao ensaiar as primeiras subidas, sentiu-se fraco, ansioso como se ousasse contra o próprio ser gratuitas violências.

Numa manhã, saiu a perambular pelas ruas, parando aqui e ali, um cigarro que não fumava entre os dedos nodosos e cumprimentos raros que as pessoas pareciam sempre tão ocupadas e sempre a seguir em passos largos... Não soube bem como fora, nem que outro sentido o levara e o arrebatara para a mesma querida paisagem. De repente, notou-se estático em frente ao velho prédio a contemplar as frias paredes cinzentas. Sem querer, apontou para uma janela, a janela de sua sala. Ali, muitas vezes, debruçara-se para conversar com um amigo ou dizer-lhe sorridente:

- A sua petição já foi despachada. Nós já informamos favoravelmente...

Num eco perdido e distante ouviu sua voz desgarrada; ressoando nos elevados muros da memória. Aproximou-se mais. Viu-se no corredor estreito onde o porteiro desconhecido lhe perguntou com ar de desconfiança:

O senhor deseja alguma coisa?

Eu... não.

E cuidou de sair, tonto, tonto...

Em casa deitou-se na velha cadeira preguiçosa.

Tinha a vista cansada, não podia ler. A paisagem era o céu triste e obumbrado; igual a sua alma viúva e solitária. O pensamento veio em golfadas. Imagens subindo, subindo e transbordando. Olhava as mãos meticulosamente; notava-lhe as veias salientes e perguntava-se estarecido:

- "Que vou fazer? que vou fazer?"

As mãos estavam cansadas, o corpo gasto e curvo, mas sua natureza escrava de antigas horas; revelava que ele continuaria para todo o sempre escriturário classe J e que jamais venderia... charutos.

SAMBA & MODINHA

13/02/1947

Nessa época de Carnaval, quando as canções carnavalescas surgem a cada momento para maior animação da grande festa popular brasileira, encontramos, milagrosamente, lembrança de velho tempo romântico, mal conservado em antigo álbum de modinhas.

O achado foi precioso, porque uma leitura mais atenta permitiu-nos saber o que nossas avós cantavam em passadas eras ou ainda que frases de amor entoavam nas horas graves da noite nossos avós, românticos seresteiros.

"Modinha" - assim se intitula a primeira poesia do precioso livro. As estrofes seriam acompanhadas por doces harpejos de violão. Eis um trecho:

"Acorda, ó bela, do branco leito.

Vem ver o peito do trovador,

Como suspira, como delira.

Como delira por teu amor."

E outra, mais adiante, um pouco mais melancólica e de título "Adeus Olinda".

"Adeus, adeus, minha adorada Olinda.

Ordena a sina, cumpro os mandos seus.

Se a dor matar-me na fatal masmorra.

Antes que eu morra, vou dizer-te adeus".

O tom é o mesmo, queixas, lamentos de despedida,

e "ternas angústias que minh'alma oprime".

A "loura trança", todavia, nos pareceu uma das modinhas mais favoritas da época, além de copiada duas vezes, seus versos são

profundamente magoados e líricos. Pena que não possamos transcrevê-los todos, mas aqui vai a primeira estrofe:

"Quando de noite ela passeia os olhos
Por esse mundo de azulada tela,
Rolam-lhe em ondas pela espádua ebúrnea,
As louras tranças dos cabelos dela".

Leitor, depois de folheado o álbum, resolvemos ouvir música e acendemos o rádio. O último samba lançado no Rio, atinge-nos com seu ritmo característico. Ai, ai.

"Quem não dança pega na criança.
Comadre, minha comadre.
Esta noite eu já não vou poder sambar
Esta noite eu já não vou poder dormir.
Como é que eu posso dormir.
Se o meu corpo está querendo.. querendo...
Se desmanchar no samba... querendo..."

Não, não estranhemos, façamos também o nosso álbum. Embora não sabendo como seremos julgados, nem tampouco que frases serão entoadas por estes brasis afora...

A ALEGRE DESPEDIDA

15/02/1947

Começou à hora do jantar, quando, abstrato, fitou a toalha de mesa. Nos quadrinhos vermelhos e brancos supôs interminável tabuleiro de damas; avançava fichas invisíveis executando, se não o surpreendesse a mão louca ofensiva, e muito longe iria, oferecendo-lhe sobremesa. Que se apressasse, não fosse perder o trem e voltar para casa com cara de bobo. Ah, se soubessem como custava a ele ir à estação e seguir num trem. Era bom ficar sentado aí na sala de jantar e ouvir as pequenas velhas novidades. Os vizinhos chegavam pedindo para telefonar; havia, entre reclamações para o açougueiro e a padaria, as frases azuis e calmas da vizinha loura:

Estou feliz, quase encabulada... que linda poesia você me escreveu...

Não, estava era muito amolado da vida. Pessoal contramão o de casa, reparando se ele chegava tarde, os pais recebendo-o friamente pela manhã. E por que não continuavam assim? Aquele desvelo de última hora o torturava. Nada deviam ter preparado, nada de especial. Não fazia questão. Ele mesmo resolvera ir embora daquela casa feia e triste. E sonhava a despedida. Sonhava. Com toques de fanfarra e vinhos doirados escorrendo em taças. Sonhava a alegre despedida com bandeiras multicores erguidas em píncaros aulados...

E agora, calado fitava o teto, o peixe branco no aquário, borbulhante e vivo, a folhinha desbotada na parede, cadeiras amarelas solitárias. Ora, aquilo não o deteria. Que tolice, precisava enterrar este senti mentalismo que o aborrecia. Dar valor a coisinhas... Nisto o rosto da irmã com o seu se encontrou e era como se esvoaçassem borboletas de vidro ou lírios macios despontassem.

Deixa endireitar o laço da gravata. Quando é que você aprende a dar um laço direito? (Nunca, não suportava gravatas). Na copa, outra voz apressou-o grave e cansada. ...

- Menino, você perde o trem... Pois bem, irá embora. Estava louco para ir embora. Agarrou a maleta saiu gritando pelo jardim, adeus pessoal, recomendações cinzentas.

Estranho, porém, que lá fora não visse a rua, os trilhos do bonde, a larga avenida. Estranho que só visse no chão quadrinhos brancos e vermelhos por onde ele seguisse no mundo como criança; (que o fora há tanto tempo) dizendo de si para consigo:

Piso no quadro branco, mas não piso no vermelho, piso no quadro branco mas...

VOCÊ ME CONHECE?

18/02/1947

O 'Carnaval, você me conhece? Sapatos vermelhos, vestido de cigana, papoulas rubras no cabelo. Não, não se lembrava. E a voz, Carnaval? Há nela cristais retinindo, sono de ondas que sobem. Tira a máscara, pare de acenar com esta ventarola, que horror, serpentinas enrolando a gente, socorro, não abra a boca, olha o confete. Carnaval, como é teu nome? Sapatos vermelhos, onde é que eu te vi? Estou ficando tonto, tonto, quem não dança pega na criança. Vamos comer um cachorro quente, tome um guaraná comigo, não há mal nenhum, Carnaval. Tira a máscara, de onde é você? Eu não sou daqui nem de Aracati nem de Niterói, eu vim de Havaí num caminhão particular. Mentira Carnaval, isso não se faz Gafanhoto, deixa a minha roça em paz. Sapatos vermelhos, onde foi que eu te vi? Viva o Zé Pereira, viva o pai do Zé Pereira, não beba mais isso moço nem ensope o lenço desse jeito. Ai, quero afogar o pranto, que importa a linha do horizonte? O que eu vejo é o beco, Manuel Bandeira. Mulher ingrata, igual a essa nunca vi, tão longe o tempo de Amélia. Você gosta, conhece como você mudou (?) me de Pipoca? Juraci, ninguém te nina Carnaval. Esta noite já não posso mais dormir, quero me desmanchar no samba, juro que você ignorava: o carnaval é uma instituição democrática. Ao vencedor, as batatas, já vai me dar dor de cabeça, com Spalt na boca a dor é sopa. Eu quero dançar com você a dança do ganso, abaixo o reumatismo, salve marinheiros e piratas, arlequins e palhaços, peles-vermelhas, quem foi que viu uma índia por aí. São três dias, você deixou em casa aquele rosto das segundas - feiras, tome conta do mundo com pandeiro ou sem pandeiro. Sapatos vermelhos onde foi que eu te vi? Este sinal no queixo é postiço, mas é muito bonitinho. Arco-íris se descurvam nos meus olhos, lança perfume caro demais, um grupo de ursos enfeitam a praça, quem me dera a bailarina de música nos pés. Encaixotado o bom senso, constância só a do ângulo diedro. Entra na roda, viva sua Majestade, Momo I e Único, rei das pequenas loucuras e etc. Sapatos vermelhos, onde foi que eu te vi?

MONKEY?

20/02/1947

Chamava-se Monkey e era esperto, vivo e brincalhão. Quando o dono saía apareciam-lhe caprichos como o de não admitir visitas naquela casa onde se fizera fiel e antiga sentinela. Prendiam-lhe assim no quintal e Monkey protestava em sua linguagem canina com ladridos que irrompiam de um mundo escuro e denso, de repentinas luzes, assinaladoras talvez de sensações primárias, jamais crescidas em sua profundidade.

Uma coisa não falhava; (fosse instinto ou reflexo condicionado) fosse o que fosse, Monkey, mal o dono chegava à porta, suas orelhas se entesavam alteadas e pedia com gestos de cão, não menos significativos do que os nossos, soltura, liberdade, coleira no chão esquecida.

O encontro de Monkey com o dono. Que poderemos escrever para objetivar essa louca alegria o brilho dos olhos enormes? Uma estranha linha limitadora - nada de inteligência - ou melhor, planos inclinados, quase vertigem quando a mão passava na cabeça e a voz chegava dizendo "Monkey" com aquela conotação facilmente reconhecível entre mil vozes ou mais.

Depois a doença. Os longos dias, os intermináveis dias. Ecos do gemido. A permanência ao lado como a despedida consciente de grandes viagens. A doença. Não mais a voz; somente, rara vez a mão pedia pretendendo afagos e já se aquietava num descanso fatal.

Ensinaram-lhe o gesto último. Mãos cruzadas não dizem adeus.

Havia muita gente, perfume intenso de flor, luzes ferindo a visão dos olhos. Oh, Monkey não sabe, nunca podia saber... Seguiu-o, pequenas corridas, orelhas levantadas, seguiu-o sempre, última saída em tarde fria.

A volta, a casa silenciosa, objetos mudos que davam a entender na aparente indiferença "Procura, Monkey, procura..." Junto ao leito aquietou-se, focinho parado, não mais a buscar no ar a

impaciência no quintal, gemidos das últimas horas. Monkey disse não à vida com simplicidade, sem alardear a pena, fechando os olhos, dormindo, aquietando-se.

Fidelidade maior desconhecemos, prova de amor tão alto estarrece.

Chamava-se Monkey e foi esperto, vivo e brincalhão. Seu dono, o Dr. Adelman Brasil Corrêa. Que Deus os tenha na almejada paz.

SETE DIAS

21/02/1947

Agradeço isto Senhor e não quero fazer coisas inadequadas ao espírito da terra e da casa que, onde quer que eu ande, tenho junto de mim" - Franklin de Oliveira. "Sete Dias", livro de crônicas que o nosso conterrâneo Franklin de Oliveira vem de publicar (Edições Cruzeiro) é, evidentemente, uma grande mensagem de poesia em que percebemos quase ao vivo o desejo de fraternidade maior do espírito humano.

Um livro de crônicas - e a gente pensa logo em comentários levemente brilhantes de coisas efêmeras. Sucedeu, porém, um, fato estranho.: tratando das coisas efêmeras ("O efêmero é o símbolo") inclusive a rosa e vôo de pássaro, Franklin de Oliveira eternizou-se com os instrumentos transfiguradores de sua arte. Por isso mesmo o seu livro é resistente como leitura, dotado dessa permanente oportunidade tão rara em obras de igual natureza.

Como escreve esse jovem escritor? Eis que ele responde simplesmente: "Escrevo como quem faz música" E o que ele escreve? - perguntará o leitor com todo o direito. É culto? É inteligente? Não, meus senhores, o artista não pode e nem deve ser julgado assim. Franklin sabe disso e a transcrição de Charles Morgan em seu livro bem revela que "as criaturas devem ser comparadas em razão de sua permeabilidade ao fluxo criador".

Se a morte em sua maior transcendência permitiu a Charles Morgan uma beleza e uma poesia superiores, em Franklin é a transfiguração mesma da existência que lhe fornece incalculáveis possibilidades criadoras postas à prova em gênero literário que parecia não permitir submersões profundas Existe a morte, mas a vida é muito mais e toda a sua angustiosa procura, as riquíssimas descobertas interiores. "Guardo a serena e augusta convicção de que participamos de algo que não vemos".

O desejo de fraternidade humana, a dignificação do amor, a "miraculosa irmandade de todas as coisas vivas" é o suave e constante apelo do escritor patricio. Que sentimento de crença

superior o faz clamar no meio do mundo doloroso: "Não aceitemos nenhum desespero. Estamos muito acima dele".

Franklin de Oliveira, em sua linguagem renovadamente lírica é uma criatura antes de tudo sensibilizada diante da corrente tumultuosa da vida. Daí a nossa admiração pelo seu trabalho como se ele nos permitisse encontros e descobertas do nosso ser na leitura tranquila do seu livro.

E o amor ao entrevê maravilhoso na própria ausência vencida pela capacidade do coração. Primeira, a busca ansiosa. "É sempre de uma única criatura que vem a luz, mas onde andará Rachel?" Depois o deslumbramento: "Eu queria que fosses como as camponesas, as camponesas que pisam uvas no lagar". Mas a face de Rachel apenas emerge entre nuvens que ela passou entre suas mãos como a água dos rios. Poesia, poesia na espera impossível. E, todavia, espero ver-te em estado de pássaro, emergência de rosas...

A lembrança da terra também persiste. A fidelidade maior do coração que não se repete, devido á riqueza interior. "O Rio é uma grande cidade, não há dúvida. Mas São Luís é linda e bela é a minha casa".

Segundo informações colhidas, o livro de Franklin estará brevemente em nossas livrarias. E nós o receberemos com o gesto afetoso de quem saúda um irmão e um companheiro.

BOM SENSO

22/02/1947

Se todas as pessoas tivessem senso, a vida perderia muito do seu encanto, do seu caráter imprevisível e desconhecido. Depois de uma conversa honesta e sem partidarismo passaremos a respeitar ou pelo menos deixar de fazer pouco caso das criaturas ditas insensatas.

São os faltos de bom senso pessoas inofensivas, às vezes quietas, às vezes turbulentas, mas nunca banais. Os sensatos, pelo contrário, são quotidianos e suficientes. Quando arriscam não correm risco, são dotados de bondade, sentimento nesse caso tão consciente, que toda a espontaneidade do bem se evapora. Tenham em mente o seguinte: não estamos fazendo a acusação de um e a defesa do outro. O que temos em vida é o entretenimento do leitor numa conversa, aliás, terra á terra, portanto dotada de... bom senso.

Se o equilíbrio das relações vitais está assegurado na prática e cultivo da sensatez, todas as descobertas e empreendimentos mais ousados te motivam na ausência da razão mediana caracterizadora dos seres normais e, todavia, limitados.

Somente os insensatos improvisam, somente os insensatos se aventuram a experiências totalmente aleatórias e cuja base é o sonho vago e docemente louco. Pedro Álvares Cabral, responsável pela nossa descoberta e o casal Curie, revelador do radium, foram criaturas inteiramente divorciadas do bom senso. Pois, se por um lado, não podemos justificar o Brasil de outra maneira (oh,orgulhemo-nos de nossa origem fracamente fundamentada nas calmarias...) não viremos também acreditar que Marie Curie, "née" um nome complicado, gostasse de tricotar à noite, junto à lareira, desfiando a vida alheia ou intriguinhas universitárias com seu tão digno esposo. Não concluam, não estamos dizendo que aqueles revestidos de bom senso apreciem o falar dos vizinhos em rodas familiares. Apenas citei um dos encantos do ócio, depois do

jantar na atmosfera reconfortante de uma casa com gatinhos e crianças sadias.

No "Deve e Haver" (Freytag) há uma frase mui sensata e lúcida bastante apreciada por todas as pessoas tímidas ou não. Ei-la leitor amigo, para gáudio dos nossos irmãos insensatos:

"Oh, bom senso, bom senso, quantos deliciosos crimes deixamos de cometer em teu nome..."

O ABRIGO

23/02/1947

A inauguração de um abrigo público na Praça João Lisboa trouxe à mesma uma feição mais moderna, às vezes, parecendo-nos, ao atravessarmos a velha praça, estarmos em cidade bonita do Sul.

Sem falar nas conveniências inúmeras que justificam de antemão construir-se obra de tal natureza, um dos motivos, a nosso ver mais pessoal, é o de podermos conversar um pouquinho com os conhecidos, às 11,40 ou ao findar da tarde quando, cansados, preparamo-nos para a eterna e quotidiana reivindicação qual seja a de um lugar no bonde ou no ônibus. Mas não é só poder conversar com os conhecidos e antigos vizinhos, velhos moradores da Jordoa, João Paulo ou Anil. O principal, o surpreendente é que, prevenidos contra o sol e a inverneira, possamos ainda fazer novas relações com pessoas bastante agradáveis, sem dúvida.

Por exemplo: a moça chega apressada, chuva que não para, só aborrecendo. Olha para um lado, para o outro e, depois de verificar a ausência de rostos conhecidos, escolhe galante desconhecido para, "se mal pergunto":

O Sr. pode me dizer se o "Areal" já passou?

- Já estou aqui há seis minutos, e nada... É o meu bonde.

Ah... o Sr. mora por lá?

Bem, aqui o leitor, por obséquio, continuará em sua respectiva mente o diálogo encetado, dando-lhe o colorido pessoal. Poderá também prosseguir na próxima semana, justamente como filme seriado.

O abrigo servirá ainda de ponto de encontro. Espere-me no abrigo, do lado de quem vai, às duas, viu?

E aí, sucedem-se encontros, desencontros e conhecimentos. Mais tarde vem o abrigo já em conversa íntima.

Quase noite. Estava chovendo. Procurei o abrigo (Eis que conheço João).

E assim, amigos meus se eterniza no coração feminino ou masculino a lembrança do novo abrigo, se público, também particularíssimo como local de simples quão significativos acontecimentos pessoais.

OS OVOS DE OURO E O SINAL DOS TEMPOS

25/02/1947

Se houver semelhança com algumas pessoas pode deixar de ser mera coincidência).

O vendedor de ovos apregoava sua mercadoria pelas ruas. Ao passar defronte de uma casinha discreta e bem cuidada é convidado a entrar por senhor, funcionário público casado e veterano na fila.

Olá, meu amigo, qual é o preço dos ovos?

Entre parênteses, os dois homens nunca se viram mas o dono da casa chama logo de amigo porque isto é psicologia corriqueira e útil. Em tempo: a dona da casa não aparece porque depois de brigar muito corre ainda o perigo de ser explorada.

Nove cruzeiros e não faço diferença.

Nove cruzeiros! Mas meu (amigo) (eis uma repetição que pode dar resultado) o tabelamento não é esse! Onde já se viu ovo desse preço? No mercado, ninguém vende assim!

Ovo barato só na China. Depois fique o senhor sabendo que ninguém obedece a tabelamento Pois me diga uma coisa: eu compro tecido caro, sapato caro, (sapato bem que ele sabia que era luxo, só nas festas de batizado e casamento), remédio? Deus nos acuda! - pobre não pode cair doente - compro tudo caro e vou vender ovo barato? Pois sim. Se o rico não baratear, pobre muito menos que ele também é filho de Deus.

Faça uma diferençazinha, está muito caro.

Quantas dúzias o Sr. vai comprar?

O senhor funcionário chega-se mais para a varanda e exclama:

Ó mulher, se encontrou carne hoje?

Vem uma voz fininha se desmanchando no espaço.

Não. Não sabe que hoje é segunda - feira?...

Bem, resolve ele, quero duas dúzias.

Então deixo tudo por \$17,60.

O senhor quer saber de uma coisa? Vá embora, ouviu? Vá embora com a sua exploração.

O homem que não é mais (amigo) sai calmamente e ainda diz:

Perdendo meu tempo... Encontro quem dê mais...

E encontra mesmo.

O funcionário público fica de mau humor, discute à hora da refeição enganando-se com sardinhas e a mulher, por sua vez, chama todo o mundo ladrão.

É que os ovos oferecidos pertencem à galinha mágica, daquela história do gigante... Não se lembram?...

A ESCADA

27/02/1947

Vêm as superstições de um mundo obscuro e medram e crescem como plantas sem cultivo, parasitas da razão num lado que é sombrio, apenas ventilado nas alturas pelas correntes amparadoras da religião.

Como se infiltram em nós? Que atração irresistível exerce tal sentimento, impedindo-nos, de repente, de evitarmos o numero treze ou de ficarmos tristes diante do espelho partido? "Oh, isso não é nada, é tolice", repetimos aos amigos com falsa independência. Porque lá dentro acontece-nos o mesmo. As vezes um sonho mau, um pássaro que sobrevoou a nossa casa num canto lúgubre ou o cupim aparecendo nos móveis velhos. A voz se levanta do escuro do nosso ser para fazer-se ouvida, com fervor. "Vai acontecer uma coisa ruim. É preciso não pensar mais nisto. Mas..."

Tratamos de afastar o pensamento; inútil: as impressões produzidas pertencem à classe das moscas teimosas sempre voltam, disse com muita propriedade Machado de Assis. Mandamo-las embora e as moscas teimosas sempre voltam.

Certas pessoas, mui cultas contemplam as superstições assim por cima dos ombros, vamos dizer, querendo afirmar com isso pouco caso ou desvalia. Nós mesmos conhecemos alguém tão inteligente, e não só inteligente, dotado dessa segurança inconfundível só permitida pela cultura do espírito. Pois não é que essa criatura, tão nossa amiga, sai um dia conosco a passear. Sobe rua, desce rua, chegamos a certo trecho onde pedreiros trabalhavam. Havia uma enorme escada e a passagem tornava-se difícil, a não ser por debaixo da escada. E eu disse a mim mesma, quase torturada: "Meu Deus, que vai acontecer? Terei de passar debaixo dela?... Mas é o jeito senão essa criatura vai pensar que eu sou boba, supersticiosa, etc.". Preparei-me assim para o batismo do azar, mas eis que ela, a criatura inteligente e culta toca-me no ombro de leve e murmura-me misteriosa,

Não arrisque a sorte... Vamos fazer uma volta, mas não (passe)
por debaixo da escada...

OS ANIVERSÁRIOS

28/02/1947

O abraço dado pelas costas, o telegrama que não se esperava, compota de ameixa, queijo. E as flores no jarro, o ar leve da casa arrumada, as cortinas melhores com a delicadeza especial. Moldura de aniversario.

No quadro: vem que a pessoa que faz anos vai saber se a gente quer bem a ela ou não. Na demonstração de carinho tira o aniversariante a sua prova real com maiores ou menores possibilidades. Essa é a vantagem porque a desvantagem também existe na inevitável pensamentação, menos cor de rosa entre um brinde e o recatado silêncio.

Quem faz anos envelhece; quem envelhece extingue-se em morte preparatória. E ninguém quer morrer porque é muito pau apesar da fila, dos desaforos trocados, da falta de dinheiro, das desordens interiores psicológicas e hepáticas.

Ninguém quer morrer. A vida é difícil no seu ofício, mas "está" com toda a simplicidade e confissão do indicativo presente. A morte pode ser fácil como também o que vai além do seu muro cinzento. Mas a morte não "está", eis aí, ela vem, túnel liso onde a gente desce sozinho. Talvez, se a morte fosse compar-tilhada não nos afligiria sua presença dura. (Solidão tem gosto de morte). Quero dizer, se no ato de dar a mão, por exemplo, navegasse o mesmo rio, roxo ou de outra cor.

É justamente essa coisa que passa na cabeça do aniversariante, quando as conversas pendem como fitas molhadas. Passa, bem entendido, ao longe, quase sem tocar, pois o controle dos músculos faciais pouco registra. É o riso iniciando a frase. Estou ficando velho...

Assim o aniversário tem essas duas faces obrigatórias e eu lhe peço, leitor que faz anos, não levar a mal a pretendida análise do seu comportamento no dia de hoje.

Estou comigo neste instante que o melhor a fazer é dizer-lhe que este é o seu dia "maior". Sim, porque depois das tolices ditas acima, esbarramos, eu e você, diante duma realidade sempre mal avaliável, mesmo colocada em balanças possíveis. Não se assusta? Pegue-se. Mova-se. Assovie. Lindo. Muito bem. Isto é um jornal. Eu junto letras para você. E as letras são artifícios escondendo uma realidade "funda" onde só mergulham crianças ou gente grande apenas quando a criança flutua nela. É que estamos vivos, participando duma invenção que se chama vida, com claro e escuro, pêndulos e lua nova. É que estamos vivos e vamos ver o que há em casa por fazer, o comboio que deve ser despachado enquanto a manhã se esgarça e a tarde sonha. Ó você que faz anos hoje, acredite.

O MISTÉRIO DE VIVER

23/02/1947

O caráter recôndito do mistério não é propriamente a sua inacessibilidade. Tudo que é desvendado passa à condição de descoberta e, portanto, já existia. O que caracteriza propriamente o mistério é a condição do inesgotável, fonte oculta que não cessa de correr.

Eis porque simplesmente gostamos da vida. Pondo de lado as teorias filosóficas, os jogos de prática espiritualista e encarando apenas o fenômeno quotidiano de ser, ou seja, a emoção do presente, desligado da noção tempo verificaremos a realidade de uma distância interminável onde nos aprofundamos, sonâmbulos e tontos, insatisfeitos dos cinco sentidos porque estamos participando do mistério, sua zona atingida e tudo que apresenta de estranho e ignorado.

A vocação suicida, como meio ironicamente denominamos o modo fundamental de certas pessoas, não é mais do que a sede maior do mistério, vamos dizer, a pressa de saber o que está. E ainda o desespero de desconformidade, oriundo de uma falsa visão do ser, e, conseqüentemente, a vida. São as pessoas de grandes ilusões que se suicidam. São também aquelas criaturas cansadas de não viver que abandonam a vida. O risco da monotonia é fatal quando com ele não nos acostumamos, quando vivemos nos estranhando, vazios, inteiramente vazios, agonizantes de solidão e de mudo e calmo desespero. Para estes há sempre um remédio que é conseguir a beleza na própria monotonia. Por exemplo, estamos, às vezes, acostumados com determinados objetos - o desenho de flores na parede do nosso quarto, para não ir mais longe. Eis que vem um amigo, conversa conosco e depois, olhando simplesmente para os nossos pobres móveis, dá com o desenho na parede e surpreendido exclama: – Mas o desenho de sua parede é muito bonito... Que ramos azuis originais... E nós, tão acostumados a nosso quarto e a tudo que nele existe, quando o amigo sai, fitamos tudo com certo ar de hóspede recente e

acabamos concluindo: - Na verdade eu nunca havia reparado direito...

Vencer, pois a monotonia não é mudar de vida ou aventurar-se a um passeio na China ou a Nova Zelândia, Vencer a monotonia não é cometer uma loucura, estampar-se no jornal com manchete. Vencer a monotonia é levantar o fino véu que anula as cores da nossa paisagem interior e exterior. É levantar o fino véu afim de que vejamos como é rica a "pobre" realidade e como é profundo e tranquilo o nosso coração. É nisto que repousa leitor amigo, o mistério e o gosto de viver. Não nos suicidemos, pois.

CIGANINHO

04/03/1947

Ciganinho não é apelido de criança como talvez lhe pareça; Também não apresenta qualquer ligação com a raça errante, especiais em *buena dicha* e comércio de cavalos. Ciganinho foi simplesmente o nome de um gangster brasileiro.

Não há qualquer paradoxo entre as duas últimas palavras. "Gangster" não é produto exclusivo de Chicago e, além disso, toda cidade que se preza está possuindo atualmente perigosos exemplares de tão indesejável fauna.

Ciganinho, meus amigos, surgiu em pacata cidade do leste brasileiro. Na formosa província de Minas, Belo Horizonte, com seus brilhos e vidrilhos, abrigou sob o seu tão alto e lindo céu um homem perigoso que foi muitíssimo caçado pela polícia porque vivia assaltando gente e matava, às caladas da noite pacatos cidadãos para roubar.

Ciganinho era mesmo terrível, não tinha medo de nada, firme no pacto que realizara com seu companheiro de perigos, Gomes, se me não mente a memória.

Aconteceu, porém, que o Chefe de Polícia da cidade pôs no coração que não sossealaria enquanto não tivesse debaixo de chave Ciganinho e o bando.

O cerco apertou, descobriram a toca dos bichos e foi um caso sério. Chovia bala de todo o lado, Ciganinho reagia pensando que o tal Gomes também aguentava firme, mas Gomes, qual o quê! - levantou os braços, disse não me mate que eu me entrego. E se entregou de fato. Ciganinho ficou só lutando e só veio quase aos pedaços, arrastado, morrendo, pois ninguém podia encostar perto dele que perdia a vida.

Não mais Ciganinho! - e a cidade com seu povo voltou à calma habitual, o seu frio leve e gostoso.

Isso tudo não estava no jornal, mas o cronista lendo o simples telegrama tem a obrigação de armar o cenário para o leitor. Assim, pois, comentamos uma das notícias mais recentes e admirados ficamos de tal fidelidade à palavra numa criatura segregada pela sociedade. É que Ciganinho abrigava misteriosamente o culto da palavra sendo, pois lamentável que a tivesse empenhado em pacto de ódio e de vício e não em compromisso de amor e solidariedade humana que é o de que precisamos.

UMA ADOLESCENTE ESCREVE

06/03/1947

Adquirimos outro dia novela de uma estreante nas letras brasileiras. Trata-se de Maria Julieta Drummond de Andrade e do seu livro "A busca" (José Olympio Editora). Pequeno e de letra graúda não é, todavia, leitura para quem vai no bonde ou na fila. É feito para você ler quieto, num canto. E um dos motivos é este elevado grau de sinceridade (há de crer no pudor contundente das palavras) alcançado em obra que está, aliás, a indicar no próprio título - duplo símbolo – rumo diferente para a ficção brasileira.

Maria Julieta escreveu a adolescência, seu processo magoado, num desespero amoroso. Seu modo de escrever é simples e espantosa a intimidade com que faz uso das palavras.

Dir-se-ia dotada de estranha intuição para conduzir-nos com tal desembaraço num mundo que identificamos foi nosso - a viagem realizada em desamparo. (Oh, moça, você precisa ler Maria Julieta).

A atração do livro também reside no seu aspecto de envolvente e sincera confissão. Nada ficou segredo a não ser o mistério do próprio ser que, por inesgotável, nunca satisfaz mesmo depois da descoberta interior.

Sempre se deslocarão imagens, sempre ouviremos os novos rumores diante de espelhos virgens.

Por isso, acreditamos que Maria Julieta Drummond de Andrade habilitou-se, com a sua estreia, a ocupar futuramente lugar de destaque no panorama literário nacional. E isto é alegre e talvez tragicamente alegre para uma criatura de dezessete anos. Quase pretendemos indagar uma coisa, como por exemplo, a atitude do jovem que escreveu sua própria reportagem e que a contempla depois com o olhar desdobrado de espanto. Mas não vamos nos perder em considerações que estão fora da leitura e nem mesmo ao alcance de uma possível crítica. Aliás, deixando aqui simples

impressões não estamos a esperar que o leitor as receba sem restrições.

Temos, porém, a certeza de que o conhecimento de "A busca" não decepcionará àqueles afeiçoados às boas leituras.

AS CHUVAS

07/03/1947

Oh, a gente acorda com preguiça, o som estúpido do despertador. É preciso sair e cuidar e cuidar da vida. Quando se abre a janela vem o vento entortando o jeito da chuva que acha de entrar em nosso quarto, mal educada. Mas isso não é nada. As vezes começamos o dia com raiva da manhã.

Está chovendo, é uma infâmia; vamos correr atrás do bonde e ainda o martírio de ficar em pé. As pessoas estão devidamente arrumadas nos bancos, isto é: os extremos sempre vazios porque no tempo de chuva é assim. No percurso tentamos novos equilíbrios, principalmente nas chuvas barulhentas e zunidoras. Os zuniados que fazem tanto mal às pessoas de nervos sensíveis.

Oh, cavalheiro, não precisa, pode ficar sentado. Todos são iguais perante à vida. Depois esse é talvez o momento bom do senhor ler o jornal, saído indagorinha.

Irmãos, abramos os nossos chapéus. As calçadas estão alagadas, que tempo, meu Deus! Cuidado para não escorregar, as calçadas de São Luís pedem cautela.

Bom dia, que chuva hem? A gente vai se distribuindo pelas repartições. Há salas e nas salas, mesas, cadeiras, o telefone e as máquinas de datilografia... Moças assinam o ponto. Começa. Vá "bater" aquele ofício. Já deram entrada naquela petição? Sim, senhora, não podemos fazer por menos, este artigo é de ótima qualidade. - Telefone para você, atender... se for voz de mulher... Ó Madalena - Diga que não posso, o chefe está chamando. Perdão, mas não podemos atender agora porque o expediente acaba de ser encerrado...

Longe (você não pode ver porque há um fenômeno chamado distância) homens ficam alegres e baralham as vozes. Está chovendo, Ave Maria se não chovesse, que chuva boa! Se não chove, boi morre de seca, a lavoura não vai, lavrador reza carregando na procissão pedras na cabeça.

Vamos, bom dia, que chuva boa...As vezes pode ser mesmo ótimo para você. Um encontro, uma conversa inesperada...

POR QUE SE ESCREVE?

12/03/1947

Recebi sábado ultimo cartão de alguém que se assinava Aladino. Depois do cumprimento de praxe perguntou-me referida pessoa o seguinte: Por que se escreve? A indagação é velha e, por esse lado, nenhum atrativo apresenta. Todavia o que a gente vai escrever há de refletir a nossa boa vontade em atender a leitor que é, diz, daqui sempre assíduo.

Reveremos assim opiniões de algumas celebridades e procuraremos comentá-las afim de que Aladino, finalmente, possa decidir-se por qualquer. (uma delas?)...

De início, pois, temos um grande poeta, Paul Valéry, a reduzir o tudo artístico a nada. É que, respeito do caráter de inutilidade da obra de arte, Valéry declara que a arte produz sensações inúteis aproveitando-se de coisas úteis. Achamos que o poeta francês assim se externou por desfastio, ele que foi um dos espíritos mais fieis à beleza, à cultura e à inteligência não sentiu então o que pretendeu acreditássemos. E ainda: não é este o momento de ventilarmos o aspecto útil da beleza ou da sensação artística.

A declaração de Goethe, que vai mais abaixo, está em harmonia com a teoria chamada da compensação heróica quase que sempre oriunda de um dolorido sentimento de inferioridade. A consciência da própria inferioridade, sabemos, estimula as criaturas e impele o homem a realizações maiores. Eis o pensar referido: "O desejo de elevar-me ao ápice de minha pirâmide não me deixa um minuto de repouso". Essa opinião, não a aceitamos nós por percebê-la demasiadamente intencional.

Para Proust, são nossas paixões que projetam nossos livros e são, conseqüentemente, os nossos repousos que os escrevem. Este entender está ligado ao pensamento de Wordsworth ao afirmar que poesia é a emoção lembrada em sossego. Nesse caso, porém, negaríamos a poesia impessoal. Também podemos

impor a um adepto de arte, antes de tudo refletidora de um temperamento, a afirmação de que atividade artística não abafa paixão; pelo contrario: pode loucamente exacerbá-la. Não foi atoa que célebre poeta romano escreveu:

"Curar amor com versos amorosos. É querer com enxofre apagar lume".

Freud não podia deixar de encarar a arte como refúgio de neuróticos. No entanto, esse possível fundamento patológico, nós o rejeitamos porque compreendemos ser a arte expressão superior do homem.

Para grandes pensadores e artistas arte é evasão. Para outros, arte é semelhante ao jogo, passa-tempo, logo, resto de atividade humana. Salvo engano Spencer e Kant são dessa opinião. Por aí, o Sr. Aladino vai verificando quão divergentes são as idéias, não deixando nem por isso cada uma de encerrar parcela de verdade.

- Então, não chegaremos a qualquer conclusão? Perguntará o meu missivista, depois de tanta tinta e papel. Responderei apenas com o que me perguntou certa vez um amigo. Ele indagou curioso: - Por que você escreve? - Porque eu gosto. Resposta que saiu tão imediata não é passível de fácil análise. Depois, Sr. Aladino, ainda há em meu favor aquele dizer em latim, tão conhecido: - "De gustibus"...

NÓS E AS PESSOAS

13/03/1947

Uma das grandes aventuras está em conhecer pessoas. Por mais experientes e trabalhados sempre encontraremos um gesto novo, modo de estar que vem do ritmo interno do ser afirmando-se, expandindo-se em harmonia ou discordância com a nossa maneira. Quando dizemos que uma pessoa dá certo com a gente queremos revelar essa identificação profunda onde, muitas vezes, nos sentimos confundidos porque parece então que se dá conosco um macio desdobramento espiritual. Vem o comércio honesto da amizade ou a troca alógama do amor, o dar como se recebesse, etc.

Ainda há, porém, experiências diferentes, como que preparatórias. E são elas que nos permitem classificar as pessoas em simpáticas e antipáticas. Essa classificação nem sempre se mantém com fixidez, principalmente quando referidos conceitos são proferidos à primeira vista. Na convivência humana o bater constante dos valores pessoais. Inevitavelmente, somos obrigados a separar das areias auríferas a pedra britada, os detritos minerais sem importância. E a capacidade de resistência, a seu turno, revelará tesouros desconhecidos. Queremos dizer que os antipáticos podem ficar mais queridos do que os repentinamente simpáticos. Estes, por sua vez, poderão ou não subir perante o nosso julgamento, dependendo apenas do âmbito intuitivo de cada um. Isto é, quando achamos que A é simpático ele será simpático a vida toda porque aí falou um sentido além dos cinco que possuímos.

Não culpemos assim irrestritamente os inconstantes de coração. Quem sabe se não o induziu a erro objeto despertador dos sentimentos? "Eu pensei que Maria fosse assim e Maria é tão diferente..." Se os erros em amor são mais frequentes no terreno não acidentado da amizade nem por isso serão as pessoas mais passíveis de culpa. Quando o caminho é difícil o cavaleiro se

engana, toma rumos outros e, às vezes, ainda fica de todo areado (perdido).

Quem, no entanto, percorrendo estrada plana e bem traçada, há de se enganar com tanta frequência? Na amizade não há desvios e a noite nunca se apresenta tão escura. Acontece, porém, meus amigos, que as viagens por caminhos novos encerram mais atração, ainda que não ignorem os viajantes a agudez dos espinhos ou os precipícios, de súbitos encontrados...

E DEUS ME AJUDA

27/03/1947

Ontem encontrei um homem vendendo melancia em talhadas. A maneira como o fazia era diferente das que, costumeiramente, tenho presenciado. Dirigindo uma carrocinha cuja parte ocupável era dotada de um grande tabuleiro, percorria ela a rua estacionando aqui e ali, conforme a quantidade de fregueses.

Vejam bem que o modo, além de prático, conseguiu atrair a gente porque, em vendo arrumadas num colorido rubro a fruta geralmente gostável, poucos resistiriam ao desejo de saboreá-la.

Eu, porém, ia no bonde e como este, depois da parada obrigatória, ainda demorou-se por causa de um caminhão que vinha trazendo uma torre de mercadoria, achei-me eu de impressionar-me, afora a tentação das talhadas, com o nome da dita carrocinha.

Sim, porque nela havia um nome comprido e definido como ele só. Nada mais e nada menos do que "E Deus me ajuda".

Ora, isto além de ser finamente bíblico é uma atitude diante da vida. A conjunção inicial subentende a frase anterior que poderia ser, quem sabe? - "Eu trabalho e Deus me ajuda".

Achei de impressionar-me, repito, e fui pensando numa porção de coisas em redor da frase e vi que tinha um motivo de assim ficar, pois a presença da expressão era rara nos domínios humanos. Acompanhe-me o leitor na conclusão. Pois se todos, ao saírem de casa pela manhã, rumo ao trabalho, balbuciassem o nome da carrocinha, a primeira coisa que deixaria de existir era o câmbio negro. Porque, se Deus me ajuda não há necessidade de roubar o meu próximo por todos os modos, em todas as ocasiões, de noite e de dia. Se Deus me ajuda, injustificável é aumentar os preços dos gêneros alimentícios, dos remédios, das roupas, dos livros, dos cadernos, dos cigarros, dos botões e de tudo o mais necessário á vida de cada um, sem luxo ou supérfluo. E, se me disserem que semelhante atitude peca pelo excesso de fé ou de conformidade,

eu responderei que, pelo menos, não pecaria pela falta de escrúpulo, de caráter e de moral.

NÚCLEO ELYZEU VISCONTI

02/04/1947

Recebi em a semana passada uma agradável notícia. Trouxeram-me, em atenciosa comunicação, os pintores conterrâneos J. Figueiredo, Floriano Teixeira, Cadmo Silva, Milton Luz e Claudio Castelo Branco, a primeira mensagem do Núcleo Elyzeu Visconti", recentemente fundado nesta capital.

A finalidade do referido núcleo é muito simples e isso dizem os moços com mais simplicidade ainda. Não pretendem grandes coisas, hão de ver. Desejam apenas desenvolver o gosto pela pintura com aulas de modelo vivo e ao ar livre (isso é um exemplo). Por favor, procurem entender a intenção dos moços, não digam de antemão que isso não vai adiante e que o fim já se aproxima, antes mesmo da primeira exposição, aliás, única porque é uma vez por ano. Também não condenem ainda os moços, entendendo a arte como atividade inútil quando, justamente ela nada tem a ver com esse conceito. A arte se limita, não esqueçam, a revelar apenas uma expressão do ser e isso é que é nobre, belo e humano. E por favor, apareçam naquele velho sobrado da Rua 28 de Julho. Numa sala pobre e desconfortável, trabalham alguns moços de nossa cidade agora congregados em torno do nome de grande pintor brasileiro. Eles não oferecerão cadeira (porque essa peça de mobiliário doméstico não existe lá), mas haverão de mostrar os belos quadros que com humildade e paciência vão se acumulando num canto da parede entre cavaletes, pincéis usados e tintas.

Gostarão da pintura de Floriano Teixeira. Talentoso de fato, Floriano se apresenta com uma personalidade artística inconfundível. Seus quadros são dotados de um novo humano, tão estranho quão sugestivo e rico e, embora nos acudam à ideia a influência portinaresca porque somos ainda uns atrasados em matéria de pintura (e não sabemos dizer outra coisa), afirmaríamos, apesar de tudo e contra todos, senhores, que se pode ter vontade de abraçar aquela menina que Floriano pintou com alguns brinquedos pobres, e - nua, frágil e viva - como se fosse

nos pedir uma coisa, apontar um passarinho ou dizer uma tolice, sei eu, meu Deus.

J. Figueiredo, que esteve recentemente no Rio onde procurou estudar e aprender, não fez segredo do que veio sabendo. Conta tudo que viu e ouviu (como um irmão mais velho), com eles trabalhando em reservas. E revela qualidades bastante apreciáveis como essa originalidade de coloridos que nos fascina a visão. Eu gostaria de falar muito deles, de todos, mas as duas colunas estão se acabando e por isso, esperemos a exposição, não com caráter crítico que para isso não há saber e sim com o entusiasmo e a atitude sincera de visitante mais curioso com um campo maior de impressões.

Louvemos os moços, aplaudamos a todos e cheguemos até lá, num sábado à tarde. Que em São Luís, numa sala modesta e desconhecida, a arte, silenciosa, se revela.

PRÓPRIO DE TEMPO

03/04/1947

O Senhor Jesus depois de cear com os seus discípulos, lavou-lhes os pés e disse-lhes: "Compreendeis o que vos fiz? Dei-vos o exemplo para que façais o mesmo". (S. João, 13, 12, 13 e 15).

Somos uns inamistosos. E estamos sempre tão preocupados com os nossos problemas que nos sentimos violentados quando, por motivos anteriores à nossa vontade, somos impelidos a cuidar de alheias dores de cabeça. Esse fato nos desorbita, desvia os planos da manhã. Todavia, a invenção do amigo é insubstituível, Maravilhoso assim o uso de uma linguagem secreta, o leve bater no ombro, o sorriso. Isso de fato é muito puro e importante e precisa ser meditado porque, na verdade, está existindo muito pouco. E preciso ser meditado enquanto não se assina o ponto na manhã de hoje, enquanto não se vai no bonde entre uma senhora gorda e um cavalheiro com charuto.

Para evitar possíveis suspeições (sou católica) não pretendo levar o assunto para determinado plano espiritual. No trecho que destacamos acima, pretendemos tão somente salientar a atitude de alguém que, como Senhor e Mestre, lava os pés de seus servos e discípulos. É tão extra - humano, porém, tal atitude e tão pobre e restrito o nosso vocabulário que vamos adjetivar tal atitude de santa. Você, incrédulo e meu amigo, compreenda, pois...

Ora, nós somos umas criaturas que amamos e nos desafeiçoamos. Isto é, se falamos em amigos e amores, dizemos também desaforos, damos até pancada quando, no caso, o caráter é além de inamistoso, árduo. E no dia de hoje o que queríamos salientar é o seguinte: se o episódio evangélico é justamente rememorado na igreja, do nosso pensamento se apagou sem deixar sombra. A tônica é a do egoísmo e o desgaste que deve ser feito é ainda de egoísmo. Nenhuma reforma, nenhuma medida fará do mundo uma agradável morada enquanto, fundamentalmente, persistirmos, desconfiados uns com os outros,

numa agressividade soturna que se manifestará mal os lábios pretendam murmúrios vagamente pessoais.

Um filósofo, deve ter sido Aristóteles, disse assim aos seus amigos: "Meus amigos, nós não temos amigos". Paradoxalmente, essa é a maior confissão de amizade. A frase foi pronunciada e alcançou ressonância; o filósofo não a lançaria gratuitamente - e o que é a ressonância senão a milagrosa amplitude de amizade? Esquecido o trecho bíblico e, hoje, lembrado ao leitor apenas como avaliação de nossas distâncias e do nosso pleno desconhecimento, quiséramos, pelo menos, que a frase de Aristóteles fosse caminho subterrâneo para o encontro com alguém da mesma língua.

M. DELLY

09/04/1947

Conheci M. Delly por intermédio de uma tia ledora de romances. Introduziu-me ela com entusiasmo e êxtase no mundo azul e róseo da escritora francesa e eu, em breve, estava quase viciada nestas tiradas loucamente românticas. Mas a vida do lado de fora do livro era tão diferente que fui obrigada a reparar no *tour de force* do meu entendimento a fim de aceitar as doces e desamparadas sentimentalidades. Mocinha pobre de longos cílios e olheiras acentuadas sofre neste mundo que é um horror e sem encontrar um nobre rico como Elias de Gileac para lhe objetivar os grandes sonhos. Além disso, as histórias se pareciam tanto umas com as outras que resolvi impugnar os romances que minha tia queria ler em voz alta nas tardes de domingo manso. Impugnei, amparando-me em Alexandre Dumas com "Os 3 Mosqueteiros". Confesso que a mudança não foi recebida com agrado. O escritor era de rapaz - ela dizia - e eu, com essa atitude, me revelava francamente revoltosa. Não voltei, porém, ao velho hábito. E minha tia romântica conformou-se, apenas se notando alguns resmungos indisfarçáveis pelos cantos da sala.

E nunca mais me lembrei de M. Delly. Ontem, subitamente, sua presença retornou e de modo bem triste.

É que li a notícia de sua morte. Sim, morreu de verdade em Versalhes, no dia três deste, Marie Danielle Petitjean Rosière (nome mais delicado desconheço eu, parece nome de flor). Contava 71 anos, idade avançada para um escritor de nossos dias, convenhamos. Entretanto, M. Delly não trabalhava sozinha; seu irmão Francisco com ela colaborava. Daí muita gente dizer que M. Delly era homem; Dos seus romances mais celebres que devemos salientar "Entre Duas Almas" e "Escrava ou Rainha?" (que mundo, meu Deus, que mundo...). O primeiro, que veio á luz em 1910, obteve a respeitável tiragem de 190 mil exemplares e o segundo, em 1913, de 203 mil o que na verdade representa um recorde, pois os livros dessa natureza estavam a contar com um reduzidíssimo público feminino. O "Entre Duas Almas" era o livro mais apreciado pela minha tia. Quando não havia mais nada a ler ela voltava á

historia de Valderez com todos os seus devaneios e idílicos pensamentos. Ah, certamente o fato vai entristecê-la. Eu já havia pensado em recortar um pedacinho do jornal e mandar para ela. Depois, fiquei pensando que, afinal de contas minha tia se apaixonou foi pelos livros. Não, não há perigo de ela encontrar esta crônica. Mora muito longe. Jornal, na fazenda, é mais difícil do que diamante no meio da rua...

PRAIA GRANDE

20/04/1947

Na Praia Grande é diferente, porque o trabalho é um culto e se prova com suor. As vezes, chove. E se é chuva fina pouco adianta; os homens continuam costurando sacas com enormes agulhas e não cessam a caminhada de ir e vir - é babaçu que vai para terras distantes. No barulho usual se mistura muita coisa; mas o ouvido, acostumado, logo reconhece: gemido de bonde na curva, rodar de carroça, apito de carro, grito de carroceiro guiando animal. E, como que envolvendo tudo, o vozerio humano onde se intercalam risadas súbitas, pragas deturpadoras das palavras.

Nos escritórios, porém, o clima é menor. Homens chegam a hora própria, enfiam o paletó no lugar de costume e toca! – vamos cuidar da vida. Escrituram-se livros enormes, tinta vermelha levando os olhos a fazer saltos nos Deve e Haver e ainda as cartas em linguagem sintética. V. S pra lá, V. S. pra cá. A moça datilógrafa suja as mãos no carbono e não gosta, também entristece se as unhas repintadas no sábado sofrem qualquer acidente na segunda-feira. Em verdade, deve ser lamentável. Mas é maravilhoso, às 5,30, quando, empoado o rosto e retocada a boca, vem a moça (boca devia rimar com moça) pela beira-mar, descansando o rosto no afago do vento, admirando a gaivota, irmã dos lírios dos campos...

Os outros homens, catraieiros e carregadores - têm também um momento de folga dentro do ambiente conhecido. Isso acontece logo depois do almoço, antes da labuta atingir o mesmo ritmo da manhã. Um dos locais preferidos é a velha escadaria da rampa. Porque aparecem os sorveteiros ou meninos vendendo cocada, "dé-ré-só". Mulheres sentam ao lado de marinheiros risonhos, conversam em diapasões diferentes e com largos gestos: às vezes até pode sair uma briga, mas isso eu nunca vi. Há também em pontos já conhecidos as vendedoras de mingau ou de laranjas, ao gosto do freguês. São criaturas expeditas, falam alto ou são

arrelhadas, soturnas, têm cachorros debaixo de uma tosca banquetta.

Ah, a Praia Grande é mesmo uma grande praia. Nela, quotidianamente, se realiza o ato do trabalho, santificado na árdua luta, se de pouca glória, tão plena de heroicidade.

BOM DIA

26/04/1947

Outro dia me escreveram para saber o que O estava acontecendo comigo. Se era preguiça, se estava desgostosa da vida ou se brigara aqui com o pessoal de casa. Nesta última possibilidade, a pessoa que me escreveu declarou estar incondicionalmente do meu lado. Fico muito agradecida com esta solidariedade antecipada e tenho o prazer de confessar que não foi preguiça, desgosto ou briga séria. Sim, porque sou pela saudação evangélica: "Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo ou, ainda menos demorado: A Paz do Senhor Seja Convosco." A verdade é que havia muito anúncio pra sair e, sem falsa modéstia, os anúncios trazem tão altas e grandes novidades... Novo tônico para o coração, xampu perfumado, a casa tal recebeu pentes americanos, olá, amigo, salve a situação com um cálice deste remédio. Verifique ainda que há na Assembleia, e as pessoas precisam saber o que está acontecendo por lá. Neste aspecto, quando da instalação da mesma, escrevi uma notícia. (Pergunte ao Galvão, o moço secretário dos associados). Mas, os trabalhos da Assembleia, por sua vez, requerendo a respectiva divulgação, levaram-me o espaço das colunas em que nos avistamos pela manhã. E assim, apesar da ausência, sinto-me todavia muito "gloriosa" tal o prazer de ceder o lugar aos assuntos políticos. Ainda não fiz usucapião da coluna e, mesmo que o fizesse, permitiria uma servidão de trânsito pela publicidade de debates ou de deliberações pertinentes à política do nosso Estado.

Se bem pergunto, você já foi à Assembleia? Eu já fui e gostei muito por causa do clima, especialmente. Lá as pessoas podem pensar alto, sente-se o sabor tão próprio de um aparte, na assistência cada um a favor do representante preferido. Não sei se porque há muito tempo não assistia à sessão de tal natureza, não sei se porque aprecio tanto o falar-se assim num ambiente de liberdade, mas o certo é que vim muito satisfeita, já a pensar em nossa constituição promulgada, o sistema de pesos e contrapesos (era assim que se referia aos três poderes um velho e mui sabido

professor) em maravilhoso equilíbrio. Bem, até amanhã, isso foi só uma conversinha à janela, afim de bem mostrar que estou aqui.

A MOÇA FANTASMA

01/05/1947

"O Globo" de quinta - feira trouxe-nos uma estranha notícia. O caso da moça fantasma que dançou a noite toda com um jovem de carne e osso. Muita gente não acredita, acha que isso é história feita para provocar sensação. Não iremos examinar a veracidade da noticia porque não chegaríamos a provar nada; trouxemos o caso à baila apenas movidos pelo desejo de imaginar coisas ao redor do amor de um fantasma.

A primeira coisa que achamos difícil é imaginar boniteza num fantasma. A concepção mais visível é de algo nebuloso, flutuante, quase liquido, longe do chão, movendo-se sem tomar conhecimentos dos obstáculos naturais como parece, mesa, etc. Mas o jornal diz que a moça era bonita e logo nós nos devemos conformar. Quanto aos diálogos reconstruídos, a conversação do fantasma é evidentemente igual à de qualquer criatura terrena. Bem, acho que até aí o moço não podia ter elementos para desconfiar de nada. Das noticias inseridas não consta houvesse ele convidado a moça para tomar um guaraná inofensivo ou ainda um juvenil sorvete de coco; não consta tivessem eles com segredo no jardim onde, num idílio mais real (real no sentido de oportunidade mais tangíveis, ora compreendam), pudesse o jovem aquilatar até onde iria a sensibilidade de um fantasma. A sensibilidade de um fantasma... Neste plano não farei suposições. Poderei pensar, por exemplo, que o beijo do fantasma bonito é frio e leve, algo assim como aragem do vento. Se assim fosse, o moço, na certa, começaria a desconfiar. A moça, porém, era um fantasma esperto, qualidade que provavelmente levou daqui. Esperto, digo eu, porque conseguiu escapular daquele mundo além (aqui faço um gesto um tanto para ajudar o leitor) e entrar no "Harmonia Clube", mui harmoniosamente, e dançar com o jovem de carne e osso.

Só uma coisa achei estranha na moça fantasma. O medo da chuva. Nós, quando queremos voltar a casa e acontece estar chovendo dizemos: "Quem vai pra casa não se molha". Mas a

moça, não; levou a capa do apaixonado a fim de resguardar-se das correntes de ar, dos aguaceiros pesados, de um indiscreto guarda civil ou, mais provável, a fim de disfarçar sua aparência na madrugada reveladora, quando o galo solta o primeiro aviso e as sombras suspeitas desfazem-se à fina claridade...

OS CRONISTAS

10/05/1947

Criaturas interessadas devem ser os cronistas: Mas um interesse que não chega ao devotamento nem reflita tão pouco o frio profissionalismo de um repórter. Essa é a justa medida e nela tudo pode ser escrito, desde as pedras de um muro ao colarinho de um rapaz. O problema do cronista não é, pois, o assunto, mas exatamente, a maneira de tratar o possível aspecto das manhãs, dos risos humanos, dos vazios pensamentos... É aí que a gente se revela e se descobre e se manifesta sério ou fútil, lírico ou trágico, *clown* ou veladamente místico.

Em geral, todos nós somos obrigados a uma certa futilidade e isso pela própria imposição do gênero. Convenha o leitor que não seria levado a sério um cronista dogmático e pesadão a destilar "schopenhauerismos" em cabeças sadias, pelo menos de manhã, à hora do café, quando os pequenos aborrecimentos se agrupam longe para o religioso desfile.

De manhã, pois, falaremos das andorinhas e também dos gatos, das leves vaidades e da alegriazinhas minguentes, falaremos da nuvens e dos namorados, das crianças não choronas, dos rios, de um leve amargor que é mais caminho para ventura maior. Somos, é verdade, bem fúteis, e isso me agrada particularmente, de vez que a própria sensatez ordena e manda não levarmos as coisas tão a sério. As coisas, Os cronistas falam principalmente das coisas verdes e amarelas, estranhas e banais, quotidianas e tontas. Por isso, bem veja, somos tão mudáveis, tão efêmeros (aliás, psicologicamente nos parecemos com a decantada rosa de Malherbe) não podemos dizer nada de sério, (imagine, levar-nos-iam na troça...) Não, não me advirta, bem me lembro que, há pouco, falei em companheiros líricos, "clownescos". Mas essas possíveis facetas de possíveis companheiros estão investidas do efêmero, doutro modo não o suportaria o leitor.

Algumas vezes, a gente recebe carta de leitor pedindo conselhos, de dona de casa reclamando o preço do pão que é pra

se botar no jornal. Nessa hora, compondo óculos imaginários, pretendemos respostas na medida. Mas, verdade seja dita, sempre preferíamos falar de dois coelhos brancos e dez pedrinhas coloridas...

MENINA EM PALÁCIO

14/05/1947

Foi no dia da posse do Governador. Todo F mundo podia entrar no palácio. Ficamos no terraço espiando a paisagem que, por sinal, é muito bonita. Mais tarde, deu-nos a vontade de rever umas telas antigas, que deviam estar numa das salas de recepção. De fato, logo encontramos o que desejávamos: mas depois de alguns instantes, tivemos a atenção desviada das pinturas por causa de uma coisa muito viva e importante, notável mesmo, bem ali perto de nós. Era uma menina magrinha de vestido curto e cara espantada diante dos leões, aqueles leões dourados que estão sempre mostrando os dentes pra nós. A menina parou e disse: "oh, que bicho.." Ai deixamos a pintura, inteiramente dominados diante daquela expressão que era espanto e era medo, curiosidade e anseio. Havia uma velha com a menina: quis pegar na mão dela como se tratasse de um bichinho cego. Ela não deixou não. Depois de certas andanças ao redor dos leões foi seguindo sozinha num passo leve, talvez com receio de escorregar no assoalho polido. Oh, como tudo era lindo e majestoso! Ela queria todas as salas; mas evidente era o medo de perder-se. E a velha estava resmungona com preguiça de continuar. Nós a seguimos esquecidos dos quadros. Quando chegamos naquele salão onde há umas cadeiras estufadas, recobertas de cetim, a menina chegou pra velha e disse: será que é proibido a gente sentar ali? Deve ser bom hein? Eu só queria experimentar...

Nada disso, depois vem um guarda e leva você. A gente pode ver tudo, mas não deve mexer em nada.

Aqui é tão bom, tem cada espelho do tamanho dum homem. Esse é que é melhor da gente olhar...

E foram andando, a velha resmungando, e a menina falando de cada coisa que via. Ora enrugava a testa, ora piscava um olho e abria a boca. Quando passava um homem fardado ela ficava quietinha e procurava sumir num canto. Nós, decididamente

vencidos pela garota pobre e magra, que talvez nunca tivesse visto assoalho polido, luzes resplendentes e espelhos enormes.

No terraço, estive num momento a ver as coisas longínquas. O mar, os barcos, a Ponta d'Areia, a avenida com figueiras arrumadas. A tarde era clara e de ventos gerais. Ela queria ficar mais, ver de novo os leões com os dentes enormes, aquela cadeira parecia ser trono de princesa.

Vamos embora, está ficando tarde. Daqui até lá em casa é uma puxada...

Nós vamos ver o Governador?

Não senhora, tem muita gente, outro dia você vê.

E lá se foram, procurando a escadaria. A menina espiou e nos viu. Nós lhe sorrimos e ela não estranhou. Talvez, familiarizada com o rosto que a seguia veladamente naquele passeio. E sua voz era fina e adelgada e eu ouvi bem quando ela disse:

Mas eram lindos os leões...

MAIO E AS NOIVAS

17/05/1947

Este maio das noivas tem sido bastante chuvoso. E é desagradável festa de casamento debaixo de chuva. Convidados encapotados, a terra não se alegrando com o sol. Assim mesmo, os casamentos acontecem com regularidade, pois o amor não se deixa influenciar pelo tempo. Ou melhor: deixa-se vencer romanticamente em maio cujo signo parece presidir a união de jovens amorosos.

Não são os grandes amorosos, mas simplesmente jovens em amor as criaturas que se casam em maio. Uma pequena reflexão faz descobrir que não é prova de grande amor a realidade de casamento com grinaldas e pétalas de rosas. E nisso influi a afirmação do temperamento, ou, ainda, caprichos do próprio destino. O primeiro caso, para não citar versos de amor em que o casamento não se apresente como solução sentimental para o poeta (geralmente um grande amoroso), remete o leitor para a conhecida declaração de Oscar Wilde, quando da possibilidade e sua união com Sarah Bernhard. Declarou o célebre escritor que não se casaria com Sarah por querê-la demasiadamente. Percebe o leitor a profunda observação nesse aparente paradoxo? Pois, ainda mais reveladora é a afirmação de Valéry, quando diz que a gente apenas tem aquilo que não possuiu.

Quanto á segunda hipótese, pensamos que se deve encará-la mais como uma consequência do temperamento. No grande amor se reflete, antes de tudo, uma enorme incoerência produto de inevitável contradição espiritual. Parece mesmo que os equívocos são necessários à elevação e constância do sentimento amoroso. O desespero é, assim, forma sublime da mais avassaladora paixão. Em todo o caso, são mais simples, cordatos e práticos os que, com retrato e cravo branco, pretendem resolver o coração. Não se entristeçam os noivos pela possível diminuição de capacidades afetivas. Levam a vantagem de problema solucionado. Mas é que maio, sendo o mês das noivas, não é, todavia, o mês do Amor.

PITORESCO

18/05/1947

Você já deve ter visto o homem da viola. V Ele vai pela cidade num carrinho feio que é puxado por um jumento. E, à frente do jumento, segue um menino dirigindo o grupo.

O homem é triste e doente, mas a violinha é alegre. Quando ele começa a tocar vai chegando gente curiosa. Daí a pouco está uma roda de meninos e pessoas grandes um tanto mais desocupadas. Ao terminar a peça, que pode ser um samba, modinha esquecida ou valsa chorosa, o homem fica bem quieto e espera. Ora, ninguém se faça de desentendido. Esmola ainda não foi tabelada e varia conforme as posses de cada um. Recebida a esmola segue o grupo despreocupadamente o seu caminho.

Menino, jumento e homem triste assim reunidos constituem um quadro diferente na conhecida paisagem da urbe.

Uma senhora que ia passando, por sinal elegante e bonita, exclamou, ligeiramente fútil, à companheira apenas simpática:

Oh, que coisa pitoresca!...

A palavra, confesso, não me agradou Afinal, porque será pitoresco um homem doente tentando sobreviver com a música de um pobre instrumento desafinado? O que vi naquilo tudo foi uma tristeza irremediável. Desde a infância que trabalha, descalça e humilde, à tragédia de uma vida dolorosa. E por isso, embora eu goste de ouvir toque de viola, não fiquei muito tempo naquelas imediações. Pitoresco é o Pão de Açúcar, o bico do tucano, a Vista Chinesa.

Pitoresco tem no jardim zoológico, nos livros de "espírito", nos recortes inconscientes duma ilha. Pitoresca é outra historia, para falar de Kipling, menos o homem da viola com seu carro velho que parece se quebrar a qualquer hora. Menos o jumento e também o menino que vai à frente, abrindo caminho, descalço e humilde. Bem, não estou elevando o tom da voz. Faço agora lavra pela palavra? Quero dizer a senhora elegante não empregou a palavra

pela palavra? Quero dizer quando a mulher sabe que alguém interessante e em que é interessada vai ouvi-la diz qualquer frase muito... pitoresca. Na certa devia haver um cavalheiro pelas cercanias...

UMA ARTISTA

23/05/1947

Iracema de Alencar é, efetivamente, uma grande artista. A frase é comum, mas, hoje ouvimos tão poucas verdades que não faz mal insistir em repetir o que os jornais de nossa terra vêm afirmando com justo e merecido júbilo.

O que me deixou feliz, o que me comoveu, o que me faz escrever agora não foi a oportunidade de comprovar a realidade de uma vocação artística. Há tantas vocações que não vingam... E não vingam exclusivamente por uma questão, vamos dizer, pessoal, pois acredito na vontade individual como força construtiva se devidamente orientada. Mesmo em arte? Perguntará o leitor admirado. E eu responderei que especialmente em arte. Baudelaire escreveu que a inspiração consiste em trabalhar todos os dias e, como essa maneira de ver encerra outra grande verdade não exagerarei se estende-la à arte em geral.

Iracema de Alencar afirma-se de fato uma artista de raro talento. Sofreu e lutou e, em arte, nada se faz sem paciência, nada se consegue sem a dor. Compreendam agora a causa de minha comovedora alegria: eu estava diante de alguém que conseguira desenvolver, e não só desenvolver, mas enriquecer sua capacidade de artística a ponto de, ao afirmar sua vocação, tornar evidente um conjunto de qualidades estéticas definidoras de notável valor dramático.

Fala-se e discute-se na dupla personalidade do artista. Eu, porém, cancelo a questão tão somente entendendo que, em teatro, ou se tem temperamento ou se o improvisa como qualquer arranjo, às carreiras, sem o mínimo sentimento de escrúpulo.

Iracema de Alencar tem uma interpretação consciente e segura:

Seus recursos, se não são mui vários, se apresentam com tal persuasão e com tamanha identidade à própria essência da vida que, vê-la representar se converte em real espetáculo de estesia.

Ela nos parece então múltipla e inesgotável; os planos de sua personalidade desdobrando-se em harmonia com a sua unidade fundamental. E este aspecto é, afinal, o que encerra maior valor uma vez que não sendo dotado de tal capacidade o artista passa a repetir-se com maior ou menor habilidade.

Ao que sabemos, Iracema retirar-se-á do palco logo termine sua turnê pelo norte do país. Um pressentimento, porém, nos diz que tal resolução poderá ser sustada. Cada destino tem a sua lógica e o destino de um artista não é para ser resolvido com os princípios quotidianos de uma vida banal...

A SUA MÚSICA...

24/05/1947

Talvez você nem se lembre direito, talvez T nem mesmo possa explicar. Sabe apenas que essa música tem o poder de movimentar o passado renovando velhas emoções. Não vem esse encanto especial, essa aparência de eterna beleza do valor intrinsecamente musical. Às vezes um antigo samba assoviado de madrugada pelas ruas traz ao coração paisagens remotíssimas, distanciadas do atual, não só na realidade do tempo, mas na situação misteriosa da memória. A melodia ao ouvido é mais rica e sugestiva O próprio ser se recorda na contemplação musical de estranho espelho; o riso e o gesto voltam à lembrança devido à cumplicidade da melodia favorita.

As vezes foi porque alguém dançou com você pela primeira vez ou lhe ensinou, num ângulo da sala, as frases aprendidas:

A noite desceu, a lua cresceu.

"A noite desceu, a lua cresceu".

Não foi numa festa, você podia estar perfeitamente em casa com um livro diante dos olhos. Mas o livro não interessava absolutamente. Além disso, chovia, os sons parecem abrir súbitas janelas permitindo à alma uma identificação com o que já foi, o telefone estava quebrado e não era dia de receber cartas. Por isso você acendeu o rádio e logo começou a insistência musical daquele bolero. Vinha de vários modos o mesmo motivo e, ao contrario de tudo, ele não aborrecia ou enfastiava. É que a musica chegou mergulhando em sua alma... Seu coração ficou impregnado do bolero de Ravel.

Também pode ter sido numa viagem de trem. Será que você a ouviu ai pela primeira vez? Vamos, recorde, devia haver uma moça loura e uma senhora discretamente cochilando.

O dia já vem raiando, meu bem, e eu tenho de ir embora...

Verdade é que as músicas também se parecem com as pessoas;

Você já notou como esta valsa se parece com Elisa, perguntou-me junto a um rádio, um moço cujos sentimentos em relação à mesma Elisa eram positivamente claros e evidentes por circunstâncias outras...

Mas eu não conheço Elisa..., disse-lhe pesarosa.

Que pena! Exclamou, Elisa é o Danúbio Azul em pessoa...

RONDÓ QUASE TRISTE

28/05/1947

Infância que estás perdida no princípio do caminho, sobe lenta como um fio, como um fio d'água mansa, infância que estás perdida atinge o meu coração e adormece a minha pena, redescobre o meu tesouro, envolve com a tua luz os objetos esquecidos. As faces que contempleste, imóveis, graves, silentes, sobre a ponte escura e triste flutuam com oscilações. Havia calçadas altas, um pião com manivela, um velho vendia flores às terças, quintas e sábados.. Infância que estás perdida, lenta, sobe como um fio, lava duas mãos cansadas, rebatiza na visão imagens tão maculadas. Já não sonho com o país das bailarinas morenas, que têm musica em cada gesto, que têm asas sob os pés; já não penso numa vida com manhãs de sete anos, porque as horas limitam o sonho de cada ser. Só queria que do princípio, do início do caminho alguma flor que pendida de todo inda não morreu.

Sobe lenta como um fio, envolve toda a cabeça, faze-te véu para mim manto que me abrigasse nas tardes sólidas e fixas com sinos que, em cada nota, desfolham saudades finas, nota roxa, pausa cinza. Redescobre o meu tesouro, dá-me a lâmpada de Aladino, chapéu do homem invisível, calçados que o Polegar roubou no sono ao Gigante, dá-me... o que me foi levado num carro de rodas leves, mais leves que duas plumas voando sem consciência, nota roxa, pausa cinza.

Há martelos destruindo, há barcos no mar singrando, mas não vejo gaivotas, nem ouço na velha esquina o som de algum realejo - no princípio do caminho alguém ficou numa curva retardando os mesmos passos, de mim sutil desligando-se. Infância que estás perdida em que abismo ficaste? Em que treva adormeceste? Na lição mais complicada, na conversa que ouviste atrás da porta marrom, quando pessoas maiores conversavam com punhais? Foi como um copo finíssimo despencado lá do alto, infância que estás perdida, nota roxa, pausa cinza...

A PRESENÇA

30/05/1947

Falava baixo dizendo as coisas mais banais F deste mundo. Suas observações eram tão simples, tão mais simples os assuntos de que tratava que nos deixava a impressão de conviver com alguém inconscientemente ingênuo. Não pensávamos, todavia, em crianças. É que além daquele ar comum e fácil, havia certa gravidade oriunda não de uma sistemática do espírito, mas de algo mais fatal, dir-se-ia a própria essência do ser, incontrollável e indesviada (ou indevida). Às vezes se ouvia um rumor esvoaçante por cima dos ombros e, se logo uma sombra espalmava-se no chão, erguia a fronte reta e larga e apontava: - um pássaro voou... E, se olhávamos o espaço e contemplávamos as asas que sumiam além, ficávamos sem perceber abstraídos como se, pela primeira vez, tivéssemos visto o voo de um pássaro. Essa sensação de mistério que subitamente se desvenda, mas que de todo não se esgota, era o que nos passava sua presença.

Com ela aprendemos a descobrir coisas que julgávamos inteiramente nuas e devastadas pela insatisfação dos cinco sentidos. Eram aspectos tão mínimos e frágeis, tão geralmente relegados no gastar incessante da visão, que a vida nesse momento parecia adquirir outro equilíbrio, sete véus lentamente retirados.

Não se definia pela tristeza e estava além da alegria. Sua presença deixava-nos uma espécie de continuo deslumbramento. Através dela víamos o mundo como se atravessássemos o vidro de caleidoscópios mágicos. Assim se mostrava, assim estava entre a gente e mal sorria. Não, nem movia os lábios. A causa, afinal, deste maior destaque, dessa presença ao mesmo tempo dócil e simples, grave e harmoniosa, era a profunda consciência de saber-se vivo, de sentir-se participar da invenção, onde a dor, embora inevitável, não vedaria o caminho da luz.

Leitor - deixa-me confessar: estive inventando cousas... mas, conheceste tu alguém assim?

DEVE SER EM SILÊNCIO

01/06/1947

Os jovens não gostam de ficar em casa. O Achrom muito desinteressante essa historia de estar de chinelos ou de pijama, cada vez mais irritados com o voo das moscas ou o choro de crianças mal educadas. "Afinal, é mesmo muito melhor ficar na rua conversando ou alegrando a vista à passagem de seres agradáveis e despertadores de frases exclamativas e admirativas. Na rua é muito melhor". Em casa tudo é tão monótono, tudo se repete infalivelmente. E se a gente pretende descansar, ao lado do repouso físico surge a irritação interior pelo vazio fatal, não acontece absolutamente nada.

Os jovens. Não há criaturas mais ansiosas. Mal despertados já são obrigados a fechar os olhos à poesia e à beleza da vida pela necessidade de uma luta inglória e cada vez mais desigual: para sobreviver é necessário cancelar certas preocupações de ordem mais elevada.

E a casa, em vez de representar um refúgio onde se retemperem as forças, onde o coração a si mesmo contemple, aparece como um cárcere inevitável próprio dos velhos e das crianças que engatinham.

Assim, eis que nos surpreende um característico principal do século: – a época é, antes de tudo, a época do filho pródigo; dir-se-ia que a vocação para o mar (simbolicamente) é a essência da juventude.

A princípio, sem pensamento demorado, a observação nos faz concluir que o motivo, é mais para alegria. Então, porque não acreditar no espírito de aventura da mocidade: Shakespeare numa de suas comédias condenava a mocidade que não sai de casa... Mas, meu amigo leitor, o espírito que nos faz repetir o home, sweet home não é o chamado da aventura. É a inquietação, é a inútil turbulência espiritual que nada cria e que em vão se gasta. Cito um poeta brasileiríssimo e moderno, Augusto Frederico

Schmidt, tão conhecedor dessa alma se nova, prematuramente triste. "Ó mocidade já tão cansada de não viver..."

Não nos lamentemos, porém. Todos sabem que o filho pródigo voltará. Haverá festas e grande júbilo. Embora, particularmente, preferíssemos que a volta fosse mais discreta, em silêncio, sem alarde, como se tivéssemos ido apenas à fonte próxima mergulhar o rosto pálido e as mãos vazias e cansadas...

O CHAMADO

04/06/1947

Um cão que de costume ficava no pátio abanou as largas orelhas e rosnou desconfiado. Ao bater da velha aldraba contra a porta seguiram-se rumores apressados arrastar de pés, mãos que tateiam no escuro, bocejo, voz que hesita suspensa. Depois um súbito silêncio como se a casa ficasse vazia ou fantasmas nela habitassem. O cão levantou-se da esteira onde dormia, entesou as largas orelhas amarelas e latiu estranho. Do quarto contíguo veio um sss pedindo quietude. Precisava-se olhar pelas frestas da janela... quem batera com tanta insistência. Novamente, a velha aldraba ressoou de encontro à porta. – Quem está aí? - perguntou com receio o dono de casa. Quem seria, àquela hora, senão um viajante á procura de abrigo? Não se podia ver nada, os objetos pareciam dissolvidos na treva ou transportados para o alto de um teto invisível, Não se deve abrir a porta a desconhecidos. É necessário cautela, prudência... Às vezes um malfeitor, um vagabundo qualquer. E se era pessoa séria porque não respondera ainda há pouco à pergunta? Porque se limitara a bater com mais força? Não, ele não abriria só assim. Talvez se riscasse um fósforo conseguiria divisar qualquer coisa. Mas não era prudente. Ele veria o reflexo da luz pelas rachaduras da tábuas. Seria talvez alguém doente que não pudesse falar? Que estivesse a sofrer uma dor terrível, que o privasse da palavra e apenas concedesse às mãos o meio de assim pedir? Se assim fosse ele estava sendo desumano. Podia ser também que lá fora nem o ouvissem. Ele falara tão baixo, como que de antemão sufocado: "Quem está aí?..." Claro que deveria ter gritado, claro que não o ouviam em seguida como se protestasse e o homem começou a tremer. Se fosse um pobre miserável... um viajante rico, um velho conhecido que aparecesse de repente, abrisse os braços ao passar a soleira e lhe dissesse em altos brados: mas não me conheces mais? Será que mudei tanto? Vem cá um abraço nesse velho amigo! Ah, se fosse... ele sairia correndo, descalço mesmo, abriria a porta, acenderia todas as luzes. Não, não era ninguém conhecido, ter-lhe-iam chamado o

nome. O melhor que fazia era deitar-se como se nada tivesse acontecido. Como se fosse surdo. Sim, se ele fosse surdo não ouviria nada. Voltou ao leito, chamou o cão com um assvio cauteloso para perto de si. Agora, envolto em lençóis brancos e macios, ouviu, distante, a mesma pancada, já fraca e meio perdida. O sono, porém, desligou-o do mundo como se uma amarra fosse subitamente cortada.

E pela manhã, ao levantar-se, abriu a janela e olhou a vida. A lembrança da noite anterior desfazia-se brandamente, mas no seu rosto havia o sinal de que algo fora perdido e não mais voltaria...

AS PLANTAS EXÓTICAS

05/06/1947

Parecem plantas exóticas subitamente transportadas.

Ontem, vim no bonde com duas delas, isto é, viajantes ou referidas plantas, como queiram. Estavam em trânsito e vieram de bordo para um passeiozinho pela cidade. Sentaram-se no mesmo banco junto a mim. Olhavam as ruas com ares estranhos, fitavam as pessoas com natural indiferença. E depois comentavam a paisagem.

Bem ouvi. A primeira coisa que falaram foi a respeito da velhice da cidade. Como sabem, o bonde Estrada de Ferro percorre a Praia Grande, justamente onde há os nossos sobrados com os queridíssimos azulejos. A manhã ajudava: clara como se fora recentemente lavada. A primeira planta ou, como queiram, o passageiro em trânsito cujas raízes, no caso, não chegavam nem ao mesmo ser transplantadas porque eram aéreas e seguiriam com certeza para clima mais ameno - a primeira planta, senhora gorda de rosto longo e voz sibilante, disse, meio morna, ao ouvido da outra-viajante ou planta "ad libitum", disse meio morna: "Velhas casas..."

Isso não era diretamente falar mal. Mas era falar mal com os seus botões, com o perdão da comparação rústica. Assim, eis que me sinto de repente, bilaqueana: a sugestão não ficava tão má:

"Olha estas velhas casas, mais belas,
Do que as nossas moças, mais amigas
Tanto mais belas quanto mais antigas
Vencedoras da idade e das procelas.

Mas não recitei nada. Encolhi-me ali na ponta do banco a contemplá-las com o disfarce das contemplações discretas. Segui os seus gestos delas, quando apontavam os paredões de cores

desbotadas ou qualquer relíquia nossa inacessível aos que assim aqui aportam.

E já, ao sair, meu possível leitor (imaginas tu!) a gorda senhora de longo rosto e sibilante voz perguntou-me para dor minha e admiração tua – perguntou-me justamente isso: "Aqui tem mercado de frutas?..."

ALCÂNTARA

10/06/1947

Infelizmente não conheço Alcântara, embora guarde o desejo antigo de visitá-la. Certa vez, cheguei até a marcar viagem (salvo engano num barco que se chamava poeticamente a "Formosa da Barra"), mas algo imprevisto me fez desistir do passeio e, assim, continuo no desconhecimento completo da velha cidade, o que não é facilmente perdoável a uma pessoa que se diz tão amante da terra e das coisas da terra.

Uma notícia, porém, causando-me agradável surpresa, deixou-me agora muitíssimo animada de conhecer a cidade por tantos motivos merecedora do nosso culto e do nosso carinho.

A notícia alvissareira é a seguinte: Dr. Paulo Oliveira, Delegado regional do Trabalho, pretende localizar uma colônia de férias para os trabalhadores maranhenses em Alcântara. E, como solução da dificuldade de transporte, a ideia de um campo de aviação, ainda sugerida pela mesma autoridade, bem merece o apoio de todos os maranhenses e, principalmente, daqueles cuja influência nos setores relacionados com o assunto poderia ser de grande utilidade à realização da ideia.

Pois uma colônia de férias traria evidentemente maior movimento à cidade que despertaria, assim, dessa indiferença mais produzida pelo problema do transporte. Depois, com o avião, a gente podia ir passar o fim de semana em Alcântara o que seria, além de diferente, útil e agradável: nós não conhecemos bem a nossa terra; às vezes sabemos, direitinho, a história do Sargão II, príncipe dos assírios, e continuamos na ignorância da data de fundação da cidade em que vivemos. Para não falar noutros aspectos da nossa cultura, onde a etnografia e o folclore contam com tão poucos estudiosos atualmente. Que a ideia do Sr. Paulo Oliveira se transforme numa bela realidade é o que desde logo desejamos. Estamos a precisar de gente que se interesse pela terra e essa iniciativa merece um duplo aplauso: serve-se o homem e não se esquece a terra.

CASA DE BONECAS

11/06/1947

Certo senhor me escreve perguntando se eu a gostei de "Casa de Bonecas", filme que me parece estar ainda em cartaz. O referido senhor quer antes de tudo saber a minha opinião sobre a história em si, deixando para depois essa questão do valor cinematográfico da peça mais conhecida de Ibsen.

Meu caro senhor, a peça me agrada plenamente e não apenas porque pretenda reivindicar para a mulher o direito pelo menos de errar, exclusivo do homem. O feminino não é para o senhor nem para mim uma novidade, claro. A peça acima de tudo me agrada porque o autor, justamente escolhendo para tema do seu trabalho uma velha ideia, trata-a com tal maneira que nós jamais pensaremos em dizer que essa primeira peça em prosa do dramaturgo norueguês chegue a tornar-se velharia. Esse é, pois, o caráter de verdade que toda a obra de arte deve encerrar. A revelação de uma verdade artística não caduca e se tal coisa acontece, a verdade era demasiado relativa para poder perdurar.

Como vê, não estou ventilando o assunto do ponto de vista em que me torne suspeita, pois não desejo que o senhor, sem mais aquela, venha pensar estar eu puxando brasa para a minha sardinha... Depois, esse problema do direito da mulher é de si, hoje em dia, tão evidente que me abstenho de falar sobre o mesmo. A peça de Ibsen quer apenas afirmar que nós somos companheiras de homem e não escravas suas. É natural que este seja mais um motivo para o crescimento de meu entusiasmo em relação a "Casa de Bonecas". E o senhor que me pareceu bastante interessado pelo assunto em sua atenciosa carta, tecendo comentários tão inteligentes em torno do filme; terá o senhor de concordar no seguinte: é melhor ter uma companheira do que uma escrava. Escrava é uma sombra e de que servem as sombras, meu mui caro senhor; quando não se trata de árvores-sicômoros ou mangueiras, mas de um ser humano que tem um coração igual ao seu?

TECNOLOGIA MERCADOLÓGICA

13/06/1947

Subi e sentei-me. Duas pancadas iguais e secas ressoaram e o bonde seguiu, preguiçoso, como que resmungando por ter de obedecer às paralelas dos trilhos.

Num instante, um olhar relanceando permitiu que concluísse estar entre pessoas aparentemente desconhecidas. Sim, porque a gente conhece só de vista e não fala. Não fala porque elas não falam com a gente e, por isso, nós também não falamos com elas.

Mas perdoem-me. Absolutamente esse não é o assunto. Escutem lá.

É bem comum estarem alguns passageiros a ler enquanto viajam assim no bonde. E eu confesso que é também comum a nossa curiosidade (nossa porque também... vê lá se não és curioso, leitor) em saber o que as pessoas vão lendo. Pois, vem daí e eu com uma leve inclinação de cabeça, espiei e li. Li, não estou mentindo, juro que li: "Tecnologia Mercadológica".

Compõe bem esse cenário, leitor, e vê se, no caso, também não te surpreenderias. Vê por meu intermédio, reconstituo tudo sem tirar nem pôr. Era de manhã, manhã enxuta, sabes? Com um vento que não leva a sério vadiar pelo mundo. O bonde subia a rua e ia com muitos passageiros, cada um com seu destino. E eu, inclusive, cujo destino não vale a pena ser dito desde que se trata de um destino comum, eu tendo ao meu lado moça simpática, de livro aberto, vestido claro, gola rendada. E a Tecnologia Mercadológica. Lia com seus olhos azuis os números arrumados, às vezes franzia o cenho como quem procura fixar um assunto. Numa das vezes pude ler com ela. "As águas, como bebida, podem ser assim classificadas: águas potáveis e águas minerais". Isso ela estava procurando reter. Na certeza, disse comigo, véspera de prova. E por isso já não via o mundo e nem reinava nele e já fechava o coração que se cobria dum limo macio justamente como as pedras há tanto tempo à sombra, em lugares úmidos. Lia com seus olhos azuis...

Agora, não estranharias tu e não tomarias como absurdo se visse olhos azuis abandonando a vida para mergulharem na ciência do comércio, rolando, perdidos, turquesas brilhantes, entre o controle da compra e a oportunidade da venda? (sei eu!) Salvo se, salvo se não és o que penso, e és grave e és sisudo, importante e circunspecto... Neste caso, por quem és, leitor, vê se me deslê...

RÁDIO RIBAMAR

15/06/1947

Aguardávamos a inauguração dessa nova A emissora maranhense para confirmar as impressões que tivemos na fase de experimentação da atual ZYK-4. Assim, é com prazer que vamos afirmar: a Radio Ribamar apresenta-se com as maiores possibilidades de, em breve, tornar-se uma das mais conhecidas estações transmissoras do norte do país. Dotada de uma aparelhagem que permite esplêndida audição, a Radio Ribamar, a nosso ver, terá apenas de fazer face a um problema, não abordando, é claro a sua organização interna – e este problema é artístico. E com isso não nos referimos exclusivamente ao lado musical mas, principalmente a maneira pela qual se apresenta um programa, um novo artigo lançado no comércio ou, simplesmente, a finalização de atividades radiofônicas. Não estamos exagerando. Se falamos assim é porque desejamos, antes de tudo, que a nova emissora, cuja inauguração permitiu avaliássemos suas ótimas possibilidades, alcance dentro em breve não só na capital como em todo o país, um lugar de real e merecido destaque.

Imagine o leitor (aqui chegou a vez do locutor) que estando certa vez no sul do país ouvimos locutor de afamada emissora fazer o seguinte reclame: "Cuidado, muito cuidado; Comprar móveis é delicadíssimo..." Francamente perguntamos, onde esta a questão delicadíssima em comprar móveis? Pois essas coisas são justamente das que devem ser evitadas, a fim de que seja permitido orgulhar-nos da terra, ultimamente tão maltratada em relação aos planos da inteligência e da cultura.

Confiamos, porém, que a Rádio Ribamar, cuja direção artística está a cargo de pessoa culta e de sensibilidade privilegiada - Ribamar Pinheiro – vencerá, sem maiores dificuldades o problema que hoje destacamos apenas com a intenção de contribuir, embora secundariamente, para maior projeção da nova e já tão querida estação transmissora do Maranhão. Aqui ficam os nossos aplausos e votos de uma brilhante e feliz trajetória para a ZYK-4.

CABEÇÃO

17/06/1947

O vespertino "O Globo" vem, ultimamente, apresentando uma série de reportagens a respeito de "Cabeção", o célebre criminoso que, foragido da prisão do vizinho Estado do Piauí, deveria estar em nossa capital em lugar ignorado. O caso, como é natural, despertou a atenção geral chegando mesmo a sobressaltar a população.

Todavia, campeão de fugas, as mais difíceis, cremos que Pedro Francisco Pereira, o "Cabeção", não seria tão ingênuo a ponto de vir homiziar-se em nossa ilha, a não ser, bem, a não ser que motivos desconhecidos o tenham atraído a São Luís. E como o caso, no momento em que escrevo essa crônica, está por ser elucidado, (...?) apresentar ao leitor certas notícias a respeito do perigoso facínora, encontradas num folheto do sr. João Ferry. Ficamos, então, sabendo que "Cabeção" é hábil sapateiro e que, nas horas ócio, "forçado" dedilha um bom violão, seu único companheiro no isolamento das prisões.

Dizem algumas pessoas que "Cabeção" tem pauta com o diabo e, isso, devido à maneira pela qual o conhecido facínora tem escapado às inúmeras prisões. Arrebenta correntes e cadeados como se partisse simples cordões, o que acontece, por exemplo, quando não deseja usar da cabeça que, aliás, não é tão grande, a concluir pelos versos:

“Não é tão grande a cabeça,
Mas faz muita confusão
Pois onde quer que apareça
Só lhe chamam CABEÇÃO.”

É ainda o Sr. Ferry que assegura ser o referido criminoso grande apreciador de danças e folguedos populares. Vejamos em que se firma o Sr. Ferry:

"Um baião, uma viola
Uma cabocla morena
Um terreiro que faz pena
Se deixar desanimado, Tendo a lua lá por cima,
"Cabeção" saracoteia
E não faz figura feia
Num baião repinicado".

Quem teria sido o autor dos versos? Algum cantador anônimo dos nossos sertões? Não sabemos, pois o Sr. Ferry não se refere ao local de onde extraiu os mesmos versos. Mas o certo é que, de qualquer maneira, a poesia, pelas sucessivas transcrições, parece constituir uma biografia romanceada de "Cabeção" (Campeão da Morte e da Fuga). E assim sendo, estamos a indagar se a fuga do famigerado criminoso não se justificaria numa razão simples e para nós, até desconcertante: a vontade incontida de dançar...

AQUARELA DO DIREITO AUTORAL

18/06/1947

Livro útil e interessantíssimo, não só pela sua oportunidade como pela maneira com que é realizado, é a "Aquarela do Direito Autoral" do Sr. Oswaldo Santiago e que nos foi gentilmente ofertado pelo representante da União Brasileira de Compositores em nosso Estado, o Sr. Apolinário Souza dos Anjos.

De inicio, como introdução ao seu trabalho, apresenta-nos o autor uma breve historia do direito autoral onde revela profundo conhecimento do tema escolhido para objeto do seu estudo.

Admirados ficamos ao verificar (entre tantas coisas aprendidas) que o direito autoral, além de ser um direito recente, apesar de toda sua evidência, só há pouco tempo foi com eficácia reconhecido. E, sob este aspecto, há motivo de orgulho para a mulher, pois a primeira lei que se conhece sobre o direito em questão foi promulgada em 1709, na Inglaterra pela rainha Ana. Todavia, terá de caber á França o reconhecimento, sob a forma de propriedade, do direito do autor (Comité du Salut Public-1791).

Depois de revelar-nos a atitude dos paises que, de um modo ou de outro, destacaram-se como vanguardeiros do direito tão injustamente menosprezado, o Sr. Oswaldo Santiago apresenta-nos um Quadro de Leis Internacionais comentadas com inteligência e amplitude de visão.

Quanto ao Brasil, reserva o autor as duas partes finais do seu livro para um estudo mais minucioso sobre as garantias que hoje são asseguradas ao escritor ou artista em nosso país. E nos orgulhamos ao verificar que os legisladores brasileiros logo souberam encarar o problema. A Constituição do Império já fazia referencias à propriedade intelectual, e o Código Penal de 1830 prescrevia "penas para crimes de contrafação de obras literárias e artísticas equiparando-as às de furto".

O livro do Sr. Oswaldo Santiago é, por todos os motivos indispensável, não só àqueles que se dedicam à literatura, às artes

ou às ciências e que, por produzirem intelectualmente, são obrigados a lidar com esse aspecto do direito - Também é indispensável a todas as pessoas que se interessam pelos problemas da cultura em nosso país.

Agradecemos ao Senhor representante da U.B.C. a gentil oferta, confessando-nos muito satisfeitos pelo ensejo de ter conhecido obra tão oportuna e de valor tão evidente.

GUIA

21/06/1947

Iam os dois pela Rua da Palma, descalços, sujos e apressados, Ele era um pouquinho maior, mas talvez nem o soubesse; Ela era menor e o guiava. Não iam lá muito satisfeitos. Discutiam qualquer coisa, o menino tinha gestos duros e rápidos, a menina falava com voz fina e desentoada.

- É.

- Não é.

-É.

- Não é.

Teimavam por coisa séria, estava visto. Ela dizia que era e ele dizia que não era. E nisso foram andando, a menina puxando o braço do menino. Mas ao chegarem à esquina os dois iam tendo um encontro: um homem feio e barbudo descia a outra rua, cogitando problema mais profundo, pois não os pôde ver e foi a menina que tratou de desviar-se. O menino, porém, exclamou subitamente, mal sentiu roçar-lhe tecido áspero e grosso.

Meu senhor, que rua é essa?

Da Palma - disse quase num balbucio o dono da voz seguindo caminho como se não tivesse sido perguntado.

Eu não já disse que não quero essa rua? Não já disse, diabo? Aqui não passa ninguém! Anda, me leva pra Rua Grande ou então vamos lá, no Largo Do Carmo. Aqui não fico! Não fico!

Quem falava assim era o menino, nervoso e impaciente, o menino que não via os outros nem a si, nem a cor do céu ou a do mar ou mesmo um pequeno pássaro-martim-pescador brincando com as espumas macias que as ondas tecem. Ele não via nada - Apenas chegavam-lhe sons daqui ou dali. A Rua da Palma era quase deserta, ele sabia. Não havia aquele zumzum de gente conversando ou bondes com ruídos absurdos. E na Rua da Palma

não era bom porque passava pouca gente, as escolas eram esmolinhas.

Eu quero ir pela Rua Grande! Insistiu sacudindo-lhe o braço. E ela, guia frágil e com receio dos perigos do tráfego murmurou contrafeita a obedecer-lhe:

Eu tenho medo de automóvel...

HOJE NÃO TEM ESPETÁCULO

22/06/1947

Leitor, hoje, não estou de muitas conversas, e tu irás desculpando qualquer possível impertinência da minha parte. Sei da minha obrigação de ser cordial, não ignoro a necessidade de abordar assuntos que, se não alegrem pelo menos, não te entristeçam. Mas, deves compreender que nós, frágeis e relativos, não estamos todos os dias com riso engatilhado na boca. E, hoje, sentimo-nos inteiramente desajustados á bitolinha da crônica social. Olha, poderia escrever sobre uma porção de coisas acontecidas de ontem para cá. Na sexta, o show no Hotel Central, no sábado, o teatro de Amadores levando "Sol de Primavera", no Artur Azevedo e, ainda, acontecimentos internacionais que, de qualquer maneira, podiam ser ajustados à despretensão de nossos comentários. Justamente se dá que não fomos ao Hotel e só ouvimos Ademilde através de um Philips de nove válvulas. Também, por ser tarde de sábado, não vás me exigir fale eu de teatro: "Os Amigos de Apolônia" estrearão logo mais à noite. E, quanto aos acontecimentos internacionais, eu te confesso que, ultimamente, não tenho lido os jornais. Lá vai, sinto qualquer impertinência crescer e lamento não poder obrigá-la a esconder-se a fim de que não te aborreças.

Mas, entremos em acordo: escuta, dize-me adeus atira o jornal para um lado, dá-me as costas, vai dar um passeio no Anil, compra laranjas amarelas, sim dize-me adeus, só tu poderias fazê-lo porque eu, bem sabes, tenho obrigação de continuar neste lero até certo ponto, de modo a preencher o espaço de duas colunas - nem mais nem menos. Pois se escreve um pouco mais ou um pouco menos - compreende - isso não deixa de atrapalhar o linotipista., mesmo um linotipista como o Manoelzinho que compõe admiravelmente. Ele tem que escolher a letra, acertar as linhas e, às vezes, catrapus! vai tudo de cabeça pra baixo como adivinhação no almanaque Cabeça de Leão. Leitor, se ainda não foste embora deves apressar-te. Não te submetas, tão voluntariamente, à árida circunscrição de um espírito sem graça. A graça que, em tamanho domingo, pode ser encontrada nos olhos de uma menina, na voz

da namorada, nas praias, no vento que ondula a página que estás lendo -a graça que não pode estar em quem, hoje, bem vês, conversa mais com o papel do que para o teu prazer e folga domingueira...

AS SORTES

24/06/1947

Você já tirou a sua sorte? Se a tirou deve experimentar, sem nenhum receio. As superstições joaninas não trazem qualquer atrapalhão. A não ser que o leitor se impressione... e fique a imaginar tragédias em torno das sortes interpretadas. E, geralmente, achamos de ficar impressionados com aquilo que, absolutamente, não desejamos. O pessimismo não é a atitude formada pelas decepções, mas a inclinação fundamental da maioria, inclinação transmitida através do tempo, como certa e misteriosa experiência. Não é conseguida sobre fatos de nossa existência, mas é-nos legada, gratuitamente, em dose maior ou menor conforme critério indecifrável, cujos princípios não podemos penetrar. A criatura fracassada, se pessimista, hoje, poderá amanhã deixar de o ser. Porque todo o seu desgosto e desconformidade advêm de acontecimentos positivos que, mal removidos, permitirão o milagre de um rejuvenescimento e surpreendente euforia.

Vê-se que não nos referimos a estas pessoas, mas àquelas que são mais tristes ou mais infelizes porque já nasceram essencialmente tristes e infelizes. Sem perceber, estamos a enveredar por caminhos nada próprios em ocasião como a de hoje. Sim, vamos às sortes, leitor, e deixemos as "vãs filosofias" como diz Hamlet a Horácio.

Se você, moça bonita, quer saber quando vai chegar o "príncipe" tire a sorte com o anel. É muito simples. Enfiando uma aliança (cuidado, só serve aliança!) num cordel mantenha-a em posição vertical contra os bordos internos de um copo com água "batizada" na fogueira. Controle-se. Não deixa a mão oscilar. Evite as correntes aéreas, os abraços súbitos de amigos. São apenas três minutos de espera. Se a aliança não retinir de encontro ao copo o "príncipe" chegará ainda este ano; por sua vez cada pancadinha corresponderá a um ano de espera.

Há alguns anos tal experiência foi realizada por viúva simpática, minha conhecida. O anelzinho ficou firme e nem sequer descreveu as oscilações mínimas esperadas. E a simpática viúva ria-se e corava, corava e ria-se. É estranho leitor, pois ela continua espirituosa e simpática, mas... ainda não casou...

O TIPO INESQUECÍVEL

01/07/1947

Lembro-me das pernas cambaias que eu não achava nem feias e ridículas e lembro-me de suas mãos enormes e escuras desenhando gestos com preguiça. Fisicamente nada o distinguia de um homem humilde. Vivia em sua oficina. A gente chegava, dava bom dia. Ai ele levantava o *pince-nez* do nariz largo e resmungava - Hun, o que a dona vai mandar? Jamais dizia que não sabia fazer uma coisa. Você podia até encomendar cadeira de uma perna só que ele dava um jeito e fazia... - Me faça um bastidor bonitinho, me conserte o pescoço do meu violão, me parafuse essa cama, senão acabo levando uma bruta queda.

Tudo ele fazia com paciência e gosto. Até um dia, me lembro que fomos lá para ele fazer um palco na varanda de casa. Sim senhor, um palco igualzinho como tem no teatro, com cortinas e entradas. Ele ajeitou o *pince-nez* e disse que sim. Dito e feito. Apenas se assustou um pouco. Pois só chegou á tarde umas tábuas arrumadas numa carroça velha, bateu, virou, mexeu. À noitinha nos chamou pra ver. Tudo legal. Naturalmente, queria as tábuas de volta. Aquilo era uma armação provisória só para nos satisfazer. E nisso ele era estranho: não sabia dizer não pra gente moça. Nós gostávamos dele porque tudo que para os adultos era absurdo, era para ele muito simples e natural. Acho que se lhe pedíssemos - Mestre, mergulhe aí no rio cheio e puxe pelos cabelos uma mãe d'água vadia – ele diria logicamente - Espera aí, deixa acender o meu cachimbo.

Confesso que jamais encontrei alguém com tal poder imaginativo. Os velhos diziam que ele era um mentiroso de primeira, que a gente não podia escrever uma palavra que saísse de sua boca. Que nos importava, porém, a ausência da realidade cotidiana em tal companhia? E que me poderia obrigar o espírito ainda jovem a aceitar uma realidade que, tão impotente, se deixava vencer com palavras? As mentiras de Mestre eram sublimes, nunca me arrependi de ter ouvido suas historias

fabulosas. Foram elas que me ensinaram um pouco dessa irrealidade que nos cerca assim como uma nuvem quando nos distraímos, abstratos, diante de rostos e vozes conhecidas...

MATINAL

03/07/1947

Porque hoje não chove, falaremos do tempo. Agradam-nos sobremodo os horizontes claros, as sombras que se estendem no chão, as cores decisivas nas manhãs simples e tranquilas. Um menino passa assoviando, um gato se espreguiça na grama de um jardim, uma linda moça sorri sem motivo no ônibus vermelho. Tem os cabelos molhados, não usa franja, apenas sorri soltando ao vento macios e leves pensamentos, fitas que secam desenroladas.

A chuva (.....?.....) paisagem acomoda o espírito... o frágil coração e as lembranças que nele adormecem. Mas não podemos ficar em casa durante o inverno a acalantar a vida que já foi ou que poderia ter sido. Temos que acordar cedo, tomar o bonde, andar a pé, cuidar do dia. Por isso a razão da preferência: os horizontes claros reconfortam. Na transparência matinal os sentidos adquirem maior acuidade e, por paradoxal que seja, passamos a acreditar facilmente em tudo que vemos e ouvimos, até esperamos acontecimentos menos quotidianos e isto varia: desde uma nova variedade de flor a apresentações súbitas ou notícias que chocam pela surpresa ineditismo.

O tempo ajuda a viver; vão chegar os domingos na praia, os passeios de bicicleta, as caminhadas nas tardes sem destino, crianças terão as mãos cheias de conchas, jovem de alma iluminada surpreender-se-á diante do primeiro verso como se, de repente, em si encontrasse a fluir um rio encantado. E, nas calçadas velhas e largas, moças de tranças terão risos cristalinos. Esse é o tempo da rosa: colhê-la enquanto não se erga como de uma taça invisível a treva que desfaz os contornos, faz tremer a voz.

Como uma essência miraculosa, não deixemos que inutilmente escorram das nossas mãos as horas das manhãs, que para nós viajam. Muitas vezes, chega a tristeza porque nos esquecemos de olhar para o alto. Os horizontes claros, a nuvem que desliza... Fiquemos aqui. A manhã não se aprisiona com palavras.

LIVROS & LIVRARIAS

05/07/1947

Já se tem elogiado, várias vezes e por vários motivos, o hábito da leitura. Um escritor francês chegou mesmo a confessar que sempre encontrou remédio e lenitivo para seus males na leitura de bons livros. Acontece, porém, que os bons livros e, principalmente, os maus além de estarem pelos olhos da cara (como diz o freguês revoltado) não são fáceis de serem adquiridos pela maioria ledora. Uns apontam o elevado preço do material empregado na confecção dos mesmos como motivo principal da carestia. Todavia, somos levados a crer que tudo vem de um geral desequilíbrio orçamentário. E, tendo em vista justamente essas ponderações, não queremos deixar de registrar o movimento que a Livraria Universal vem realizando ultimamente neste setor. A primeira coisa que nos chamou a atenção e que nos deixou encantados é esta maneira agora adotada, naquele tradicional estabelecimento, referentemente á organização de venda. Pois a gente tem a impressão de que os livros vêm ao nosso encontro, as estantes são abertas e a pessoa pode chegar, tirar um livro, folheá-lo, tirar outro e, no fim, se não veio comprar acaba comprando porque é difícil resistir a tentações dessa natureza. O mais notável, porém, é que temos de ficar surpreendidos diante de tantas editoras e da quantidade de obras nacionais e estrangeiras recebidas. Em dez minutos, descobrimos numa prateleira um Rilke, um Verlaine, um Ibsen, Camões completo, teatro de Shakespeare, para não citar livros técnicos e científicos, coisas que o leitor, particularmente, apreciará. Sem ao menos imaginarmos, tivemos de sair com uns sonetos maravilhosos de Eugenio de Castro. À saída, ainda verificamos, de relance, um livro novo da Sra. Leandro Dupré. A escritora brasileira escrevia dessa vez para crianças fato que não nos surpreendeu dada a simplicidade encantadora do seu estilo. E o Sr. Humberto Jansen, que fez a ilustração, declarou-nos que a autora se parece com o que escreve: é de uma extraordinária simplicidade. Bem, assim vale a pena viajar. Além da oportunidade de fazer conhecimentos valiosos, resta o ensejo de poder trazer

para nossa terra hábitos e costumes que irão contribuir para o
adiantamento de nossa cultura.

CENTRO CULTURAL GONÇALVES DIAS

08/07/1947

(1º CADERNO LITERÁRIO)

O "Centro Cultural Gonçalves Dias" publica, numa campanha pró-imprensa, o seu 1º Caderno Literário. E precisamos assinalar com satisfação o acontecimento, antes mesmo de indagar o valor literário dos centristas gonçalvinos e isso porque o fato por si requer aplausos dada a dificuldade de, no Maranhão, realizar-se alguma coisa em favor da arte e da cultura. Pelo mesmo motivo devemos aplaudir a recente fundação de um departamento artístico anexo ao Centro que reunirá jovens cujas manifestações no terreno artístico possam ser incentivadas e orientadas pelos centristas mais experientes.

Não sabemos, nestes últimos anos, de associação literária tão resistente ao indiferentismo e pessimismo do meio do que o "Centro Cultural Gonçalves Dias". De praxe, iniciativas dessa natureza falecem depois da terceira reunião. Com razão nos apressamos a tomar o acontecimento como sinal promissor para o Maranhão intelectual. Quem sabe se, desse movimento, não sairão os novos escritores maranhenses. E por nisso falar, pedimos licença para deixar aqui os nomes de alguns centristas, principalmente daqueles que vêm de colaborar no caderno literário recentemente publicado. São eles: Celso Bastos, Reginaldo Teles, Agnor Lincoln da Costa e Nelson Borges. Este último parece-nos dotado de acentuada vocação poética. Vejam essas duas trovas que um Ademar Tavares poderá assinalar sem relutância:

Se a infância fosse um brinquedo
que se pudesse guardar
a gente quando crescesse
talvez quisesse brincar.
Quando eu era pequenino

que jogava o meu pião
parecia ter o mundo
a rodar na minha mão.

Como sugestão, tomamos a liberdade de lembrar á direção do Centro, para a publicação do próximo caderno, estudos literários dos jovens centristas. Cremos que isso será fácil de ser atendido, pois em assistindo algumas conferencias na Escola Modelo, tivemos a oportunidade de ouvir trabalhos sobre Castro Alves, Gonçalves Dias, etc.

Com a despretensiosa sugestão, enviamos os nossos parabéns a todos aqueles que, centristas ou não, têm trabalho a favor da Campanha Pró-Imprensa do Centro Cultural Gonçalves Dias.

EL GRILO

10/07/1947

Houve um tempo em que cheguei a pensar na divisão de assuntos relativamente à poesia. Achava então que certos temas eram poéticos em sua essência e que outros podiam aparecer, acidentalmente, envoltos desse mistério inesgotável da poesia. Mais tarde verifiquei a minha enorme tolice. Porque, se quisermos, tudo constituirá para nós um motivo poético, ainda que tendo em vista a mutabilidade dos valores artísticos. Digo mal tendo ou não em vista os referidos valores. Isso é uma longa historia e eu levaria muito tempo conversando com o leitor. Por isso, prefiro justificar o meu ponto de vista chamando a sua atenção para um dos característicos máximos da poesia atual: a humanização do inanimado e a valorização do quotidiano. Quero dizer, por exemplo, o poeta pode sonetar em torno de um prato de sopa, mesmo que não seja sopa de macarrão de letrinhas, e ainda o poeta pode versejar a respeito da fila de ônibus às cinco horas da tarde.

Essas considerações aparecem por causa da leitura de uma poesia, linda jóia do Sr. José Pedroni (da Argentina). Chama-se "El Grilo" e creio que não preciso traduzi-lo para o leitor. A gente consegue entender castelhano, graças a Deus. Que lhe pareça um português extraviado, mas de fácil alcance:

Um grillo manso que te quiere, amiga

y que em quererte vanamente insiste,

cada vez que el silencio se rehace

te silabea su reclamo triste.

Abre los ojos. No te duermas. Ponte

bien cerca, amiga, de mi pecho anoso;

y asi, callados escuchemos juntos

*la campanita del cri-cri amoroso.
Entre las gentes del camino, siembre,
un hombre humilde me propongo ser,
como el grillito que te quisere tanto
y que te canta sin desejarse ver.*

O leitor ficará admirado como eu fiquei e naturalmente exclamará – Sim, senhor, mas assim vale a pena. E eu acrescento que o grilo novamente aparece nesta encantadora plaquette intitulada "Nuestro amor".

*De sencíllo
es hoy una antigualla,
cae una roja y calla,
como el grillo.*

Não abordaremos o problema da forma. O que vale afinal é a atitude do artista, sua capacidade de reações dentro do mundo. Por isso mesmo a conquista da poesia moderna está para mim mais na liberdade de temas (no poder o artista expressar-se com totalidade em relação á vida) do que a desobediência à métrica e ao ritmo. Pois ninguém mais sensato afirmará hoje em dia ser esta arte uma exclusiva questão de ritmos ou de métrica. Confiemos na palavra, no seu jogo interminável, no seu jugo feiticeiro, todavia com outra atitude.

OS PALÁCIOS

17/07/1947

A designação de "palácio" para certos prédios mais ou menos majestosos, destinados á localização dos serviços públicos, reflete, inconscientemente o caráter da infância no que ela encerra de essencialismo poético. Para um espirito inclinado à ironia isso não deixa de ser ridículo. Entretanto tal fato nos parece mais uma tardia sublimação da criança. Ouvimos tanto falar em palácios nas histórias fabulosas de gênios e de fadas que, subterraneamente, sem que percebamos, o desejo de estar num palácio ou, de pelo menos conhecê-lo, cresce com a gente. E quando nos tornamos sérios, graves e circunspectos e quando somos obrigados a compor a fisionomia do rosto, eis que somos traídos em nossa apregoadá sociedade – a casa onde vamos trabalhar, o lugar onde qualquer sombra de poesia é varrida pois afinal tudo se resume numa burocracia sentimental sem grandes desvios - a casa que é o nosso BATENTE na feliz expressão da gíria vai chamar-se PALÁCIO. Surgem assim, os palácios em série - azuis, róseas, cinzas e verdoengas. E dos palácios desabrocham, melancolicamente, as portarias, os ofícios, os avisos, as circulares, os despachos, as Vossas Senhorias e as Vossas Excelências substitutivos de Vossa Alteza, Vossa Majestade, etc. Em vez do tesouro, há o cofre americano com segredo complicado e há ainda os arquivos, os cadastros, as resenhas, as minutas - tudo arrumadinho e no lugar devido. A gente trabalha, não está nada otimista, os músculos da face não dão sinal de alegria. Mas se nos perguntam acidentalmente - Onde trabalha você? Respondemos com qualquer entonação misteriosa - No Palácio do Comércio, no Palácio do Arcebispado, no Palácio da prefeitura, ou ainda mais liricamente:

Eu sou datilógrafo no Paço das Estrelas...

Ai meus amigos leitores, triste e lúcido estava Gide quando nos diz que o homem é um menino que envelheceu.

AVISOS

23/07/1947

Saindo do trabalho, lembrei-me de chegar até S lá. Precisava dos sapatos e estes, pelo tempo que haviam ido, já deviam estar prontos. E estavam quase — faltava apenas repregar a fivela de metal. Isto eu podia esperar, distraíndo-me com a imensa galeria de sapatos consertados e por consertar. As cores estavam sempre desbotadas - os donos deviam ter andado muito, correndo por causa da chuva, por causa do ônibus, por causa do ponto na repartição e também por causa do amor, esperando nalgum lugar com sombra e lua.

Havia uns sapatos enormes cujas pontas um pouco levantadas pareciam não gostar de serem pontas. E seu dono, imaginei, um homem grande de unhas mal tratadas, atraente em sua rudez, a dizer palavrões com os companheiros, dando-lhe largos abraços pelas costas. Não sei, o dono de sapatos assim, tenho eu cá a impressão de que caminhou cedo no mundo.

Num ângulo de outra prateleira também vi um par de sandálias brancas e tão finas em tudo que me fez imaginar estarem elas aptas para voar com a dona, dando-lhe a impressão de serem conduzidas, porque é evidente que seriam bastante educadas para isso. E na dança, naturalmente, valsaram em vastos salões iluminados como se tivessem asas escondidas. Mas... eis que me tocam o braço - os sapatos estavam prontos. Agradei o abatimento feito e já me retirava, quando os olhos, ainda vadios, deram com um cartaz na parede. Ler e ver foi um só tempo. "AQUI — não se discute política - Não se discute religião - Nem se fala da vida alheia". Gostei mais da última observação. O caso não é lá muito gentil, mas é melhor perder em gentileza e ganhar em sinceridade. A propósito, não há muitos lugares que precisam de aviso idêntico? (refiro-me com especialidade, à última observação) - "Aqui não se fala da vida alheia". Fiquei tão entusiasmada com a idéia que adeus, já não posso lembrar o que ia dizer a respeito de sapatos..

PALESTRAS E CONFERÊNCIAS

23/07/1947

Uma das finalidades do "Centro Cultural U Gonçalves Dias" é a realização de conferências. Já tivemos oportunidade de comparecer às referidas reuniões e louvamos a atividade do Centro.

Não somos contra o futebol (temos as nossas simpatias, claro), mas achamos que a cabeça deve ser usada além do cálculo nos jogos, dos balanços comerciais e da ginástica para o equilíbrio financeiro. Mal não faz ir, em qualquer manhã de domingo, ao salão do Grêmio Lútero Recreativo Português onde, presentemente, são realizadas as reuniões do C. C. Gonçalves Dias. Confessamos que não somos lá muito assíduos, não porque os assuntos não nos interessem e sim - vamos contar – porque somos desleixados, eis aí, ah, como isso é melancolicamente verdade... Das palestras realizadas pelo prof. Bacelar Portela assistimos apenas a duas e, agora, lamentamos (sois culpadas, manhãs de domingo que nos destes vontade de ir ao Anil e comer melancias...) ah, e agora lamentamos a oportunidade perdida. A mesma coisa aconteceu com a primeira palestra realizada pelo prof. Moraes Rego. À ultima, porém, anunciada com certa antecedência, comparecemos. Embora pouco entendendo de pintura. Ali estivemos precisamente para melhor entender e aprender. E de fato ouvimos muita coisa que ignorávamos. A vida dos geniais artistas da pintura - da Vinci, Miguel Ângelo, Rafael, Van Gogh foi-nos contada com simplicidade. Como sempre, não faltaram, à guisa de ilustração episódios humorísticos da vida dos referidos artistas o que livrou o ambiente desse ar de falsa seriedade invencivelmente caceteador. Abordou ainda o prof. Telésforo de Moraes Rego, no tema de sua brilhante conferência de domingo último (A vitória da Pintura Clássica e a Escola Moderna), as figuras máximas do modernismo, quais sejam Picasso, Chirico, Portinari, etc. e, embora não adotemos o mesmo pensar expedido em relação aos aludidos pintores, devemos salientar a atitude do prof.

Telesforo como esclarecedor em nosso meio dos problemas relativos à pintura, arte de tão pouca divulgação em S. Luís.

INDICADOR MARANHENSE

26/07/1947

Em nossa mesa o "Indicador Maranhense", publicação anual que nos foi oferecida pelo seu digno diretor, o sr. L. Borba Santos. Confessamos ser esta a primeira vez que compulsamos anuário dessa natureza. Vão aqui as nossas primeiras impressões.

Um "indicador", por não ser uma publicação especializada, é naturalmente, lida por qualquer pessoa. Se moramos no Maranhão, estamos a cada momento precisando de consultar o "Indicador", pois sendo ele uma coletânea de informações variadas é tão útil ao homem de negócios como ao advogado ou ao médico. Este caráter prático é assim evidente na referida publicação.

Uma secção que julgamos interessante é a intitulada "Maranhão Retrospectivo". Através da mesma ficamos sabendo, quando menos, relembramos as coisas que aconteceram em nossa cidade de um ano para cá. E tudo é tão vário que não pode aborrecer...

Quase no fim do "Indicador", encontramos uma lista curiosa de nomes antigos e modernos das ruas e praças de São Luís. E neles a poesia se derrama como uma fatalidade misteriosa... Fonte das Pedras, Rua da Estrela, dos Craveiros, Rua Anil, Beija e Belira, Também não falta literatura. Encontramos crônicas, sonetos e pequenos trabalhos literários a respeito de assuntos pertinentes ao nosso Estado.

Quanto aos anúncios, ocupam eles a maior parte do Indicador. Não podia deixar de ser assim. É certo que, às vezes, aborrecem. Mas diremos que há uma arte de saber anunciar. E isto vai desde a redação de frases simples e impressionantes às ilustrações respectivas. Ao paginador cabe um papel de importância na realização de um bom anúncio. Referimo-nos à colocação dos mesmos num jornal e revista. Imaginemos se o sr. L. Borba Santos, não avisado quanto a esta parte, juntasse no seu anuário todos os anúncios recebidos. Seria uma tal monotonia que não poderíamos

passar da terceira pagina. Felizmente o nosso "Indicador" não se apresenta com tal efeito.

Resta-nos assim agradecer ao Sr. L. Borba Santos a gentileza de que fomos alvo com a oferta especial de um exemplar do "Indicador Maranhense".

MÚSICA ROMÂNTICA

31/07/1947

Gabriela, jovem leitora, pergunta-me o que G é música romântica. A questão, aparentemente fácil a princípio, leva-me a pensar em tanta coisa que é preciso ter calma afim de não complicar ainda mais o pensamento da jovem Gabriela.

A música romântica apresenta em sua essência um caráter subjetivo. Se você, Gabriela, ouve Chopin, sem perceber o motivo, há de sentir-se, depois de alguns instantes, identificada com a melodia a ponto de notá-la triste, melancólica e desamparada. Você é inclinada, assim, a dar para os valores musicais determinada correspondência sentimental como se as notas encerrassem, misteriosamente, pensamentos ou estados d'alma que não pudessem ser traduzidos com palavras. Acho que está me entendendo e tenho a impressão que disse o necessário. Passo, assim, a sua segunda pergunta que ainda está em ligação com a primeira. Confesso-lhe que não prefiro a música romântica. Gosto de música em geral e não tenho conhecimentos suficientes para lhe explicar a minha devoção por Mozart ou a minha fraqueza debussyeana - se isso pode ser mesmo explicado, O que duvido muito.

A música romântica, tenho para mim (...) ou chegou mesmo a desviar a verdade musical. Porque, escute, Gabriela: se a gente deseja comunicar-se romanticamente chega a parecer absurdo apelar para a música. Usemos a palavra. Diga-lhe "amor de minha vida" ou qualquer coisa semelhante mas - por Deus, Gabriela! - não tentemos artificialmente dizer isso em música.

A verdade musical é por si uma beleza que não se confunde com qualquer outra; não necessita de explicação. Convencionar valores ou pensamentos para certas expressões em música é diminuir o plano de arte tão sublime.

Para terminar, minha cara Gabriela, vou lhe contar uma pequena história que para uns não passa de anedota. Para mim, todavia, é bastante verdadeira.

Uma senhora (talvez uma duquesa) conhecida de Beethoven sentou-se, certa vez, ao piano para tocar uma sonata do genial artista. Ao terminar pediu a Beethoven que lhe explicasse o sentido da mesma. Sabe o que ele fez? Pois escute ai: pediu licença á senhora, sentou-se ao piano e tocou a mesma sonata do principio ao fim. Quando terminou sentou-se respeitosamente diante da senhora e disse-lhe - "Eis ai o que eu queria dizer".

Este episódio é de todo significativo; por si dispensa comentários.

O MENINO FUGIDO

03/08/1947

Isto aconteceu no Largo do Santiago.

Mas não sei bem porque foi.

Quando o encontrei ele já voltava, desconfiado e sujo, entre alguns colegas pensativos. E sentou-se na ponta de uma velha calçada. Era magro, meio loiro, estava descalço e não usava camisa.

Talvez os outros quisessem conversar, perguntar onde ele andara todo esse tempo... Mas não tinham jeito; eram meninos esquivos não sei se pela ocasião ou pela natureza. Depois, a tristeza meio selvagem do companheiro dava-lhes certo e novo receio.

É que ele fugira de casa há dois dias. Na venda próxima, estavam comentando e, de lá, acompanhava a cena que descrevo.

O menino fugido não falava. Um colega seu atirou uma pedrinha longe; ele continuou a fitar a moita de capim que se equilibrava na pedra solta da calçada.

Estava sujo, seus pés eram magros e inquietos; iam e vinham em balanços súbitos. Talvez quisessem fugir de novo, desaprender o caminho de casa, vencer outras estradas, nunca mais voltar.

De repente veio um canto distante, em direção do Largo. Um canto de gato atrevido. O menino ergueu a cabeça e esperou. Não apareceu ninguém. O Largo se estirava imóvel e verde; apenas brisas vadias iam e vinham daqui e dali. O menino fugido continuou esperando. Não sei o quê. Imagens de velhos folguedos deviam bailar na visão aflita. Ali perto, rondavam sons antigos, gritos de manhãs usadas. Esperar, podia vir alguma coisa. Do Largo, não. Mas da ruazinha estreita e que parecia um rio a desembocar no largo deserto e verde. Um companheiro moreno e forte, cabelo atirado na testa, veio vindo, olhou o grupo, aproximou-se. Quando avistou o amigo deixou escapar pequena exclamação. Mas eis que

nota o ar de desalento, o desamparo sem remédio do ambiente. Graças a Deus que não fez coro. Chegou-se mais, bateu-lhe no ombro e disse-lhe:

"Deixa de ser bobo, colega. Vai pra casa. Apanha tua surra e come teu almoço".

Assim falou em tom decisivo. Depois, deu-lhe o braço e, como se nada tivesse acontecido atravessaram o Largo de braços dados.

O grupo dispersou-se. O bonde veio e nele eu fui embora.

POEIRA

06/08/1947

Paga-se relativamente pouco. Mesmo assim, muitos não conseguem no fim de semana ter a importância desejada. E parece ser maior suplício. Se se trata de um seriado então, a coisa adquire certo ar de tragédia. Dá uma tristeza tão grande no menino que se os pais soubessem nunca mais proibiriam. Pois não há maior felicidade neste mundo do que encontrar-se, domingo á tarde, na sala de projeção do "Poeira" do bairro, já imaginado as "misérias" que irão acontecer. O menino esquece o papagaio, abandona o jogo com bolinhas, deixa as travessuras no quintal alheio.

Esta fuga, num mundo que mal começa, é o primeiro sinal de outra realidade. Por isso é que não sou contra os filmes de "mocinho", com bandidos e falsas tiradas amorosas. Não acho que estes filmes contribuam para a perversão do menor, pois qualquer história de faroeste encerra grandes exemplos, não só de coragem e de abnegação, como de resistência moral em meio pervertido.

O bandido é no fim sempre castigado, o mocinho recebe, por sua vez, o prêmio a que fez jus. Onde as apregoadas lições criminosas?

Na própria plateia, à proporção que a película se desenvolve se vai percebendo certa repulsa justamente nos momentos em que o bandido conclui qualquer plano diabólico. Por outro lado, o menino mais tímido se apressa a bater palmas ou a gritar assovios mal o "herói" aparece a correr num cavalo branco ou a saltar perigosos abismos.

Cinema pode ser ópio para as pessoas túbias e de natureza apática. E um garoto que frequenta salas de projeção e cuja personalidade ainda não se afirma tem apenas a ganhar com tais espetáculos. A imaginação fica mais rica, o espírito torna-se mais vivo (Confesso, particularmente, que nada tenho a dizer a respeito das pessoas práticas, mas devo lamentar as "desimaginativas").

E para força do que venho afirmando, vou contaro que vi numa sala de projeção há pouco tempo. O filme exibido era já conhecido de muita gente. (Branca de Neve e os Sete Anões). Todavia uma garotinha, sentada á minha frente, parecia passar por maravilhosas escala de deslumbramentos. Para ela tudo ainda era desconhecido e novo, tanto assim que no momento em que a graciosa Branca de Neve ia comer a maçã a garota vem a gritar num incontido arrebatamento:

- "Não coma, Branca de Neve, não seja boba, está envenenada..."

NÃO SE SUICIDE

09/08/1947

Absolutamente não lhe vou dizer, para começo, que a vida é uma maravilha. Essa gratuita filosofia de viver não convence aquelas pessoas cuja maior realidade é a dor. A minha conversa com você é bem diferente. O primeiro argumento... seria melhor não dizer argumento. Essa palavra implica, no caso, uma traição aos sentimentos. Mas vamos assim mesmo, contanto que você dispense as sutilezas.

O primeiro argumento é ter dezoito anos. Moça, pergunte ao Sr. Franklin de Oliveira que ele lhe explicará o acontecido milagre das dezoito primaveras. Esta é a idade "única", compreende? E seria estúpido incendiar um navio em sua primeira viagem mal ao sair do porto. Não vou também dizer: - "não chore, meu bem, isso passa". Este é o tipo do consolo que não me agrada. Chore, moça, bote a boca no mundo a chorar. Juro como depois disso você se sente melhor..

Depois disso, o que deve fazer é aceitar o sofrimento como parte integrante da vida, compreende?

Tive uma velha amiga (já morreu) que, um dia, ao me ver reclamar contra uma dor física, disse-me calmamente o seguinte: - "sofrimento não foi feito para esta porta nem para aquela janela..." Aprendi e tomei nota. Acondicione-se assim, á vida e afastará sem dificuldade todo o desespero...

Gertrude Stein, se não me engana a memória, escreveu que os poucos momentos de alegria são justamente os destinados a tornar a vida suportável. A observação é tão inteligente que chega a ser extra- -humana. Não devemos, portanto, adotá-la moça. O de que precisamos é perder essa mania de dupla visão da existência. Dor para um lado e riso para outro. Tudo é sentir, a vida está para além do bem e do mal. E nós "acontecemos" assim, que se há de fazer?, o que podemos contra os nossos movimentos de coração? Ah, estou me referindo justamente a sua paixão. Paixão é doença, meu bem. Mas amor é outra coisa, não confunda. Amor é caminho

de vida e não de morte. O mal não pode estar no amor; por isso, em vez desse sentimento constituir razão para o seu suicídio, deve encerrar motivo maior para sua afirmação dentro da vida. Invente uma viagem, estude geometria, dê-se a jardinagem, mas não vá embora, é cedo, aconteça mais um pouco entre a gente. Hoje, pelo menos, não ficará desapontada. Jurou que não me responderia, não foi? Pois veja agora que não estamos tão sós...

MAGNÓLIAS

10/08/1947

Hoje faz um ano que aqui me encontro com você. Limitada em cima pela palavra social muitas vezes deixei de lhe contar muitos segredos ou de, em voz alta, revelar as canções de antigos sonhos. Também, porque me aborrecem as coisas importantes, preferi, vezes outras, falar das andorinhas, dos ventos, das algas, do silêncio. O maior prazer, entretanto, foi o de ter recebido cartas. Lembro-me bem da primeira, um moço que me mandava uns versos e indagava se devia continuar. E logo a tristeza de saber que um poeta jamais pergunta se deve continuar...

Certas manhãs foram como amêndoas vazias jogá-las num rio, descerão conchas escuras e mergulharão num mar distante.

Houve uma palavra quase como uma chama, trêmula, entre as mãos. Se ardeu diante de um olhar, inutilmente não se consumiu.

As horas se imbricavam umas sobre as outras, folhas verdes da sensitiva.

Nenhum vento as tocou; desculpa-me se, ao abrires a janela, as paisagens continuavam irreveláveis para a tua visão.

Lembro-me de um coelho branco e três pedrinhas coloridas. Mas já fez tanto tempo. Caíram no fundo de um poço fundo e vazio.

A ânsia de procurar o que não se perdeu e a saudade de coisas que nunca vimos.

Moço, suspenda o penteado. O tempo suicida as magnólias.

Há pessoas que estão cercadas de espelhos; o vocábulo antigo ainda é um alçapão vazio.

Hoje é domingo. Cravos e gravatas vermelhas. Mas feliz é aquele cuja segunda - feira consegue ser domingo.

Um ano. As canções de antigos sonhos...

A ESPERA

13/08/1947

Eu o vi na esquina, esperando.

Estava zangadíssimo, andava de um lado para o outro, parecia um cientista pensando coisa importante. Mas aquilo, a princípio, nem me chamara a atenção. Estava distraída, sentei-me num dos bancos da praça, a noite era quieta e morna, não tinha nada que fazer. Só depois, quando ele começou a olhar o relógio repetidas vezes, um ar vagamente aborrecido. De certo, estava lá desde cedo. Marcara um encontro, recebera um bilhete ou telefonara. Então porque ela não vinha? Sim senhor, não era nada agradável, isso não se faz. Se disse que vinha, por que tardava? E se não vinha, porque prometia? Ai que ele está perdendo o controle, pensei comigo, quando o observei enfiando as mãos nos bolsos e já tirando e já de novo. Vamos, seria melhor que ficasse parado. Fazer de conta que não estava esperando. Ou esperar de consciência iluminada, lendo Saint-Beuve. "Esperar é gozar". Pois sim. Neste balão ele não ia.

Sair cedo de casa, tudo naturalmente combinado e receber dessas... Graças a Deus, pronto – parou, Parou e recostou-se ao muro velho e feio. Ai que alívio. Deixou de consultar o relógio, esqueceu as mãos. Só o olhar se perdia longe. Mas não vinha ninguém, não vinha ninguém, ninguém não vinha. Só o guarda civil num passo manso e frouxo como um gato vadio. Nuns trilhos distantes algum bonde gemia. E eu já antevia o momento em que, humilde e triste, abaixaria a cabeça, de novo as mãos no bolso, adeus Margarida.

Um século, dois séculos, três séculos...Eis que do outro lado da rua vem um assovio. Não era "ninguém" não. Era um companheiro que, mal se aproxima indaga curioso: - "Que você está fazendo ai, velhinho?"

Desde sete horas esperando a boba da namorada! Me dá um cigarro, isso lá é coisa que se faça: Não, não era. Mas... meu Santo

Antonio, ele talvez nem tivesse quinze anos... Era um menininho tonto...

EM ÁFRICA SENHORA

15/08/1947

A paisagem jurídica permite a metáfora, julgada quase sempre árida e insípida pelos amantes da poesia, apresenta, contudo, espécimes que não direi românticos a fim de não provocar leitor mais chegado a musas. Chamemos de raros, concedei-me o "pitoresco" para adjetivar referidos espécimes e, contentar-me-ei, "data vênia" (isto é delicadeza jurista quando, no caso, o advogado discordando da sentença do juiz, rebela-se mais ou menos assim: a opinião do Meritíssimo Julgador, "data vênia"... - retomai o fio da meada – e contentar-me-ei em ilustrar com modestos exemplos e despretenso parecer.

Quando, no século XII foi fundada, em Bolonha, a Escola do Glosadores, pessoas de notável saber faziam notas em textos de leis romanas. Pois essas notas recebiam o nome de glosas e o estudioso das ciências jurídicas podia afirmar como qualquer poeta zeloso de seu mister.

Hoje glosei muito...

Mas deixemos em paz os responsáveis glosadores e tratemos logo de... Eis o mandato, instituto do direito civil a receber esta fina comparação: "é como o talismã de Pitágoras que podia estar ao mesmo tempo em Crotona e Metaponte..."

Por sua vez se Lucrécio reconhece às coisas uma natureza, a lei não lhes nega um direito. "Direito das Coisas" é expressão imaginosa secreta, perturbadora e fascinante...

O conjunto vocabular "satisfação do dano causado", depois de sugerir desviado prazer de amor, revela-se séria matéria civil. Também "A posse", pretexto para uma novela de caráter dúbio, é um dos títulos mais importantes do direito privado.

Temos, para gáudio meu e espanto vosso, achados como estes: "a despedida injusta", o "Breviário do Possuidor" e palavras quejandas não citadas por discrição.

Aristóteles, referindo-se ao caráter do direito, fez a seguinte declaração: "O direito não é como o fogo que arde do mesmo modo na Pérsia e na Grécia".

Terminaria aqui, se não me movesse a vontade de iniciar-vos numa "carta de seguro", isto é, uma garantia de liberdade. Data de 1782, e é o que de mais pitoresco hei encontrado. Ei-la:

"Dona Maria por graça de Deus, Rainha de Portugal e dos Algarves daquém e além mar em África Senhora da Guiné e da conquista navegação comércio da Etiópia, Arábia, Pérsia e da Índia, etc."

É magistral esse "em África Senhora..."

ILHAS

19/08/1947

A ilha, como acidente geográfico, objetiva uma ideia. O insular está em situação simbólica com a cidade. Os barcos aportam, mas partirão depois. No final o que permanece é a ilha, rodeada de música líquida, varrida de ventos gerais.

Na definição aprendida na infância esconde-se assim o nosso próprio símbolo que, revelado mais tarde, subitamente nos surpreende e nos espanta.

Hölderlin advertiu que as ilhas do amor não são mais reconhecíveis. Nem por isso deixam elas de existir porque ainda nos, coerentemente, demonstraram a nossa conformação quando transformamos todos os sítios em ilhas de amor ou desamor. Tudo, pois, virá a ser este pequeno trecho de terra, desde a conversa de duas pessoas no bonde ao silêncio de criaturas de mãos dadas.

Eu vivida e criada numa (não quero repetir a palavra), dou-me o direito de tirar certas conclusões, que assim permite a antiga vivência. Direi, por exemplo, que um grupo de amigos é um delicioso arquipélago onde a gente pode encostar para a descoberta de maravilhosas paisagens: regatos e árvores frondosas, flores selvagens, vales agrestes, montes e gaivotas em bandos assimétricos...

Há ilhas meninas e moças, risonhas, efêmeras, loucas e febris: umas de configuração caprichosa, de detalhados recortes, outras verdejantes, quase aéreas, cheias de murmúrios, de segredos, de graça que enternece e de voos que deslumbram e há entre tantas e tão várias, as ensimesmadas a sonhar nas manhãs puras e frias.

Pessoalmente não gosto de lagos. Além de ser o contrário da ilha permitem a habitação lacustre, moradia que não é aérea nem terrestre com a séria estacaria das palafitas, assemelhando-se a cercas vivas. Gosto de estar na terra com água ao redor de mim.

Ilha é ótimo, principalmente com bandeiras multicores, desfaldadas ao vento, no topo de mastros finos.

UM DIÁRIO

22/08/1947

Para a mulher a leitura de um diário é duplamente agradável.

Agrega-se ao prazer natural da leitura a satisfação de uma curiosidade essencialmente feminina. Não que os homens sejam menos curiosos do que nós; isto é, dentre tantas, uma pseudoverdade que precisa ser desmascarada. Quando nos referimos à curiosidade essencialmente feminina queremos tão somente afirmar esse nosso atraso em relação aos problemas fundamentais da vida. E porque a sede de saber veio crescendo pelos séculos afora, mal chega uma oportunidade esclarecedora e logo parece que perdemos o juízo, tal a sofreguidão com que nos inclinamos para ver a luz. E daí dizerem que as mulheres são curiosas, que querem saber tudo, esmiuçar o que não é da conta, indagar, etc. Mas bem se vê que outra atitude não seria nada natural. Essa é a maior prova de que, como os homens, estamos vivamente interessadas em saber por que, de que modo foi, quando foi, etc. E eles que tenham a santa paciência...

Esse lenga lenga sobre uma oculta virtude feminina, a curiosidade, vem a propósito dum livro que você, leitora, gostaria de ler. Trata-se do "Diário" de Katherine Mansfield, escritora inglesa nascida em Nova Zelândia.

O livro, propriamente não vem revelando aspectos assombrosos da vida. Mas é tão humano em sua incomum sinceridade que qualquer mulher há de identificar-se com ele; a personalidade da escritora vai se desdobrando com realidade espantosa para nossos olhos. Descobrimos que ela também era possuída da nossa mesma fraqueza e do nosso mesmo heroísmo, que ficava amolada da vida como nós ficamos sem poder explicar e que ainda não ignorava a timidez e se sentia como um menino diante de uma porta fechada. Isto sem abordar o drama imenso de sua vida artística, como a impotência de não poder escrever, suas crises de depressão diante das palavras, sua maravilhosa euforia nas manhãs loucamente iluminadas e a maravilhosa novidade do

seu espírito que lhe permitia andar desde as almofadas negras e silenciosas no *living room*, à maneira como rangiam os cestos vazios na lavanderia.

E sua atitude diante da dor, de sua doença incurável é qualquer coisa de muito sério dentro da existência. Vale a pena conhecer um pouco dessa vida. Começamos a compreender e a desvendar o mistério e a enevoada ternura dos seus contos tão estranhos...

TACIANA

03/09/1947

(TRECHO)

O riachinho que nós tínhamos ao fundo do quintal começava a afinar entristecendo de tons. No inverno a gente ouvia de longe as águas vadiarem na areia. Mais de perto era uma conversa líquida, secreta e original. Vinha-me a impressão de leves sons cruzados que se penetrassem com oculto prazer.

Não sei por que Taciana chegou naquele verão estúpido. Tudo estava tão seco e feio que nos cansávamos de olhar as árvores no pátio, o céu alto e parado, pobre de nuvens.

Fui recebê-la com o velho empregado do sítio. Como de costume, o trem chegaria depois do horário. Eu sabia disso, mas impacientava-me. E tinha o receio de que ela fosse bem grã-fina, reparasse nas minhas botas remendadas e sujas de lama. Depois como se isto não bastasse, eu possuía vícios: roía as unhas quando estava alegre e gostava de mentir. Não mentiras banais, mas certas histórias absurdas contadas com tal grau de sinceridade que encabulava o ouvinte, surpreso e já desconcertado. Naturalmente que, no começo, havia de prestar-me atenção. E repetia-me um pouco desanimada: - "Desando a falar loucuras e ela volta na primeira viagem. Não, nem que precise ajoelhar-me a seus pés". Ela ficará no sitio. Eu queria ver gente, ouvir a voz das pessoas se levantando para mim, sons que jamais eu soube forrando palavras antigas:

Mariana, você tem ai um alfinete para me emprestar?

Oh, ridículo, alfinetes, muito ridículo. Jurei então adaptar o meu ser a um padrão reservado e gentil. Colocaria cortinas floridas na janela, mudaria a posição dos móveis, prepararia geleia. Geleia de morango...

Vovó ficara resmungando. Era um velho hábito talvez reforçado naquela tarde pela ideia de ter conseguido uma estranha. Eu não liguei; vovó já perdera para mim aquela

ressonância de criatura humana. Ela parecia feita de outra coisa, não era gente e, as empregadas, juro, eram de madeira marrom. Só havia o papagaio que, de manhã, se danava a gritar mil e trezentas vezes - sei eu, Bom dia rainha, bom dia rainha de Portugal...

Mas não sei por que Taciana chegou naquele verão estúpido. Tinha uns olhos claros, tão claros que as imagens pareciam dissolver-se em sua visão. E, pelo jeito, se via que jamais tomava completo conhecimento dela própria. Talvez estivesse a sobrar de si mesma e, numa dádiva muda e impossível, sorrisse para os objetos frágeis e mudos: as taças de cristal jamais usadas, os guardanapos azuis esquecidos nas gavetas. Às vezes distraía-se a contemplar os movimentos do gato.

Taciana foi uma música numa manhã repousada, fina transparente como se tudo no mundo ficasse, de repente, iluminado ou de vidro: eu, ela, a poeira na estrada, os ladrilhos vermelhos e o fio d'água agonizante no quintal...

CANÇÃO PARA SETEMBRO

11/09/1947

Colhe a rosa na poeira, beija a vida na torrente, no escuro ardem os círios, na roda pousam três pombas, ergue no alto do monte tua bandeira tecida, tecida de sonho puro, impregnada de sal, amiga dos grandes ventos, beija a vida na torrente, colhe a rosa na poeira, não penetras no rosal.

Setembro doirando os frutos, rebenta no muro lírios, esconde riso no pranto, no poço o rosto da moça sonha na luz das estrelas, cada manhã vale a vida, cada tarde esmaecida tem no seio a mesma aurora, Setembro é lírico, tem pão, arreios de ouro velho, pátio sombrio ao luar. Solta o barco, solta a vela, abre as comportas que rangem na mola da antiga dor, sofrer em festa é viver, Setembro é um cavalo branco galopando nas chapadas, crinas finas levantadas, quem te espanta no caminho, cavalo branco assustado? Setembro tem um gigante soluçando na montanha, tão perto e longe da fonte, tão longe e perto do mar. Setembro é dono das corças, toca buzina de caça, ergue no alto do monte tua bandeira tecida.

Mês tão mágico, permitindo renda de vozes mais belas, o tempo que te acontece não te dissolve na bruma, mas te deixa a flutuar, hora que não envelhece, moeda loira encontrada na areia fria de um rio pra morte se acalentando, seu próprio enterro entoando, beija a morte na torrente, colhe a rosa na poeira, não penetras no rosal.

Setembro são alvoradas, paisagens ressurgidas, na memória tão sofrida a lembrança é um carinho, paina que paira e não pousa, sombra que desce e não chega, riso que vem e não ousa sob a neblina dos lábios. Setembro é lírico, tem pão.

Setembro é um susto de vidro estalando sem quebrar, é uma voz que se pensa dentro da chuva saindo, na fogueira crepitando, no espaço adormecida, um lenço, sobe no monte, no escuro ardem os círios, ergue no alto do mastro tua bandeira tecida de urzes, nuvens, raízes, Setembro é o mês que te existe.

RIBAMAR PINHEIRO

13/09/1947

Um poeta já não está conosco, já não nos revelará a vida encantada em sonho e não nos deslumbrará com as imagens que viu através de uma lágrima. Sua voz, onde os versos cantavam com a naturalidade das águas da fonte, emudeceu na noite imensa sem que as estrelas diminuíssem suas cintilações ou o vento retornasse do meio do caminho. Foi-se embora o poeta que amou as manhãs, as rosas, os pássaros, o riso da criança, a música, a solidão, as tardes cheias de sombra e as auroras sangrentas. O poeta descobridor da vida, sacerdote da beleza, amante da penumbra, alma enlustrada e simples, motivo de eterna permanência do amor.

"Luar na estrada longa" foi seu último livro. O título deste canto final hoje se revela para nós um milagre que só as ausências mais longas hão de permitir. Estrada longa foi sua existência que, à luz da poesia transfiguradora, se cobriu dessa diáfana claridade própria das almas atraídas pelo mistério da arte ou pelos inesgotáveis segredos da Beleza.

Que pode fazer um poeta senão cantar? O próprio pranto de tal maneira se realiza que é para nós como outra canção. E, amando a alegria e a dor como fontes inesgotáveis de inspiração, o artista se eleva e se afirma além do coração humilde e enternecido, deixando na estrada longa os reflexos deslumbradores do espírito.

Um poeta já não está conosco. Os amigos hão de chorar sua ausência e as manhãs, as rosas, os pássaros e a música, a solidão, as tardes e as auroras continuarão a existir para os nossos olhos sem o canto amigo da alma-irmã. Deslumbrai-nos, manhãs, desabrochai, rosas, pássaros, sede música, lembrai-nos os pássaros, tardes, e auroras, permiti a vida, solidão, subi aos céus e disse ao poeta que a vida vibra por sua causa pois foi ele o artista, enamorado, contemplador do mar e das estrelas...

MARANHÃO COMERCIAL

18/09/1947

O prof. Sá Vale acaba de publicar curioso e interessante livrinho sobre a vida no Maranhão, relativamente ao seu índice econômico nos últimos sessenta anos, isto é, a partir de 1887. Encontramos, desta época, uma tabela do preço das mercadorias que podiam ser adquiridas no comércio de nossa capital.

E tudo é, na verdade, tão barato que se fica pensando que a vida, naquele tempo, de tão fácil e cômoda chegava a aborrecer, - a fartura também enjoa - pois somos contraditórios porque somos humanos ou vice-versa que vem dar no mesmo.

Pensem bem, uma garrafa de vinho do Porto por oitocentos réis (nada de centavos) facilitava uma eterna permanência no reino de Baco. E que dizem duma gravata de gorgorão por quatrocentos réis e um chapéu de palha por dois mil réis? Ah, isso sim que era vida...

Em compensação a morte se vendia por três mil réis (uma pechincha...) - um revólver podia ser comprado por este preço - isto na hipótese do suicida preferir passar desta para outra se utilizando de arma nova, especialmente adquirida para tal fim. "Eu deixo a vida como deixo o tédio..."

Em 1913 os borzeguins de pelica doirada para senhora podiam ser adquiridos por quinze mil réis e, pelo mesmo preço uma barrica de uvas pesando treze quilos. Não, esse tempo é uma ilusão, exclamaremos incrédulos, isso nunca existiu... Entretanto as tabelas merecem fé por serem apresentadas por um estudioso das coisas do Maranhão e cuja vida tem sido dedicada, quase que exclusivamente, às pesquisas de nossas curiosidades históricas.

O livrinho do prof. Sá Vale, simples em sua linguagem, revela-nos ainda costumes e modas do Maranhão antigo de modo que, desde o início, passamos a apreciar tão amenos comentários. A exclamação final do professor maranhense demonstra, por sua vez, a triste realidade da presente situação: ..."Os tempos

mudaram e a vida encareceu de uma maneira fantástica, cujo fim ninguém pode prever..."

Adeus, minhas formosas percalinas, cambraias, bordadas, biscoitos franceses...

O LEITOR TAMBÉM MANDA

20/09/1947

João José, sua carta é tão gentil que, embora não aplauda o seu pedido, vou atendê-lo pela maneira com que se referia a esta velha crônica, hoje novamente publicada para sua satisfação e, desapontamento de um possível leitor mais antigo. - M.K.

QUANDO O VENTO SOPRA

Os ventos gerais vêm do nordeste e varrem a ilha e sopram na ilha, flores, palmeiras, nuvens, cabelos, cabelos castanhos de moça querida.

Os ventos gerais embalam as ondas, as ondas que vêm e vão sem cessar, deixando na praia espuma mais branca a renda que os ventos irão desfiar.

Os ventos gerais estão nas janelas em noites escuras e frias, e a voz de Lenore ressoa distante, imagem do vento, lembrança perdida.

Os ventos gerais envolvem a ilha com o sopro cansado das grandes distâncias, das grandes distâncias então percorridas e vem o perfume de flores agrestes com luzes de estrelas e folhas crestadas; descobrem os ventos que as rochas são ásperas, que as águas são frias, que a terra da estrada é leve no voo, é branda ao passar.

Os ventos gerais nos trazem visões dos rostos humanos que nunca veremos, das mãos que jamais nos acenarão, os ventos gerais recolhem mensagens dos lábios silentes que nunca beijamos, dos lábios mais tristes da escuridão.

Nos ventos gerais há gestos, há risos, há suplicas humildes de não me deixares distante, esquecido; os gestos, os passos, a sombra da lágrima que os ventos gerais num rosto apagaram, na terra de sonho, adejam invisíveis.

Os ventos gerais conduzem palavras de dois viandantes à beira da estrada e aquele segredo, ao escuro no ouvido, à sombra da árvore, aquele segredo já foi revelado.

Os ventos gerais que chegam à ilha entregam o carinho que veio sem motivo, o gesto amoroso de quem distraído se toca, não sente, os olhos que veem, não veem o que existe.

Os ventos gerais que aportam na ilha ancoram o gemido do morto recente, ancoram a esperança do último suicida, ancoram a aflição da moça perdida, os ventos gerais que ancoram na ilha ancoram a esperança do último suicida.

E vêm do nordeste e varrem a ilha, sopram cabelos, as nuvens, palmeiras, a folha em que escrevo a breve canção – os ventos gerais, correios tão líricos.

FILOSOFIA DA CONVALESCENÇA

30/09/1947

A doença é uma espécie de aclimatação para a morte, mas aclimatação inútil em face da persistência do ser no mistério da vida. A ação da doença no terreno psicológico costuma, muitas vezes, provocar nas pessoas acendrado amor à existência e no que ela possui de mais quotidiano e mais banal.

Os pequenos acontecimentos diários, quais sejam, por exemplo, o de abrir uma janela ou de assoviar distraidamente, assumem, diante do enfermo, proporções tão vastas que tais ações passam a ser encaradas como feitos de seres privilegiados.

Ficar em casa esperando que a dor se resolva a passar é uma atitude estúpida e injustificável para aquele que não pode abdicar temporariamente de viver, pois somos ou não somos como recitará qualquer enfermo mais chegado à casta hamletiana.

E curioso, os valores maiores da existência, esses que constituem a nossa certeza e nos fornecem o nosso norte em face da vida, esses valores se deslocam de súbito, escapam-nos sem que façamos um gesto menor para retê-los. O que fica justamente é o aspecto classificado desimportante, os planos que constituem mais condicionamentos vitais do que essência ou finalidade do ser.

Vejamos se não temos razão. Se uma criatura de Deus adoecer com que se preocupa ela antes de tudo? Preocupa-se em poder fazer aquilo que qualquer mortal executa sem dar importância: andar, fumar o cigarro que o medico proibiu, tomar o sorvete na hora de costume, o doce de coco, especialidade de uma certa tia, e muito menos talvez: abrir a janela, dizer bom dia ao padeiro, franzir a testa querendo espiar o sol. Lembramo-nos justamente dessas pequeninas ações e até nos sentimos um pouco ridículos depois de verificarmos que os terríveis grandes problemas, as nossas possíveis tragédias ficam atrás da porta, adiadas...

Assim, às vezes, é aconselhável uma doencinha para que a vida se revalorize para nós e tudo, magicamente, e se enriqueça num deslumbramento maravilhoso. Mas, cautela, leitor, nem por isso se precipite. Os remédios estão tão caros hoje em dia que conta da farmácia, no final, poderia acarretar-lhe nova crise hepática...

LONGE DOS OLHOS...

01/10/1947

Nesse dia, nenhum caixeiro-viajante devia viajar. Que a classe confraternize onde está, nos hotéis, nas hospedarias improvisadas, à margem das estradas sem nome, ou talvez, apenas descanse de arrumar as malas para mais uma peregrinação...

O caixeiro-viajante não pode deixar de ser uma figura simpática. E nas cidades do interior é muito mais do que isso: além de símbolo e atestado do progresso econômico das praças onde trabalha, ele assume, diante da plateia feminina, característico de herói, de príncipe e de grande conquistador de... corações vazios.

Quando um caixeiro-viajante chega à terra, dir-se-ia que o ambiente se renova; no hotelzinho da cidade o movimento sobe num vozerio incontido, os amigos do moço de fora vêm saber das novidades, pedem jornais, indagam o preço dos chapéus, do linho e da tricoline. Por sua vez, à noite, na pracinha iluminada ou no adro da matriz, onde as moças se reúnem ele indaga alegremente a vida dos conhecidos e vem a saber que fulana (que pena, tão bonitinha!) casou o mês passado com sicrano, que beltrana desmanchou o noivado (ótimo!) com o rapaz da casa de livros.

Mas, nas horas graves, ele trabalha duríssimo e sem conversa. Termina negócios, desfaz outros sem vantagem, telegrafa para a matriz informando em que pé estão as coisas e, quando se pensa que ele vai ficar, principalmente por causa de certas questões extra-comerciais, eis que, de madrugada, aparece na gare da estrada de ferro para mais longe da civilização e onde experimentará, talvez, toda a sorte de transportes desde um cavalo manco ao cocho para atravessar o rio e encarar o caminho.

Bem se vê, que a classe é heroica, vivendo sem pouso certo, à mercê dos bons ventos comerciais. Quanto à certa boemia tão apregoada por alguns espíritos mais circunspectos, que outra voz mais alta se alevante para declarar a verdade escondida em tão falsa afirmação-verdade que, de tão comum nem se completa mais: Longe dos olhos, longe do coração...

O RIO

02/10/1947

Há qualquer secreta correspondência entre a nossa vida e a das águas que vão para o mar. A inconsciência da morte, porém, dá às serenas ou acidentadas viagens dos rios um feliz conformismo, uma despreocupação do tempo que permite, averiguada nesse tom de singela alegria com que descem as águas como se subissem de fato para a eternidade do ser.

Os caminhos líquidos e móveis seguem pela terra numa despedida interminável e só esta atitude de adeus que não finda, de adeus musical, de constantes suavidades, distende o pequeno mistério das coisas sem alma, afirmando-as e estendendo-as com as mais amplas e profundas ressonâncias. Um rio é integralmente um rio como uma pedra é pura em sua essência de coisa escura, quieta e inanimada. Essa "vitalidade" em estar dos objetos sem vida sugere, por se dizer assim, a possibilidade de uma calma para o coração, trégua tão breve quando a tarde se conclui em longos estremecimentos.

Há rios que descem com sono, entregues ao próprio segredo, mergulhados em si mesmos, guiados pelo tom da igual cantilena, perdidos e ainda completamente lúcidos, na humanidade de estradas sem porteiras. Vidas há que também seguem assim, repletas de si mesmas, plenas do próprio segredo, num reconhecimento interior tão profundo que se diria possuírem-se pela segunda vez. Algo, porém, as divorcia das águas que vão para o mar, permitindo, todavia, essa secreta correspondência. Há um rio porque aqui estamos; as mãos descem, as águas rodeiam o corpo num abraço total, os olhos se extasiam diante do líquido que brilha à luz da manhã e escorre como uma riqueza que os dedos inábeis não conseguem reter.

Que o rio seja feliz em sua inconsciência. Ninguém trocará a segurança de sua desconformidade pela certeza pacífica do não ser.

ODISSÉIA DE ANTÔNIA

04/10/1947

Antônia estava muito preocupada. A filha era pequenina, não sabia falar. Mas o gemido vinha denso e profundo, diante de uma dor que não se podia pôr fim. Leite era difícil, não havia dinheiro. Dava à menina um alimento feito de farinha e água. Mas não adiantou nada. Já estava também quase chorando; se não fosse gente grande talvez se abandonasse a um canto e começasse a chorar mansamente, sem fim, como se todas as realidades se fundissem naquela angústia consistente e sem alívio.

Eis, porém, que lhe passa à porta uma conhecida e lhe diz, depois de chamar-lhe desajuizada - "Antônia, você é tola, não sabe que aqui na cidade tem a assistência à infância? Vá lá que eles te dão remédio e leite pra tua filha. Mas antes precisa matricular a menina".

Antônia não sabia de nada, não. Quis ir logo a essa casa, Infelizmente já era de tardinha e, assim, teve que esperar mais uma noite. A filha gemia pouco, não sabia falar; tinha uns olhos largos, tão abertos que pareciam enquadrar toda a pobreza da paisagem, desfazendo-a em seguida, pois criança que não fala nem ri ainda é no mundo uma promessa de anjo.

No outro dia, Antônia foi até a casa onde ficava esse milagre. Andou um pouco, inutilmente, não estava acostumada à cidade, já que morava assim tão afastada. Mas valeu a pena. A conhecida não lhe mentira. Quando começou a contar a história, comoveu-se de tal forma que a enfermeira teve pena dela, bateu-lhe no ombro, amistosa, deu-lhe três latas de leite condensado. Uma riqueza. O medico não estava, era muito cedo. Antônia madrugara. Voltasse mais tarde, trouxesse a menininha para ser examinada.

Bem, precisava chegar num instante. A vizinha devia ir à fabrica e seria capaz de deixar a filha completamente só. Os bondes passavam perto de Antônia, iam quase vazios. Se ela tivesse dinheiro, ia no bonde...

E quando chegou a casa, respirando forte, numa aflição de pássaro meio salvo e perdido, procurou a vizinha e logo adivinhou.

Ceguei tarde...

Assim que você saiu, ela deu um suspiro maior e...

Eu trouxe o leite... agora, não adianta... e fitou o embrulho numa calma esquisita. (Passemos à cena do enterro que foi banalmente triste, se é que tristeza pode ser banal).

No outro dia, Antônia foi vender as latas de leite na venda mais próxima. Eram agora inúteis e ela precisava de dinheiro para comprar uma vela.

AH, UM SONETO...

07/10/1947

“MEU CORAÇÃO É UM ALMIRANTE LOUCO”...

(Fernando Pessoa)

Há um soneto de Fernando Pessoa muito de nossa preferência e que se inicia com o verso acima transcrito. O grande poeta português, ao afirmar que "o coração é um almirante louco que abandonou a profissão do mar", vem definir muito bem a nossa organização sentimental.

Em verdade, são as pequenas incoerências do sentimento que constituem toda a nossa grandeza, que encerram toda a nossa miséria neste amado e velho mundo. E nós, parece-me, diante da preponderância sentimental de nossa conformação em confronto com a de outros povos, estamos a sentir a evidência dessa verdade mais do que qualquer outra raça. Não me refiro propriamente a este caráter de romanticidade, tão salientado em tempos passados, não quero também destacar a persistência de nossa tristeza como nota de certa música raveliana. Quero, apenas, afirmar que temos, em primeiro lugar, uma sensibilidade mais extensa e que tomará esta ou aquela direção segundo certa época e certo ambiente. Essa sensibilidade não quer dizer, portanto, pieguice nem tampouco a voracidade afetiva de que já se queixava um sábio francês na convivência com brasileiros. Essa sensibilidade apenas afirma a primazia do sentimento, primazia que é confirmada pela facilidade com que sentimos o ridículo, com que nos reconhecemos tímidos e, ainda, pela intuição acentuada das grandes verdades.

Mas, a nada disso quis me referir: este aspecto ficará para outra ocasião. Interessa-me ainda as pequenas incoerências sentimentais responsáveis pelas diversas loucuras do coração, almirante que ensandeceu pela segunda vez, pois sempre escapou a sua capacidade raciocínios mais razoáveis.

Não tentemos, pois, descarnar o soneto. Se o poeta, alma tão mais tocada do mistério, apenas atesta a neblina da situação com certa beleza que isso é da inerência de sua vocação. Que faremos nós diante de mais um soneto? E que soneto...

CENTRO PIO XII

09/10/1947

O "Centro Pio XII", entre muitas de suas iniciativas plenamente realizadas, mantém um curso noturno de alfabetização para os pequenos jornaleros e engraxates de nossa capital. O curso funciona num dos salões da Faculdade de Direito e é dirigido por um grupo de senhorinhas que, abdicando milagrosamente das horas talvez destinadas a distrações ou interesses pessoais, vem conseguindo, pouco a pouco, não só educar os pequenos desamparados de São Luís, como também orientá-los para o verdadeiro caminho do bem qual, seja o de conhecer para aceitar os sadios preceitos de uma moral construída nos elevados princípios da filosofia cristã.

Não sei se os pequenos alunos se mostraram, de início, um tanto rebeldes à escola, quero, todavia, concluir que a persistência do curso é um sinal de grande utilidade do mesmo, proporcionado aos "iniciados" o ambiente que evitará, no futuro, os desvios espirituais, os vícios escravizadores da alma, cuja extinção é tão mais difícil quão mais antiga a implantação na personalidade ainda informe.

Houvesse mais centros com idêntica finalidade em nosso Estado, os núcleos de alfabetização haveriam de, com o tempo, se tornar quase desnecessários, e, embora eu ache dolorosamente triste gente grande que não sabe ler, não sei o que diga diante de uma infância perdida na treva, o menino que não sabe o que é um livro de histórias, que não entende o placar do cineminha e pede ao colega para explicar, o menino que desconhece o letreiro das ruas e praças, que se chama Fernando e nem sabe como é que se escreve.

"Nada mais triste do que um menino triste" - escreveu certa vez José Lins do Rego, grande romancista brasileiro. O "Centro Pio XII", com a sábia orientação de Frei Policarpo, está, quero ter a certeza, concorrendo para o inverso de tal afirmativa: "Nada mais alegre do que um menino alegre".

PINTURA

11/10/1947

Visitamos, ontem, André e Lily de Werder, pintores estrangeiros que pretendem inaugurar, no dia 14, na Biblioteca Pública, exposição de seus quadros.

André e Lily de Werder mantiveram conosco cordial e interessante palestra, proporcionando-nos, ainda, a oportunidade de conhecer muitos dos trabalhos que serão, certamente, admirados pelo público apreciador das belas artes em nossa terra.

Depois de nos revelar o seu entusiasmo pelas paisagens brasileiras, os artistas que ora nos visitam se referiram à maneira fidalga com que têm sido recebidos nas capitais dos estados do Norte, principalmente em São Luís, onde pretendem, depois de encerrada a exposição, colher aspectos típicos da cidade cujo passado está a flutuar na visão colonial, visão atraentíssima para aqueles acostumados a um ambiente sem grandes características especiais a não ser a tonalidade já conhecida dos meios cosmopolitas.

André de Werder é um apaixonado da natureza; sua pintura não nos oferece problemas porque se limita o artista a pintar o que vê (sem outras preocupações de ordem objetiva) completamente integrado na arte que escolheu. A construção dos seus quadros é simples, as cores mantêm aquela harmonia que logo conduzem a mais simples visão à dócil convivência com a beleza. Mesmo nas composições de tendência mais expressionista a livre aparição de um vermelho não produz a surpresa de um deslumbramento quase chocante para olhos ainda não iniciados no expressionismo, e isto porque ainda é a sobriedade a nota preponderante da organização estética do pintor.

Perguntamos a André e Lily de Werder se o artista deve se utilizar de sua arte para instrumento interpretador dos problemas sociais. A resposta foi negativa e nem podia deixar de ser assim, para pessoas completamente dominadas pelo prazer, vamos dizer,

sensual - libertando o adjetivo de tantas sombras impuras - de ver a natureza em toda a multiplicidade de seu encanto físico.

Aguardemos, pois, com curiosidade a abertura da exposição no próximo dia 14.

A CASA OU A BICICLETA?

12/10/1947

A construção da casa popular será realmente acontecimento de grande significação para aquelas pessoas acostumadas a fazer de uma só peça, sala, cozinha e dormitório, e tenham perdido a justa esperança de possuir um teto cuja intimidade faça desejar mais permanência e mais embaladora ternura.

Nós sabemos que há muita casa rica sem o ambiente merecedor da palavra lar, porque justamente não existem aquelas condições sentimentais que tornam pessoal uma total sintonização entre os membros da família. O problema não é para ser discutido aqui, pois a situação inversa se sobrepõe com mais oportunidade: a miséria, a insuficiência de recursos materiais leva, frequentemente, à desordem ao seio familiar de modo tão desolador que a tragédia se torna duplamente maior: nem a casa nem o lar. Uma peça sem as mínimas condições de higiene, a promiscuidade em seu mais alto grau, a desordem material produzindo a desordem moral e espiritual. Por isso acreditamos que a possibilidade de uma habitação modesta onde a gente possa ficar á noite á janela para apreciar o bonde; onde se possa, na mesinha do quarto, ler sossegadamente um livro, onde as pessoas se reúnam para os pequenos comentários do dia depois da refeição humilde – a possibilidade de uma habitação modesta mas higiênica contribuirá para obtenção dessa tranquilidade e dessa paz tão raras nos lares de hoje. Depois, a dona de casa fatalmente há de desvelar-se pela nova residência, a certeza de que esta é a "sua" casa dar-lhe-á a segurança tão necessária à sua orientação dentro do lar. Os arranjos domésticos perdem o caráter de provisório, o cuidado com o novo prédio aumentará à proporção que os proprietários se acostumarem àquele pequeno reino que bem poderia ter um constante exemplo de dedicação, de heroísmo, de abnegação e de ternura.

Shakespeare dizia na mocidade que desejava ficar em casa: – "Home-keeping youth have ever homely wirs". Não deixamos de

ver razão neste pensamento alias tão musical. Todavia, entre uma casa e uma bicicleta (mesmo desatendendo ao valor econômico) - não hesitaríamos: – a casa, a casa antes de tudo. Dentro da casa você pode até sonhar que está andando de bicicleta...

NÉVOA

16/10/1947

A Avenida Beira-Mar, oficialmente 5 de Julho, é pouco frequentada, a não ser aos domingos quando aparecem pessoas que vêm passear. Eu, porém, mal apanho uma folga levo-me para lá, que nada me custa morando assim tão perto. Nesses passeios habituais, vim notando, há algum tempo, a presença de estranha criatura que, em vez de movimentar-se como eu, ou, pelo menos reclinar-se na balaustrada para apreciar o porto, meio ajoelhada num dos bancos mais solitários, o olhar embebido nos longes marítimos.

Aquilo era de fato esquisito e eu amiudei os passeios só de curiosidade e desejo de sabê-la: iniciei a ronda discreta, mais tarde reforcei-a chegando-me para perto do banco, já inventando uma melodia na voz porque a criatura estranha de mim não tomava o mínimo conhecimento.

Na semana última, decidi falar-lhe arranjando comigo mesma um motivo, qual seja a beleza da paisagem. Esse trecho da beira-mar, meio desprezado, facilitaria o meu acesso. Assim planejei, assim executei. Cheguei-me distraída como um passarinho manso, ri pra ela e falei-lhe - "Muito lindo aqui, não acha?" Veio um riso seco que era mais uma contração sem sentido.

--"É..." Depois, olhou-me com minúcia, reparou em meu colarzinho de conchas, apontando como uma criança - Isso ai é ita? - "É sim, você gosta?" Ela tornou a rir do mesmo modo; havia no olhar definindo o semblante, a vazia frouxidão de luzes baralhadas. Uma ponta de receio ficou entre nós como um hiato insolente. Mas eu, resolvida em minhas determinações, insisti diretamente: - "Como é seu nome?" "Maria" - "O que você está fazendo aqui, Maria?" - "Rezando..." Aí, baixou a vista envergonhada como se tivesse dito alguma tolice. Meio desapontada consegui indicar-lhe o horizonte. - "Você já viajou?" Maria olhou noutra direção, e começou a dizer de uma lanchinha preta. Contou em termos soltos e arrastados a partida de uma lanchinha que, com muitas pessoas,

saíra do porto não sei que noite; dizia que os práticos ainda esperavam mas a lancha demorava, demorava... esqueceu-se de mim. Maria também não existia, era uma sombra e eu não sabia mais onde ela estava.

MOTO & AMOR

17/10/1947

Recebi outro dia uma carta tão estranha e tão surpreendente que, naturalmente tenho de conversar com o leitor a respeito do "caso". Bem, imagine que alguém me escreve contando a "rápida tragédia do seu noivado". Qualquer coisa como o teatro corisco do Pif-Paf. Até ai nada de novo. Terminar noivado não é acontecimento para manchetes de jornal. O estranho está justamente no motivo porque os "tais" romperam. Ponha a mão no coração, leitor, e não se assuste. Futebol, creia, futebol. "Ele gostava e ela não tolerava", dirá você pretendendo adivinhar. Pois errou. É inteiramente o contrario. Ela é que sempre gostou e ele não suportava. Quando havia jogo, então era um desespero. Ele queria ir à vespéral e ela queria ver o Moto jogar. Pensava no Moto, gostava do Moto, discutia pelo Moto, vivia sonhando vitórias para o Moto.

Muito bem. Estavam as coisas nesse pé e, eis senão quando, a moça foi subitamente interpelada pelo seu amor, isto depois de duas horas de discussão a que fora ele obrigado a assistir, Moto x Tupan. Esperava com paciência, ele, que a discussão terminasse, discussão esta travada entre um fã do Tupan e a sua futura carmetade. Mas como ia dizendo, a interpelação não podia ser mais incisiva: "Eu ou o Moto?" Ao que ela respondeu, serena e calma, uma flor de cera: "O MOTO". – Pois então, adeus. – Adeus. A cena foi assim mesmo, simples, sem espalhafatos, sem maiores alterações.

Ora, eis aí a história sem tirar nem pôr. Agora me pergunta a moça se não estou do lado dela, isto é, conseqüentemente... do lado do Moto. E eu digo que estou, não tendo em vista a sua sinceridade esportiva, mas a incapacidade sentimental do noivo. Quero dizer (dirijo-me especialmente às leitoras) um moço que não consegue que a noiva, apesar de - vamos dizer - tão boazinha venha desprezar ou, pelo menos, moderar as suas tendências esportivas pelo prazer de estar em sua companhia, só merece a

escolha que foi feita, isto é: entre o Moto e ele... prefira o Moto.
Não pode haver indecisões.

CONGRESSO DE ESCRITORES

18/10/1947

Em Belo Horizonte, reúnem-se, presentemente, escritores brasileiros num II Congresso a fim de conversarem sobre assuntos de interesse da classe e de deliberarem, em sessão plena a respeito dos problemas que devem interessar a todo aquele que vive para escrever ou escreve para viver (não acho maior diferença no caso, a não ser do ponto de vista estético).

Um dos temas a ser debatido no Congresso que está reunindo as figuras principais de nossa literatura e do intercâmbio cultural, ou seja, além da troca mais ventilada de ideias, o conhecimento dos nossos homens de letras, com que naturalmente haveria de levantar o índice de cultura do nosso país, proporcionando, ainda, aos escritores a alegria de ver aumentada, por isso que sempre mais conhecida, a família da gente escrevinhadora do Brasil.

Pois entre uma e outra sessão, haverá, com certeza, oportunidade para que se desenvolva o honesto comércio da amizade, pessoas que se admiravam e, todavia, jamais se viram mais gordas ou mais magras, eis que se abraçam um tanto encabuladas e, logo depois, vão a "Nova Celeste" (bar onde os mineiros discutem desde Baudelaire a Joyce, da Vinci a Portinari, etc.) para o clássico cafezinho. Nesse instante, quero crer, de paz e harmonia hão de ser ventiladas questões de suma importância cuja resolução há de afetar classes outras que pouco têm a ver com o caso, a não ser pela natural engrenagem social, ou seja, nós, os leitores, e eles, os livreiros. Claro que o preço do livro brasileiro será problema a ser estudado com especial carinho. Os livros estão caros, tão caros que até parece ironia, capricho do destino para com a terra onde o índice de alfabetização é simplesmente desolador. Lógico que o imposto sobre papel não devia ser equiparado ao de outros gêneros comerciais. É sofrimento espiritual dos piores ver um livro na vitrina, espiá-lo dias e dias, namorá-lo a cada instante e não poder, absolutamente, comprá-lo. Pra que então saber ler?

Nossa esperança é então esta: que os escritores agora reunidos nas alterosas não se esqueçam dentre tantos problemas que estão pedindo urgente solução, esses destacados agora: intercâmbio cultural e livro mais barato. Assim não terá sido inútil a verba que o Governo Federal destinou a tão importante reunião.

INCOMPATIBILIDADE DE GÊNIOS...

22/10/1947

Sucedem-se os desquites em nosso Estado com uma frequência de pasmar. Geralmente, o mito alegado para a justificação de tal medida é a incompatibilidade de gênios, situação difícil, senão impossível de ser removida. Quem poderá transformar o temperamento das criaturas? Os chineses, com a sua velha sabedoria, já afirmaram: "é mais fácil mudar a posição de uma montanha do que o coração de um homem". Eis porque, diante de emergências dessa natureza, o meritíssimo juiz nada poderá fazer a não ser homologar o pedido requerido.

No entanto, debaixo de motivo tão primário, repousam outras causas cuja descoberta implicaria pequenas humilhações, atestaria, talvez, a ausência de escrúpulos ou da mais comezinha regra de moral quando não chocaria a própria dignidade humana tal a tibieza da nossa consciência e a frouxidão de nossos sentimentos. Incompatibilidade de gênios... Acrescentará o fato, por si só tão grave, situação que impossibilite o quotidiano viver de duas criaturas? Talvez mereça ele a importância que lhe dão as pessoas cujo casamento foi tão somente uma frustração sentimental. Mas, quem afirmará ser ele exclusivamente responsável pela série de tragédias que presenciamos na vida diária? Há procedimentos que apenas revelam puro egoísmo ou o desequilíbrio moral que logo são rotulados com as simples palavras: incompatibilidade de gênios.

É fácil, é muito fácil abusar das palavras. Usamo-las com tal segurança e liberdade que até nos convencemos da própria verdade de nossas falsas alegações a ponto de sermos capazes de ameaçar Deus e o mundo com a infinita corrente de causas irrelevantes.

Incompatibilidade de gênios... Quando seremos mais sinceros para conosco, ainda que em nosso próprio prejuízo?

CHABLOZ

30/10/1947

O encontro com Jean-Pierre Chabloz para as pessoas que se interessam pelas coisas do espirito, não é fácil de ser esquecido. Quando se trata de nós cinge-se de sentimento incontido de súbita admiração a alegria de poder participar, ainda que em planos desiguais, dessa largueza de ambiente mental que proporcionam os seres de sólida e organizada cultura. Se se trata, porém, de pessoas cuja razão intelectual pode ser situada no mesmo nível da mentalidade do artista europeu, alia-se a esta alegria a sensação de maior convivência humana como se, de repente, caídos os véus do desconhecimento, duas criaturas se dessem as mãos, aprendendo, pelo milagre do espirito, a mesma língua.

A conferência que Jean-Pierre Chabloz pronunciou terça-feira, no auditório do Palácio da Educação, é uma prova mínima das possibilidades de sua personalidade como artista e homem de estudos. Seria interessante, concluída que fosse a sua turnê pelo norte do país, a permanência do artista europeu em nossa capital, pois só a lucrar teria a mocidade de nossa terra. Chabloz nos proporcionaria não só uma revisão dos nossos conhecimentos no terreno cultural e artístico, como nos poderia fornecer uma orientação segura e consciente necessária á aquisição de uma atitude serena, equilibrada e mais lúcida no terreno de mentalidades cultivadas.

Franco e duma simplicidade não proposital porque é natural atributo do seu caráter, ele nos permite um entendimento sem reservas onde jamais há constrangimento de uma indagação por mais ingênua que ela nos pareça ou por mais tímido que seja o inquiridor.

Resta, todavia, esperar que ele tenha gostado de S. Luís e da gente moça que já o admira irrestritamente, pois, só assim, se justificaria a sua volta. Nesta hipótese não seria fora de propósito realizasse ele uma pequena exposição dos seus quadros. O "Núcleo Elyseu Visconti", embora modestamente, oferece-lhe seu

velho e desconfortado ateliê, mais como uma prova de amizade do que como pretensão de ser materialmente útil.

UM RECITAL

01/11/1947

Na crônica de hoje deixaremos os nossos comentários a respeito do recital de Jean-Pierre Chabloz e Gerardo Parente. Lamentamos que a platéia tenha sido um tanto reduzida, pois bem mereciam os jovens artistas assistência mais numerosa. Resta pensar na compreensão do pequeno público e em sua fiel preferência por música mais séria.

Iniciando-se o programa por um prelúdio (Pugnani-Kreisler), coube a Chabloz demonstrar a qualidade de sua técnica e a sua segurança de sua execução, afirmadas com mais independência no concerto em mi menor de Nardini. Chabloz é fundamentalmente um artista. Assim, reconhecendo nele o pintor (ampla liberdade de criação), lhe atribuo essa mesma amplitude no plano da interpretação musical e, com isso, quero depressa acrescentar: porque confio imenso em sua capacidade de criação no terreno da divina arte de Bach. Chabloz seria então o intérprete ideal de sua própria arte.

Observando-se, por outro lado, Gerardo Parente, de logo notamos a perfeita identidade entre o executante e a obra de arte; dir-se-ia, num símbolo, essa contínua ligação das águas ao leito do rio de tal modo participa o jovem pianista cearense da mensagem que lhe é dado renovar. Na sonata nº. 1, em fá maior de Grieg, peça brilhante em que se percebe o espírito melancólico e ao mesmo tempo dotado de súbita e exuberante alegria do compositor norueguês - nessa sonata, Gerardo Parente revelando discricção e equilíbrio, coisas essenciais a um bom acompanhador, imprime à sua interpretação grande pureza, qualidade que ele saberá aperfeiçoar como perfeito domínio da técnica pianista.

(...) a Suíça, pátria de Jean-Pierre Chabloz, foi representada no recital por Ernest Bloch, aluno de Dalcroze, o que significa mais do que uma recomendação.

Quanto aos compositores brasileiros, destacaremos sem dúvida Mignone cuja Valsa da Esquina vale como uma definição do espírito musical brasileiro.

OS DIAS INÚTEIS

04/11/1947

Na semana última, dois dias foram dedicados às duas classes sociais: os funcionários públicos e os comerciários. Tenho para mim que a finalidade de tais comemorações diz mais com o fortalecimento do espírito de solidariedade das pessoas pertencentes a tais grupos do que, realmente, com a sua alegria gratuita.

Reflitamos: não vejo qual seja o júbilo de um funcionário (júbilo sem a ideia se sentimento patriótico) público ou de pertencer à classe que se dedica às atividades comerciais. (Não me refiro às vantagens econômicas, claro). Ambas as classes têm a revesti-las a crosta quotidiana de dias iguais, sem acidentes, sem imprevistos, enraizados que são a solidez imutável de um horizonte. Daí o ar de libertação encontrado à saída das repartições e dos estabelecimentos comerciais. Não é o fim do trabalho, a certeza de voltar a casa, vestir o pijama ou ligar o rádio, não é só o pensamento do idílio na esquina que transparece às feições dando-lhes um pouco dessa radiossidade impenetrável como se asas invisíveis roçassem as fronteiras. O ar de quase felicidade vem dessa sensação de liberdade, de sair à rua simplesmente. Afinal, os pés precisam ser usados mesmo para os desencontros ou os afastamentos súbitos.

Por isso, o melhor de tais comemorações é, afinal de contas, ser feriado. A certeza de não ter que ir, de ficar em casa com a outra certeza de poder usar as horas como bem entender (mesmo que nada se faça, que apenas a possibilidade de ficar à janela se realize) - só isto, traz à mente uma euforia, uma leveza que não pertence ao mundo dos dias úteis.

Os dias úteis... Bem se vê não estar eu tecendo o elogio dos dias inúteis. Mas é que são estes que nos permitem tomar conhecimento do nosso pequeno mundo, são estes que permitem a arrumação das gavetas, à releitura das cartas antigas, são estes que também permitem o encontro inesperado com o presente, a

outra experiência a revolucionar a paisagem das sensações definidas.

Os dias inúteis são para nós os mais úteis. Usemo-los até ao cerne.

AS MÁQUINAS

05/11/1947

O casal, que é muito relacionado em nosso meio social, será por certo cumprimentado pelos seus amigos e admiradores.

O velho corredor de um sobrado de azulejo foi transformado em ateliê de costura. De um lado e de outro do pequeno compartimento enfileiram-se as máquinas onde moças, geralmente pálidas, trabalham, fronte curva sem lançar sequer para a rua o resto de um olhar.

Há barulho, as rodas giram sem parar enquanto agulhas vão costurando, ligando, sob os olhos vigilantes das costureiras. O trabalho absorve, dir-se-ia em nada pensarem tal a concentração transparecida nos rostos. Espírito atento, sentidos a convergir para a mais pronta realização das encomendas. Como poder pensar em coisas mais longínquas? Depois há tanta fazenda que bem valeria um mar de retalhos onde se afogassem todas as frases carinhosas, os gestos puros, o inclinar da testa em hora grave...

(...) este o ambiente amargo, seco, único, não fosse o rádio a funcionar em cima numa mesinha no ângulo do corredor.

Vêm os sons revelando uma canção norte-americana, espécie de "blue", sensualidade sem grandes marcas. A eterna confissão, *you* rimando com *blue*, palavras que a moça acha lindo no cinema, sem entender, apenas o *I love you* antes do culminante momento.

Indiferentes, ocupadas, as costureiras não se detêm a notar a música que escorre vinda de um monte inacessível, que é como o rio claro ou verde onde fosse possível mergulhar as mãos cansadas, os pés inchados do trabalho, o rio onde pudessem atirar, num instante de loucura feliz, os dedais, os bastidores vazios, as velhas almofadas de alfinetes, as tesouras enferrujadas, as tesouras, as tesouras...

Giram as rodas, a bainha no vestido é como uma estrada reta e interminável, todavia sem paisagem, sem horizontes, sem convergências de outros caminhos. Porque insiste então a melodia

se é apenas o coração máquina igual a outra, máquina a embainhar
a fazenda descolorida dos dias?...

FÉ

06/11/1947

O milagre existe. Negá-lo é uma atitude que se pode aceitar dentro da liberdade de pensamentos e que logo se repele, se encararmos a evidência de fatos injustificáveis no plano da lógica ou da razão. Os católicos naturalmente acreditarão em Pe. Antônio; os incrédulos poderão também acreditar, pois já não se trata de questões decisivas de procedimentos, mas de situações de fato inegáveis. O milagre existe. Qualquer pessoa pode aceitá-lo, independentemente de princípios religiosos. Não é um dogma, não exige a crença difícil ou internacional, o milagre impõe-se, eis aí.

A única direção para o seu entendimento, todavia íntimo e obscuro, repousa ainda na fé do espírito e esta, no caso, parece-nos um privilégio misterioso, uma escolha cujo critério não é para ser examinado pela inteligência a não ser que se quisesse levantar hipóteses sem qualquer força de convencimento geral, frágeis, portanto, de serem destruídas por um argumento mais ágil ou pela disposição de frases mais frágil e portanto inútil. Para não convincentes. E tudo isso seria argumentar-se com coisas transcendentais, acrescentaremos apenas o seguinte: pessoas cujo comportamento afirma total incredibilidade, eis que, de repente ou simultaneamente creem – creem e o milagre acontece. Outras, porém, cuja fé religiosa chega a ser tradição de família, creem ou parecem crer com ardor e, no entanto o milagre não vem. Que conjecturas poderão ser deste modo lançadas? O próprio fator merecimento se torna não avaliável, isso porque o critério de avaliar valores não sendo fixo assume proporções que a nossa mente não pode medir, porque o fenômeno já penetra no mistério e dele o que só podemos atestar é a sua existência através de fatos que desconcertam o sábio e chegam a desafiar toda a filosofia...

O milagre existe e afirmamos que é preciso crer. A fé é uma atitude heroica, a única atitude de que o século realmente

necessita. Pois se de algo precisamos é, urgentemente, de milagres.

PRELÚDIO E ALLEGRO

07/11/1947

A princípio não era o verbo; a princípio era tão somente os pequenos jogos, os gritos lançando breves fagulhas no corpo da noite que podia ser redonda e funda (não se sabia), envolvendo dessa maneira a rua, a sala de estar e o quintal onde as aves deviam ter estabelecido com a morte um pacto repentino. A princípio era um ar displicente, um cansaço miúdo que sufocava os membros, dificultando-lhes o descanso fácil nas almofadas. O escuro devia caminhar muito tempo para se dissolver numa fonte perdida – talvez naquele bosque no seio dos lagos mansos – não, era difícil penetrar na treva, seguir com ela, acompanhar seu calmo e resignado destino. Entre nuvens enormes ensaiavam o passo de valsa, ondulavam estranhos, dos pêndulos escorria o processo cruel da madrugada. Antemanhã. Um azul espreguiçava-se no fundo dos mares, iria elastecer-se ainda muito tempo (como a pele que envolve os bumbos), iria elastecer-se para adquirir as tonalidades da prata, iria esgarçar-se sem piedade, aproximando-se da revelação. O canto de um galo, apagado e distante veio rimando no ar que se partia. Enormes fendas como terra rachada. Fugia o escuro, cães ladrariam, cães correriam ao encalço inutilmente; alcançariam apenas a líquida ressonância. Agora sim, três notas se ergueram como finas trombetas invisíveis. Era o momento. Na parede branca algo pairou como uma lembrança que saltasse dos olhos, o piano atirou os bemóis cristalizados e uma ventania despudorada remexia o seio das árvores aprontando enorme confusão. No cerne sagrado e virgem, quem poderia negar os estremecimentos? A empregada deixara cair uma coisa, não havia remédio para a insônia. Amanhecia.

OS POMBOS

08/11/1947

Estavam alguns pombos no beiral de uma casa. Isto ainda pode ser em São Luís, pois em cidades mais novas casas com beiral é difícil. Estavam alguns pombos no beiral de uma casa - repito para acrescentar como eles ocupavam o tempo ou como o tempo permitia com o que eles se ocupassem: justamente em nada fazer, numa brincadeira de saltar daqui para ali, dali para acolá com uma graça súbita e que assustava. Mas logo, dois deles, num voo inesperado, desceram do beiral para continuar aqui em baixo uma possível conversa, tête-a-tête, columbiforme (permitam-se o adjetivo), onde comentavam a leveza da manhã a transparência do ar, a dança da poeira... De certo, segundos depois, já trançavam as ideias de tal modo que o assunto tomou uma nova direção, de geral passou a participar e, neste caso, já não estou mais presente, nada direi, graças a Deus sei guardar segredo quando a coisa assume um caráter misterioso me faço de desentendida e, por Sto. Antônio, como não escapulo qualquer palavrinha.

Os pombos conversavam... Fantasie o leitor. Não sugiro. E' inútil insistir. Machado de Assis no Quincas Borba fala das idéias de um cachorro, "poeira de idéia" (Mas eu não sou Machado de Assis nem aqui se trata de caninos e sim de columbinos...).

Atalhos de pensamentos, quero contar a minha história que, por sinal é triste com um desfecho trágico, tão trágico que vem a ser cômico, eis que difícil e árduo é este mundo.

Já foi o tempo em que não havia carros na rua. Hoje em dia é simplesmente horrível, principalmente em certo trecho da Rua de Santana. (Digo Rua de Santana pois foi o local do crime). Pronto. Traí-me, estou no meio do caso. Crime porque o carro (...), os pombos desviaram-se, um para a direita, outro para a esquerda, o da direita foi mais ágil, o da esquerda morreu debaixo da roda. O carro - foi como se nada tivesse acontecido - continuou rolando, a roda vermelha girando. O outro pombo voltou ao beiral, misturou-se com os outros, ninguém podia mais distingui-lo. Aqui terminaria

minha historia se não passasse um carroceiro, passo todo descansado. Viu o pobrezinho no chão, morto, imóvel, sombra angustiada. Como não o observassem colocou-o num canto da carroça. Resmungou sozinho: "vou levar para o jantar". Isto aconteceu ontem, estava eu na janela de uma casa alta, sondando uma ponta de nuvem, quando...

CROQUIS

11/11/1947

Algumas vezes o sentimento do ridículo avança além da medida. Ele aparentemente não se constrangia. Seus movimentos tornavam-se escassos, mas sem perder esse equilíbrio definidor do estado macio da alma. O ridículo fazia sofrer porque persistia sem reservas, porque era difícil de ser removido, não sendo provocado, por exemplo, pelo fato de usar meias amarelas e sapatos roxos. A vergonha miúda de si mesmo repousava em acontecimentos mínimos, comumente não apreciáveis. Como ressonância fatal crescia em ondas em torno dele tal qual o seixo atirado no lago. Afundava em escuro desespero, pressentindo os círculos se alargarem dando notícia de si ao mundo mais longínquo. A certeza de não poder evitar o alargamento suavemente cruel do eu, o invisível derramar da tinta assinaladora do próprio conhecimento, dava-lhe essa brevidade de gestos, essa mecanização das mãos diante dos olhares curiosos.

Era tão pouco... Bastava que, depois de ter pronunciado uma frase mais pensada, se soltasse a leve cortina do silêncio. A culpa não era da frase e sim da maneira como a pronunciava, cauteloso, e, todavia, revelando certa ingenuidade, já então não mais admissível. Sim, talvez fosse ela a causa de tudo. Esperavam ouvir um homem falar e, afinal, surgia a criança com esse ar espontâneo logo despedaçado no ambiente cheio de navalhas. Mas... é ridículo uma criança sabida. Imaginou que riam dele entre grades; senhoras abriam os leques e cochichavam pelas escadarias, o amigo comentaria no bar, entre risadas estupidas, o seu capricho de... (A frase esfriou no pensamento como se virasse cinza). Era ridículo? Faziam-se ridículo? No primeiro caso tudo seria mais fácil porque poderia vencer-se de qualquer modo. Se acaso, porém, deixava-se atingir com tal liberdade que armas conseguiria erguer? Devia estar cercado, melhor então enconchar no vazio do seu desespero. A praia agora era apenas aflição.

CONGRESSOS CULTURAIS

12/11/1947

Uma das vantagens de um Congresso, principalmente quando se trata de jovens e de poder tornar possível o conagraçamento de elementos, que, separados pouco ou nada realizariam em benefício da própria classe. Por isso, as reuniões que vêm promovendo os centros culturais de São Luís muito significam para os moços de nossa terra mesmo que as resoluções tomadas em conjunto não se objetivem com a facilidade que seria de esperar. O que achamos, portanto, mais proveitoso é este intercâmbio de ideias, as discussões que se travam, as sugestões que aparecem repentinamente e que são utilíssimas porque, permitindo ampla liberdade de pensamento, proporcionam ambiente favorável à criação intelectual daqueles que, interessados no espírito, sabem avaliar a riqueza de um entendimento, a ressonância de uma compreensão.

No último domingo, por exemplo, a reunião do Centro Cultural G. Dias contou apenas com a presença de alguns centristas (pouquíssimos) e de dois ou três visitantes. No entanto, o ambiente pôde refletir do encontro essa compreensão sem protocolo, a tal ponto que todos os presentes (bem, quase todos) foram obrigados a participar do programa improvisado. Uma surpresa, alias, agradável foi o que nos proporcionou a senhorinha Lilia Reis, declamando uma poesia que nos pareceu muito (?) uma vez que não nos revelou o nome do autor...

Não sei por que somos refratários a protocolos e solenidades, apreciamos imenso aquela reunião. Mas... estamos fugindo ao assunto. Hoje, nos move o desejo de confessar a nossa inteira solidariedade aos jovens congressistas do Maranhão. É conversando, pensando, discutindo e escrevendo que os jovens caminham para um melhor conhecimento e, portanto, para maior fortalecimento da classe.

A LEMBRANÇA IMPOSSÍVEL

13/11/1947

Nada mais surpreendente, nada mais misterioso do que recordar. É pela lembrança que conseguimos reconhecer em nós aqueles valores, aqueles pontos frágeis de nossa personalidade. Reconhecer, digo eu, pois acredito sempre obscuro o processo filtrativo da memória. Sim, porque nos os lembramos de coisas na idade adulta, aparentemente desconexas com o nosso eu e porque tentamos recordar fatos que cada vez mais se distanciam de nós a ponto de adquirirem contacto com o sonho? A fuga da lembrança encerra algo trágico em sua aparente inconsciência. Sugere-nos a perda de uma riqueza inestimável, como se o tempo apenas permitisse o ser para negá-lo dentro de cada minuto, no correr de cada segundo. Descobrimos, de repente, que velhas preferências estão mudadas, da face imóvel da paisagem dir-se-iam cair constantes máscaras, sendo impotente o nosso gesto, o mais profundo grito para deter a vista mais alegre; o estar-se bem sem grande angústia.

Esquecemos, esquecemos os objetos e as criaturas, esquecemos as vozes que subiam nas manhãs de domingo do fundo do quintal, esquecemos a cor antiga das paredes, o rumor de nossos passos, a aflição noturna, o encontro frustrado, a alegria compartilhada. Tudo se vai cobrindo de névoa, de cinza, de poeira, de escuro. Todavia, isso não é o mais doloroso. O que verdadeiramente representa maior golpe é aquela lembrança escondida, como que ignorada no ângulo trevoso da memória. Ela, talvez, se flutuasse, seria o barco onde navegaríamos, o cavalo em que atravessaríamos a ponte, a palavra mágica, o sésamo que faria abrir a parte oculta da montanha. Ela seria a senha, a flor mágica, luminosa, a íntima revelação do eu, a florescência miraculosa do coração. Mas... esta é a lembrança impossível.

A RAINHA DO NILO

14/11/1947

Os filmes de aventura onde o amor persiste como um *background* agradam geralmente a qualquer platéia. Se os espectadores pertencem, pela idade, à classe de gente miúda, as exclamações, os sinais de entusiasmo incontido diante da tela não devem surpreender os adultos. É natural a demonstração juvenil, porque as crianças não sabem ainda as regras que permitem o controle pessoal ou ainda desconhecem suficientemente o jogo de fingir com pouco caso. As pessoas grandes, não. Com elas tudo é muito diferente. A casta é outra, até parece que jamais foram crianças. Mesmo assim, não deixam de apreciar qualquer cena de fuga mais perigosa ou um diálogo por si tão excitante. Quando os filmes são coloridos o interesse naturalmente cresce. Apesar de não serem mais crianças, as cores continuam exercendo o mesmo atrativo em todas as criaturas crescidas. O preto e branco vence quando em forma de letra, o primeiro é um bom livro, por exemplo.

A vida colorida é bem melhor, não resta dúvida. A propósito: você viu a "Rainha do Nilo"? Aquilo foi muito bonito, não achou? No bonito refiro-me não só à lindeza de Maria Montez, mas ainda no deslumbramento das paisagens, ao rico guarda-roupa, a graça louca daquele ladrão gorducho entre odaliscas. Nisto, a meu ver, se encontra uma das principais diferenças entre teatro e cinema. Mais depressa se aceita o primeiro como arte e mais depressa se aceita o segundo como divertimento. Se há tragédia no cinema, volta-se ao lar com o coração constrangido, perde-se até o sono, a alegria de comentar a película diante de um sorvete de fruta. Os filmes de enredo trágicos tem o seu público, claro. Mas esse não é um público de certa resistência nem todo dia vem o desejo inqualificável de afundar em amargura. Ora viva Maria Montez e o simpático Tuhra Boy.

O TAMBORZINHO SARDO

15/11/1947

No dia de hoje, podíamos redizer as mesmas N coisas do ano passado. Nunca é demais insistir a respeito de sentimentos patrióticos. É mantendo a lâmpada acesa que comprovamos a nossa fidelidade ou a nossa adoração em torno de fatos ou de criações que precisamos sempre encarar como sagrados. Todavia, hoje não se vai dizer que o amor pela Pátria deve estar acima de tudo ou que, democracia é o clima ideal. Hoje, precisamos nos lembrar de uma história que temos ainda na infância, uma dessas histórias difíceis de esquecer e que parecem despertar na alma ainda em formação a veneração pela terra, o amor patriótico. É a historia do tamborzinho sardo. Li-a num livro chamado "Coração", cujo autor, Edmundo Amicis, parece estar muito esquecido hoje em dia. (A propósito, eis um livro que as crianças devem ler, que será sempre e cada vez mais aconselhado à juventude).

O tamborzinho sardo foi um herói, uma dessas criaturinhas que se sacrifica pela pátria com a mesma naturalidade com que brincava com os companheiros. Alguns diálogos ficaram na memória tal a emoção que o escritor conseguia transmitir ao leitor. Lembro-me que se tratava da batalha de Mustosa e que sessenta soldados dum regimento precisavam com urgência de socorros. O capitão, homem de poucas palavras chama o tamborzinho com ar um pouco ríspido e pergunta-lhe: – "Tambor, tens fígados?". Eis uma das frases que não consegui esquecer. – "Tenho sim, meu capitão". Tratava-se de entregar uma mensagem em que o regimento pedia socorro. Mas, para isto era necessário atravessar uma encosta vigiada pelos austríacos. O tamborzinho não desanima, porém. Sai a correr, vai baleado, cai, levanta-se, cai novamente, levanta-se com dificuldade, coxeia e, afinal consegue chegar ao acampamento amigo. Os sessenta homens são socorridos, o tamborzinho volta agonizante eo capitão diante dele, quase sem se aperceber do que fazia, levou a mão á cabeça e descobriu-se. - "Meu capitão, que faz, meu capitão, isto é pra mim?".

Eu não sou senão um capitão e tu és um herói. E assim dizendo beijou-o três vezes no coração.

A BANDEIRA

19/11/1947

Gostaria de ver a bandeira no alto da torre, entregue ao vento, assinalando a distância. Antes, bem sei, haverá o corredor escuro, os lugares desconhecidos no castelo, onde te perderás, noites e noites, afogado em treva, submerso e condenado. As manhãs rolarão, os dias serão pequenas conchas brancas a se amontoarem no leito do regato e tua lágrima não descera, mas ficará quieta e mansa, uma pérola assim trêmula, assim ignorada. E, todavia, rosas desabrocharão, é impossível adiar a hora da flor, o instante do perfume. Cairão pela terra, alimentarão as raízes e volverão depois mais rubras e mais quentes – quantas vezes hão de voltar sem que encontres o caminho, sem que reconheças a torre? Mas, a pressa não deve estar no coração, a pressa deve esconder-se sob os pés como asas que sonhassem a própria forma porque, longe, entre nuvens e algas, dedos macios constroem o símbolo.

Não adianta seguir sem a bandeira. Quando atingires a torre, quando debruçares nas ameias, quando contemples o rio atravessando num momento de tempestade, quando redescobrires a vida - virgem, nova e aumentada - que colocaras para o sinal, que hasteará para além do sonho, depois da hora amarga e grave? É preciso colocar no alto a lembrança de tua presença, o teu verde ou cinza, a cor que defendeste junto ao abismo. Que adianta seguir sem a bandeira?

Gostarás de vê-la, entregue ao vento, leve e vitoriosa, a acenar para o azul, tua bandeira, teu nome em oiro, não a do homem cuja boca emudeceste, não a do país cujo céu obumbraste, gostarás de vê-la como se o teu coração, de qualquer modo ansioso, sentisse na aura fria, a presença maior do infinito.

PROTEÇÃO Á INFÂNCIA

22/11/1947

Não sei de acontecimento mais louvável nestes últimos meses do que este, bem merecedor dos nossos despretensiosos comentários: o contrato que o Serviço Social do Comércio (SESC) vem de afirmar com a Associação de Assistência e Proteção à Infância. Trata-se justamente de estabelecer uma segura proteção à infância pela efetiva realização de uma assistência pré-natal e obstétrica às esposas de comerciários.

Salvo engano, ainda em setembro, tive oportunidade de contar aqui a “Odisséia de Antônia”. Na hipótese de o leitor não se lembrar, devo dizer que se tratava da historia de Antônia e de sua filha que morreu de fome e de desamparo, Antônia, que além de não ter muitos recursos, não entendia absolutamente nada (permitam-me este reforço de negação) a respeito de como tratar uma menininha que nasce ou de que coisas dar à filha em suas primeiras temporadas na vida, quando a criaturinha só sabe chorar, olhar vazio para o mundo ou espernear atoa.

Antônia acho que nem sabia segurar a filha direito. E não tinha ninguém pra lhe ensinar umas coisas indispensáveis. Não havia um serviço cujo âmbito de ação pudesse se estender, com mais segurança, até ao lar das criaturas esquecidas pelo destino. E eis que, de repente, os jornais noticiam que o Sr. Astério Dardeau Vieira, diretor geral do Departamento Nacional do SESC, com o seu assistente técnico, o sr, Jorge Coutinho, vêm especialmente ao Maranhão para tratar do assunto e resolvê-lo dessa vez maravilhosamente. Diante disso, só podemos estar jubilosos com o acontecimento. Talvez que se tal coisa não se realizasse dificilmente o serviço de assistência à infância em nossa capital tomaria um vulto maior, e isto, diga-se aqui, não é por desleixo da associação de que é presidente o Dr. Clementino Moura, a questão é, que sem uma situação econômica mais ou menos folgada, como poderia ser ampliado o nosso serviço estadual?

Claro que não podemos deixar de nos ocupar aqui do assunto. A criança em nosso país é um pouco desprezada. Sem uma compreensão moral e sem a necessária assistência não podemos deixar de ser na juventude um pouco mais tristes do que realmente permite a idade tão sobrecarregada.

Parabéns, pois, aos realizadores de tão bela quão útil iniciativa.

A TIRANIA AMOROSA

25/11/1947

Embora digamos muitas vezes que a atitude corrente do escritor – e de quem deseja se ver livre, por exemplo, dos fantasmas que o perseguem, o uso da palavra, paradoxalmente, não traz libertação. Se por um lado, a pessoa, à proporção que escreve sente maior intimidade no reino da palavra, a ponto de adquirir extraordinária habilidade em combiná-las como se brincasse com pequeninos seixos – esta mesma intimidade não conta no plano da libertação; o artista dir-se-ia um enfeitiçado pelas faces inesgotáveis do mesmo vocábulo.

À proporção que avança no mundo da linguagem, à proporção que conquista, o escritor é quase que, simultaneamente, cada vez mais conquistado. Não há posse total na efervescência inquietante das palavras porque elas são... (?), porque não podemos fixar, na simplicidade do mecanismo da escrita, sua única significação.

O homem que escreve de conquistador faz-se escravo e, seguindo senhor, eis que além é vassalo.

A palavra é uma invenção capciosa, sua tirania está justamente em dominar fingindo-se dominada, em vencer simulando vencimento, em triunfar aparentando escravidão. Desde a procura de uma expressão mais exata ao esquecimento do termo justo – tudo isto é forma única de tyrannizar. A palavra brinca conosco, esquiva-se como a bailarina que não se entrega, finge que vem, prega-nos peças, assusta-nos se, de repente, no frágil espelho de nossa lógica solta devagar as máscaras que lhe aderiam o semblante, infinitamente móbil. Jogo estranho, doloroso, desigual e, todavia, cada vez mais apaixonável. Cada posse, por maior e mais significativa nesse mágico país apenas quer dizer estímulo, excitação fatal que nos leva como objetos possuídos a flutuar num rio escuro e silencioso.

E desde que privamos da sua companhia com os arroubos das primeiras experiências é difícil, senão impossível esquecê-la. É bem o primeiro amor, em toda sua revelação, mistério e grandeza que

se entremostra em cada realização literária, em cada nova conquista, inesquecível, impossível, não reencontrável.

BILHETE A UM JOVEM POETA

29/11/1947

Sálvio, você não ignora talvez que Rainer Maria Rilker tem um livro admirável, cujo título "Cartas a um jovem poeta", já convida inicialmente à leitura. Eu o aconselharia, assim, um novo encontro com esse maravilhoso poeta, não fosse a sua insistência em solicitar a minha opinião, baseando-se para isso, diz você, no meu natural interesse pelas criaturas e coisas desse grande mundo.

Sálvio, eu não entendo poesia nem almejo tal coisa, só faço gostar de certos versos mais do que outros e não procuro razão para essa preferência. O abade Bremond chamou a poesia de não razão mais razoável do que a razão. Isto me tirou, depois de natural reflexão, qualquer esperança de equacionar o problema nos seus devidos termos. Ditas essas coisas, lamento, em seguida, não ter ainda adquirido aquelas qualidades técnicas que me permitiriam, agora, uma opinião sobre os seus versos, ajudando-o, ainda que secundariamente, a fazer poesia sempre melhor. Mas... nem por isso vou deixar de concluir o bilhete...

A preocupação de saber se você tem uma organização poética – eu cancelava esta história e não me importava. Descobri poesia em seus versos (sim, porque há versos sem poesia). Descobri, repito, e estou muito contente em encontrar esse tom desimportante com que você escreve enquanto, subterraneamente, o coração *clownesco*¹ se arrebenta.

Quanto à segunda pergunta que tanto o martiriza: se a poesia não vem "boiando" em você, ou se acontece não poder fisgá-la com certa naturalidade, sou de opinião que não convém forçar. O instante poético não é como elástico pra se espichar até na medida da realização almejada. Por outro lado, o próprio abuso do jogo poético em fatalidades artísticas pode-se tornar perfeitamente despoético.

Finalmente, acho que vale a pena que você continue a escrever. Mas isto algum amigo já lhe disse e, mesmo que ainda não tivesse ouvido tal coisa, já deve ter no coração duas ou três

certezas o que é suficiente para saber-se um pouco mais e...
continuar a fazer poesia. Nada tem a agradecer.

*Clownesco — neologismo muito em moda nos anos 40 e 50 do
século XX, foi até dicionarizado-deriva de clown (palhaço).*

O HOMEM E A SOMBRA

30/11/1947

Saiu o homem de casa. Era noite, o frio não chegava a ser incomodativo. Havia apenas aquela umidade que entristece as coisas, quando o sol, além, entrega a manhã pura e simples. Era noite, o homem procurou os cigarros, de fato pôde encontra-los onde esperava. No bolso esquerdo do paletó. Mas não fumou. Esquecera os fósforos; não voltaria para procurá-los, pediria a um amigo ou a um desconhecido que passasse. Achava sempre estranho quando um rosto que jamais suspeitara existir ficava tão perto do seu. Uma luzinha então surgia, as testas se afastavam e um "obrigado" subia na fumaça leve e delicada. Não ter fósforos, que estupidez a sua... quando mudava de roupa havia de esquecer...

Suas mãos caíram como asas mal fechadas ao longo do corpo e ele foi andando sem destino, olhava no escuro, ficando íntimo da noite como se a possuísse. Foi andando, desceu a rua tão comprida e que jamais cansava. Seus passos ressoavam firmes e um pouco lentos embora não estivesse cansado. Talvez a certeza de chegar, fornecia aquele ritmo invariável. Nada mais causaria surpresa. Mais adiante, encontraria o velho muro, o cartaz desbotado onde a pergunta enfraquecia sem razão "Tosse? Bromil, Bromil cura a tosse". Porque ele não tossia? Se tossisse expulsaria o corvo da treva, o nunca mais ressoaria nas montanhas perdidas... Não quebrar o silêncio interior, respeitá-lo como se de fato algo muito frágil e puro se erguesse naquela hora para um céu inatacável.

A rua assim com um ar de humildade, o muro aparecendo com a naturalidade das coisas permanentes. A sombra do homem se alongou recortada no muro e, como sombra, balançava as flores das mãos, enfermas de tão vazias, agitava a cabeça como mancha inútil e os pés, sem ruído, agora pareciam de lã a forrar o chão para os sapatos enormes. A sombra, a grave, sombra amiga...

SONHOS DE PÁSSAROS

03/12/1947

Andei lendo, por acaso, uma revista velha e encontrei linda reportagem sobre os barcos. Além das fotografias, que não podem sair da moda, de vez que não se trata de lucubrações femininas no mundo elegante, eu não pude deixar de admirar os nomes dos barcos, os nomes ora pequenos, uma só palavra, ora longos, frase que o ondulasse sobre as águas. Não pude deixar de admirar porque eles me apareceram quase versos, sortilégios da poesia na alma dos nossos homens do mar. Deveria citá-los todos para que o leitor também visse como são pitorescos, estranhos e cheios de uma graça que parece subir como um voo frágil. Sim, veja que ternura não contém este "Ninho das Aves", que natural encanto transparece neste "Serenidade". Não, não são, absolutamente, títulos de livros ou de poemas; são nomes de barcos, leitor. Veja este outro, "Príncipe do Mar", e solte a imaginação, pois o barco é bonito mesmo, tem uma vela azulada que tremula nas horas calmas, meio grave, junto à enseada. Por sua vez, "Deus me guia" sugere a segurança permanente. Não há tempestades que amedrontem, não há onda maior que de fato o conquiste. "Deus me guia"...

E "Linda Morena"? Pequeno, já acostumado às viagens, revela o amor do marítimo pela vida nas águas, a atração invencível, um fado obscuro que liga o amor do homem ao oceano traiçoeiro. E este "Beija-Flor" cuja fotografia, infelizmente, não encontrei (revistas velhas, revistas rasgadas), este "Beija-Flor" dá vontade de uma viagem em manhã de domingo, sem sapatos, sem gravatas, sem livros, apenas o sopro macio da aragem, a brisa que brinca na onda, o "Beija-Flor" que nos leva, sereno, levíssimo para uma praia onde haja flores e frutos selvagens cujos nomes sejam, por sua vez, ressonância de "Ninho das Aves" "Riso da Aurora", "Sonho dos Pássaros"...

O SINAL E A CABEÇA

06/12/1947

Com dor de cabeça não se escreve poesia nem prosa, poesia rasteira, prosa mais corriqueira, as palavras vão jogadas daqui para ali sem graça nenhuma, as palavras estão contaminadas de dor de cabeça. Nenhum pensamento se levanta com certo apuro para contentamento do leitor. É dor de cabeça mesquinha, dor que tira a alegria de tudo, a vontade do melhor livro, a aspiração mais recomendável. Não espero, pois, que o leitor me acompanhe nessas coluninhas de hoje. A propósito: é muito melhor encostar o jornal de um lado, despreze-o. Na verdade, se tenho por costume não dizer grandes coisas, hoje, então não serei capaz nem das pequeninas. Poderia apenas contar como essa dorzinha persistente e, a princípio, muito disfarçada, apareceu. Mas, tudo poderá parecer um conto bobo e o leitor, muito naturalmente, dirá – É sinal que tem cabeça. Não deixa de ser, é bem verdade, não deixa de ser. A questão é que este sinal eu não quero. Queres outros sinais mais importantes, como por exemplo, acertar na loteria por meio de cálculos infinitesimais ou desenvolver admiravelmente qualidades telepáticas que, segundo ouvi dizer, todos nós temos embora irreveladamente. Isto, sim, seria um bom sinal que por vários motivos não explicarei aqui por achar totalmente gratuitas explicações dessa natureza.

Sinto que, apesar dessa conversinha agora de manhã, eu não tenha melhorado. Muitas pessoas andam com comprimidos no bolso e até oferecem aos amigos quando eles se queixam de sofrimentos tão intoleráveis. Eu, porém, não uso, tenho medo que façam mal ao coração, é horrível sofrer do coração e é coisa quase difícil se evitar, bem sei, morando em ilhas cheias de ladeiras. A gente tem que sofrer do coração mesmo que não queira bem a ninguém. Dizia que não uso e digo, agora, que não tenho amigos que me ofereçam remédios instantâneos. Porque, afinal de contas é bobagem pôr as mãos na cabeça e sair dizendo pela rua: estou com dor de cabeça, me acudam que estou com dor de cabeça... Adeus leitor. Hoje me despeço cedo. É que "ela" está aumentando.

E' com dor de cabeça que se consegue escrever? As palavras, pobres palavras não encontram um caminho livre, uma estrada real em que palmilhem com certa galhardia. Não é lá muito honesto levar criaturas de boa vontade por veredas que a nada conduzem...

ESTRELA DE BRILHO PURO

17/12/1947

Eis que a terra onde nasceu Apolônia Pinto se prepara para receber os seus restos mortais. A homenagem póstuma à figura de quem afirmou, com a vitoriosa carreira de artista, a tradição, senão a predestinação de nossa gente para o culto da Beleza e da Arte é, por si, tão significativa e tão elevadamente simbólica que, não podemos quase dizer se há nisso essa pura alegria ou a tristeza agridoce, isto é, se o nosso pesar pelo seu desaparecimento longe da gleba afortunada é compensado agora com cerimônias que realizaremos para receber a urna mortuária daquela que foi artista amada e predileta.

Apolônia Pinto, efetivamente, não poderia ficar separada de nós, depois dessa ausência mais longa que se chama morte. Bem sabemos que o espírito é a verdadeira realidade, bem sabemos que o corpo é que é o fantasma, pois que desaparece e se desfaz depois de se ter enganado com alguns gestos e passos. Mas, humanos e percíveis, de que outro modo poderíamos significar o nosso grande culto à alma da grande artista maranhense? Sábios, mui sábios eram os antigos a dispensarem aos seus mortos o culto que eles deviam merecer. Elevada e admirável, portanto, a atitude de Antígona na tragédia de Sófocles. Levou a tal ponto sua compreensão desses sentimentos de fidelidade que preferiu o sacrifício de si mesma a deixar sem as cerimônias de praxe o corpo indefeso da criatura que tanto amara.

“Les mortes vont vite”. Os mortos vão depressa. Mas vão depressa se, realmente, recebem dos que ficam a realidade da morte ainda em vida, se vivendo nada mais fizeram do que uma preparação para a morte definitiva. Marie Basktirseff, a mocinha russa que faleceu aos vinte e quatro anos, escreveu em seu diário que, de qualquer modo, havia de ficar na terra. E aqui ficou, sempre com seus vinte e quatro anos, com seu quadro, seu diário tão humano quão profundamente doloroso. Assim Apolônia. Há de

ficar eternamente entre os seus, estrela de brilho puro, diferente,
serena, imperturbável, nossa amada Apolônia.

UM GESTO

20/12/1947

Ontem, nas homenagens a Apolônia Pinto, havia uma chuvinha leve, miúda, sem ruído, pretendendo atrapalhar o programa já anunciado. No entanto, tudo decorreu como havíamos esperado. Malgrado a chuva, os caminhões passando perto da gente com barulho querendo sufocar os discursos. Malgrado as outras preocupações do fim do ano, como a política, a ansiedade em torno do pleito (muito natural, sem dúvida), o Natal, a ceia, o grito de Carnaval. Prestamos a nossa homenagem e, naturalmente, com flores, música, o Sr. Alberto Alvim filmando a gente e, como que aureolando tudo, a poesia. Não vamos aqui destacar os discursos nem, tampouco, os sonetos que foram ditos no momento. Basta acrescentar que tudo foi muito bom e isto afirmamos sem nenhum favor.

Iniciamos, agora, um parágrafo para falar justamente de Pascoal Carlos Magno. Sua bravura intelectual não pode ficar em brancas nuvens, suas palavras, tenho a, são inéditas para os jovens de São Luís. Porque o grande batalhador do Teatro do Estudante não fez circunlóquios nem rodeios para dizer realmente dos nossos problemas, das nossas dificuldades, das nossas possibilidades. Possibilidades...Até parece muito convencimento da nossa parte falar em realizações com tanta segurança. Mas a verdade é que parece ser necessário que alguém, um anjo bom, um amigo, venha de fora e nos diga uma porção de coisas e nos mostre com segurança a nossa própria realidade que, se é desanimadora não é exclusivamente devido às nossas precariedades. Pascoal, afirmando que poderíamos fazer alguma coisa, disse maravilhosamente em seu discurso do que os moços precisam para fazer também coisas maravilhosas. E empregou simplesmente substantivos e não usou véus para dizer, junto às autoridades, o que os moços estavam precisando. Um lugar onde possam pintar, uma sala onde possam se reunir. Os moços precisam de um estímulo material mais do que de estímulo espiritual, porque eles, afinal de contas, apesar de merecerem pouca confiança, tem em si relativa fé para construir de fato, para

fazer do próprio sonho uma crescente e bela realidade. O discurso de Pascoal Carlos Magno, além de estímulo e confiança, foi uma prova de que temos também alguém em nosso caminho e que lutando pelos mesmos ideais, conseguiu provar não só ao Brasil, mas fora do nosso país de que é capaz o espírito quando...? ... as nossas palmas sinceras para Pascoal Carlos Magno e temos a impressão de que, neste gesto, seremos acompanhados por todos os moços do Maranhão.

O ÚLTIMO DIA

31/12/1947

Não há diferença, o dia chegará do mesmo modo, a madrugada espreguiçando um pouco tonta e, logo, se firmando na clareza de nova manhã. Um galo dará o mesmo sinal, os carros atravessarão as ruas e um homem subirá as escadas de um prédio em passadas já conhecidas. No entanto, sabemos que será diferente, sabemos que um círculo se firmou para sempre, sem portas que o devassem nem janelas subterrâneas. Há bagagens nos porões, cadeiras velhas que tanto serviram são agora imprestáveis, o passarinho de estimação cochila eternamente empalhado sobre um antigo armário. E os gestos, o sorriso, a voz, - os frágeis sinais humanos - permanecem indevassáveis, chegando apenas como um sonho na visão da memória. Há também cartas, mas tão distanciadas do coração que as escreveu ou da cabeça que as ditou, que melhor seria não mais revê-las. Resta a glória de um encontro que trouxe para o rosto uma pequena cicatriz ou a profunda iluminação do olhar. E, se as mãos estão cansadas se sentem, por outro, lado mais experientes; manhã talvez que se ergam num gesto inútil para conter a sombra, o voo de uma abelha na hora serena. Esta é realmente a sabedoria que os anos nos trazem à guisa de uma recompensa ou de um consolo não pedido e, todavia, desejado diante das riquezas deixadas em caminho.

Certa ligeireza no andar, certa graça tímida, certa inocência do corpo, breve confissão dos lábios agora mais sérios, mais graves ou mais abandonados.

"Amanhã será outro dia" (vai entre aspas porque me parece ser título de um "best-seller" norte-americano). "Amanhã será outro dia" é frase que às vezes a gente ouve depois de um naufrágio espiritual ou moral, palavras que pretendem levantar o ânimo. Refletindo, com mais imparcialidade, chegamos a pensar num amanhã como ressonância de hoje, porque nos levamos nós e os nossos constantes despojos para um amanhecer desconhecido. Não há diferença a não ser na mudança

inconsultável do tempo, permitindo o leve susto da alma outra vez
diante da esperança, verdes palmas contra um céu um tanto
escuro.

MATERIAL DIGITADO POR: APROVA MENTORIA

ARQUIVO DIGITADO PARA FINS DE ESTUDOS. TODOS
OS DIREITOS RESERVADOS AO AUTOR ORIGINAL.

